



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS – CAHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

EDMÉA BARBOSA DOS SANTOS

AS MULHERES E O GARIMPO NA CIDADE DE MUCUGÊ/BA:
Uma análise da auto-representação feminina em suas narrativas orais

CACHOEIRA-BA
AGOSTO/2022

EDMÉA BARBOSA DOS SANTOS

AS MULHERES E O GARIMPO NA CIDADE DE MUCUGÊ/BA:

Uma análise da auto-representação feminina em suas narrativas orais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como exigência para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regiane M. de O. Nakagawa
Linha de Pesquisa: Mídias e Sensibilidade

**CACHOEIRA-BA
AGOSTO/2022**

S237m Santos, Edméa Barbosa.

As Mulheres e o garimpo na cidade de Mucugê/Ba: uma análise da auto-representação feminina em suas narrativas orais. / Edméa Barbosa Santos. Cachoeira, BA, 2022.
180f., il.

Orientadora: Profa. Dra. Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mídias e Formatos Narrativos, Bahia, 2022.

1. Garimpo – Mucugê (BA). 2. História Oral. 3. Garimpeiras – Bahia - Aspectos Sociais. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 622.1841

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB. Responsável pela
Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

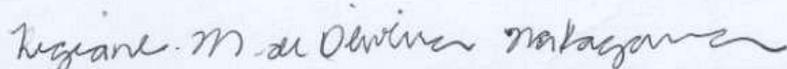
Edméa Barbosa dos Santos

**AS MULHERES E O GARIMPO NA CIDADE DE MUCUGÊ/BA:
Uma análise da auto-representação feminina em suas narrativas orais**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Comunicação, da UFRB Sob Orientação da Prof.
Dr^a Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa.

Aprovada em 24 de agosto de 2022.

Comissão Examinadora;

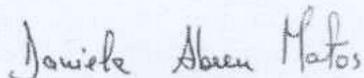


Prof.^a Dr.^a Regiane Miranda De Oliveira Nakagawa, UFRB
(Orientadora, Presidente da Banca)

Danielle Zuma Capellani

Assinado de forma digital por
Danielle Zuma Capellani
Dados: 2022.11.28 11:46:47 -03'00'

Prof.^a Dr.^a Danielle Zuma Capellani, IFSP
(Examinadora Externa)



Prof.^a Dr.^a Daniela Abreu Matos, UFRB
(Examinadora Interna-)

CACHOEIRA-BA

2022

AGRADECIMENTOS

Este, talvez, seja o momento mais satisfatório, pois é aqui, nos agradecimentos, que posso falar de emoção, afinal, é muito importante reconhecer quem chegou comigo até aqui e quem direta ou indiretamente contribuiu com esta pesquisa.

Primeiro, toda a minha gratidão vai para Mariana Figueiredo, minha esposa, um ser humano que distribui amor, caridade e que se dedica a construir uma sociedade melhor. Mari sempre esteve ao meu lado desde o primeiro momento; todas as escritas destes três anos enquanto mestranda houve a escuta dela, todas as entrevistas foram assistidas por ela, as viagens para Mucugê foram ao lado dela e, desta forma, este filho é tão meu quanto dela.

Em segundo lugar gostaria de agradecer a Dona Letícia, do arquivo Municipal de Mucugê, por abrir as portas de seu conhecimento para esta pesquisa. Em seguida preciso citar Tia Val, Dona Zelani, Dona Neuza Pina e Dona Isabel, as quatro mulheres entrevistadas que proporcionaram as narrativas que aqui foram analisadas. Além delas, a Júnior Pina, Edmundo do museu e Eivaldo.

Agradeço do fundo do meu coração a Regiane, minha orientadora, que, além de professora, foi amiga, parceira e, além de tudo, minha escuta em momentos de dor. Quando entrei no mestrado, tive a surpresa inesperada que minha mãe estava com metástase de um câncer bem agressivo, que foi tomando seus órgãos. Em três anos de tratamento, foram 4 cirurgias, várias quimioterapias, internamentos e crises; vivenciei o processo acadêmico entre as idas e vindas ao Aristides Maltez. Mas, durante todo o processo, tive a caridade de Regiane como amuleto de força e sorte. Não sei contar quantas vezes ela disse: “faremos tudo no seu tempo!” Sigo hoje, com muita gratidão!

Aproveitando o ensejo acadêmico, Jussara Maia, coordenadora da Pós-Graduação em Comunicação, durante meu percurso, que, incansavelmente, abraçou a minha dor, trouxe conforto, carinho e palavras de incentivo. Ao grupo de professoras e professores do programa, em especial a Jorge Cardoso Filho, Daniela Mattos, Nadja Vladi, Hérica Lene e Lilian Reichert. E, por fim, aos colegas da turma de 2019: Alissandro, Marcelo, Saulo, Izabella, Renata, Dalila, Daiane, Priscila e Camila, com e parceiros a quem dedico admiração e amizade.

Todo meu amor para minha família Barbosa, minha mãe Delci, minha irmã e amiga Leila, meus irmãos Edinei e Alan, gratidão por terem contribuído com minha

formação identitária. Sem vocês a jornada não seria tão dadivosa. Agradeço por existir pessoas especiais como Jeane Cardoso, Norma Ney, Manuela Simão, Alan Oliveira e Ueslei Solaterrar, por toda amizade, parceria e afeto.

Por fim, sou grata a Deus por toda proteção e por me permitir chegar até aqui, com vida e saúde!

“Não me julgue, pois vim da árvore de minha avó, pousei no caule de Delci Barbosa, fui adubada por Jeane. Ando ventilando no mesmo pomar que Mariana, Leila, Norma e dia após dia, vou me construindo através das narrativas de vocês que aqui desfrutam da minha companhia. Enquanto tiveres voz, aqui haverá escuta.”

Edméa Barbosa

RESUMO

Este documento de dissertação, concretizado no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, faz uma análise através do aparato da oralidade levando em consideração a narrativa oral como ferramenta analítica, para compreender de que modo quatro mulheres que vivenciaram, direta ou indiretamente, a época do garimpo se auto-representam em suas narrativas orais. Tradicionalmente a mulher surge na história da Chapada Diamantina como personagem secundária, aquela que fazia parte da sociedade, mas não era vista ou descrita enquanto uma garimpeira, quiçá uma heroína; é o que nos conta autores como Fernando Sales, Herberto Sales e Helena Medrado. Diante deste fato, foi traçada uma linha de investigação com o intuito primordial de compreender como algumas mulheres falam sobre suas experiências ao revisitar suas memórias sobre a época. Como estratégia metodológica foi utilizado uma pesquisa bibliográfica sobre a região, além de entrevistas não estruturadas focalizadas, coletadas por esta pesquisadora para atingir nosso objetivo principal. Nesta pesquisa três teóricos sustentam as nossas percepções atribuídas às mulheres de Mucugê, Walter Ong e Paul Zumthor que nos amparam quanto a oralidade e seus aportes classificatórios e Candida Gancho ao trazer o suporte para entender a narrativa como uma ferramenta essencial para percebê-las através de seus próprios relatos. Por fim, os resultados deste estudo demonstram que historicamente o que nos parecia oculto, sobre as mulheres da região, vêm surgindo, ativamente, mesmo que em um contexto secundário.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade. Narrativa. Garimpo. Mulheres. Gênero. Mucugê.

ABSTRACT

This dissertation document, carried out in the Post-Graduate Program in Communication at the Federal University of Recôncavo da Bahia, analyzes through the orality apparatus, taking into account the oral narrative as an analytical tool, to understand how four women who experienced, directly or indirectly, the mining era represent themselves in their oral narratives. Traditionally, the woman appears in the history of Chapada Diamantina as a secondary character, one who was part of society, but was not seen or described as a prospector, perhaps a heroine; this is what authors like Fernando Sales, Herberto Sales and Helena Medrado tell us. Given this fact, a line of investigation was traced with the primary aim of understanding how some women talk about their experiences when revisiting their memories of the time. As a methodological strategy, a bibliographic research on the region was used, in addition to focused unstructured interviews, collected by this researcher to achieve our main objective. In this research, three theorists support our perceptions attributed to the women of Mucugê, Walter Ong and Paul Zumthor, who support us in terms of orality and their classificatory contributions, and Candida Hook in bringing support to understand the narrative as an essential tool to perceive them through their own stories. Finally, the results of this study show that historically, what seemed to us to be hidden, about women in the region, has been actively emerging, even if in a secondary context.

KEYWORDS: Orality. Narrative. Mining. Woman. Gender. Mucugê.

LISTA DE SIGLAS

APEB	–	Arquivo Público do Estado da Bahia
APMM	–	Arquivo Público Municipal de Mucugê
AMRC	–	Arquivo Municipal De Rio de Contas
BA	–	Bahia
FMM	–	Fórum Municipal de Mucugê
FMA	–	Fórum Municipal de Andaraí
UFRB	–	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
ICMBio	–	Instituto Chico Mendes De conservação de Biodiversidade
IHGB	–	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Museu Vivo do Garimpo	20
Figura 02	Feijoada de garimpeiros na Serra do Bate Palma, Mucugê, 20/09/1994	21
Figura 03	Fruto Mucugê	32
Figura 04	Praça do Centro Turístico de Mucugê/BA	33
Figura 05	Padrão das casas	34
Figura 06	Serras que cercam a cidade de Mucugê/BA	35
Figura 07	Garganta em meio à serra	36
Figura 08	Córrego de pedras	36
Figura 09	Centro Comercial de Mucugê	39
Figura 10	Mapa de Mucugê	40
Figura 11	Casarão Antigo	41
Figura 12	Casarão da fig. 09, no ano de 2019	41
Figura 13	Escultura em formato de diamante na Praça dos Garimpeiros	80

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	19
1 A CHAPADA DIAMANTINA, O GARIMPO E A CONDIÇÃO DAS MULHERES.	30
1.1 Mucugê: uma cidade histórica.....	31
1.2 Garimpo: o diamante à beira do Rio Cumbuca.....	37
1.3 As mulheres garimpeiras na história de Mucugê.....	44
1.4 Compreendendo o gênero feminino	53
2 COMUNICAÇÃO E ORALIDADE EM MUCUGÊ	60
2.1 Os diferentes ambientes da oralidade	62
2.2 As marcas da oralidade na constituição das narrativas	65
2.3 Os silêncios	75
3 AS NARRATIVAS DAS MULHERES MUCUGEENSES	78
3.1 O espaço	79
3.2 O enredo.....	80
3.3 As personagens	88
3.4 O tempo.....	93
3.5 As narradoras	98
3.6 A auto-representação das mulheres garimpeiras	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	116
GLOSSÁRIO	124
APÊNDICES.....	127

APRESENTAÇÃO

Me construindo

Nesta apresentação, gostaria de contar um pouco sobre mim, como venho me construindo, e quais caminhos me trouxeram até aqui.

Sou Edméa Barbosa dos Santos, mulher cis, lésbica, casada com Mariana Figueiredo. Nasci em setembro de 1980, meu pai é Ernesto José (*In Memoriam*); paiinho faleceu quando eu tinha três anos e o meu irmão tinha apenas onze meses. Também sou filha de Delci de Jesus Barbosa (*In Memoriam*), uma mulher guerreira que foi vitimada por uma metástase cancerígena descoberta em 2019 e que foi a óbito dia 22 de dezembro de 2021.

Quando Painho faleceu, lá na década de 80, a família que passou a prevalecer em nossa vida foi a de minha mãe. Sendo assim, a infância foi na cidade de Alagoinhas. As férias escolares eram na roça dos meus avós, catando castanha, ajudando na colheita, tomando banho de rio, construindo um amor absoluto pela vida rural e criando laços familiares que, até hoje, são motivo de orgulho.

Na adolescência sonhava em ser escritora, mas o medo era consumido pela incerteza de como seria o futuro. Em qual profissão me encaixaria, se não tinha perspectiva de cursar uma universidade? A juventude chegou e, com ela, surgiu a profissão de cabeleireira, função que, desde então, me sustenta em qualquer cidade onde eu esteja. Trabalhar com beleza é confortável, o dinheiro é garantido e quanto maior o trabalho, maior é o salário. Com isso, os sonhos acadêmicos foram adormecidos.

Quase vinte anos depois, em 2013, o desejo de aprender me levou ao ENEM, que me deu o direito a uma bolsa integral na UNIRB (Faculdade Regional da Bahia) no bacharelado de jornalismo, uma realização pessoal indescritível. A graduação me proporcionou muito aprendizado; um deles foi a imersão nos estudos de gênero e sexualidades, um bálsamo para a minha identidade militante LGBTQIA+. Tanto que, em 2015, idealizei uma revista experimental sobre a cena da arte transformista em Salvador, junto com minha esposa. O projeto foi muito bem aceito, afinal, era uma contribuição que trazia visibilidade e perfis sobre artistas transformistas de Salvador, mesmo que de forma online.

No segundo semestre de 2017 me formei Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo, pelo Prouni, sob a gestão da Presidenta Dilma Rousseff. Um parêntese

sobre isto, é que sou a segunda pessoa graduada da família Barbosa, a primeira foi minha irmã Leila (Professora), pelo mesmo programa do governo. Na atualidade, continuamos a ser as únicas com graduação e em breve com mestrado, por meio do ensino público e de incentivos advindos dele.

Enquanto estava na construção do TCC, em 2017, candidatei-me a uma vaga para a pós-graduação *Stricto Sensu* no PPGCOM da UFRB, mas não obtive sucesso na prova escrita, sendo desclassificada na terceira fase. Um ano depois, surgiu uma nova oportunidade, e a seleção de 2018 resultou positivamente, o que me fez ingressar no programa com o intuito de obter o título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da profa. Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, uma grande mestre, que colaborou para o aproveitamento do curso e o desenvolvimento do projeto, em um ambiente confortável e muito agradável, que resulta neste documento de dissertação.

Falando em construção é preciso me reconhecer. Raça, parte identitária

Sou a filha primogênita de Delci, uma mulher de pele clara, cabelo liso, preto, nascida e criada na roça “Tucum”, em Araçás, na Bahia. Minha mãe estudou apenas até a segunda série, mas sabia ler e escrever. Meu pai, Ernesto, um homem de pele “morena” e cabelo crespo (segundo a única foto que tenho), me permite identificá-lo como pardo. Mainha é filha de Antônio, um homem branco de descendência portuguesa e de uma mulher negra, Alzira, descendente indígena. Visualmente, a família construída pelo casal tem filhos de pele negra e de pele branca, já os pardos se apresentam na segunda geração, os netos.

A partir dessa árvore familiar, poderia aqui adentrar uma discussão sobre colorismo, porém, esta não é a minha intenção. Aqui quero afirmar que faço parte do privilégio de estar no meio do caminho é não sofrer com o racismo diário, que grita e agride a negritude de uma pessoa, e ao mesmo tempo conseguir identificar as consequências de um rizoma racial estruturado, velado em raízes que provocam dor e desconforto.

O racismo chega nos olhares, na dúvida que é colocada quanto à capacidade, à inteligência, ao profissionalismo técnico e até mesmo no que diz respeito às questões prazerosas. Há dúvida sobre ser boa, ou bom em alguma coisa, o que exige provas diárias para ser aceita. Estar neste meio termo, nesse corpo pardo, não significa esconder-me, e sim lembrar diariamente de afirmar que sou uma mulher

negra, pobre, nordestina e lésbica, para que os somatórios das experiências dessas subalternidades sejam vistas como parte da minha identidade, e de que me auto-represento socialmente.

As percepções da minha raça me fazem sensível, e trazem proximidade ao objeto de estudo. Como veremos adiante, algumas pessoas citadas nesta dissertação são negras, mulheres, interioranas, descendentes da escravização do ser humano, de corpos que viveram à duras penas da sobrevivência, mas que vivenciam hoje as suas existências da melhor forma possível, por meio das “boas lembranças”.

A universidade diversa, é possível circular na UFRB

Ingressar na UFRB não foi uma tarefa sofrida, afinal, a Universidade do Recôncavo é um núcleo acadêmico que abriga e possibilita as vivências das diversidades sociais. Prova disso é caminhar entre as ruas de Cachoeira e São Félix e perceber que as humanidades são diversas, no imaginário, na performance e na intelectualidade.

O programa de pós-graduação em Comunicação da UFRB dedica-se a produzir o intelecto acadêmico da pesquisadora (o) baseado em construção. Por exemplo, nas discussões em torno do objeto de pesquisa já havia a inquietação de saber mais, buscar mais, e, para isso acontecer, foi necessário circular entre o campo das humanidades para um embasamento mais amplo sobre aquilo que estava sendo discutido.

Com isso, o programa possibilitou que, mesmo sendo estudante de comunicação na linha de pesquisa em Mídias e Formatos Narrativos, fosse possível conhecer e perceber o ambiente das ciências sociais pela disciplina Estudos Interdisciplinares de Gênero (PGSS092), conduzida brilhantemente pela professora Dr.^a Ângela Figueiredo. O curso me deu uma nova perspectiva sobre as interseccionalidades e a importância de um olhar mais atento a elas no meu projeto. Além do aparato teórico da disciplina, foi importante as trocas com mulheres que estão academicamente voltadas à construção de reconhecimento e empoderamento feminino, uma experiência ímpar.

A ciência me levou até Cachoeira de São Félix. O meu lugar de fala neste processo

Quando escutava falar de Cachoeira, lembrava das vezes que minha avó citava as idas para lá. Dona Alzira era católica e andava pelo Recôncavo em busca da sua espiritualidade. O frio que sentia em meu coração dava indícios da importância daquele território, sensação parecida que sentia ao ver a Chapada Diamantina, uma espécie de sexto sentido.

Quando estive em Mucugê pela primeira vez, em 2016, fui despertada pela curiosidade, mas que ficou adormecida. Era uma inquietação de perguntas que não foram respondidas: Quem eram aquelas mulheres que estão em meio aos garimpeiros? Que histórias seriam aquelas? A qual sistema identitário elas pertencem?

Em 2017, ao escrever um projeto sobre as mulheres garimpeiras, um elo se formou entre ciência, paixão e empatia. Isso porque, quando escutamos a história de uma localidade, nem sempre conseguimos conhecer os detalhes da vida das pessoas envolvidas. Há coisas ocultas, por exemplo, em minha família recentemente descobri que as terras de minha avó e de meu avô, eram da matriarca, Dona Alzira. Mas confesso que não lembro de ter escutado sobre a família dela, ou de como ela se reconhecia no mundo, se autoafirmava e nem mesmo este fato era comentado.

A memória de uma família, de uma comunidade, se apaga com o tempo. Há lugares que se perdem na história e ficamos com várias lacunas; E essa sensação do não saber me acompanha, não apenas em minha família, mas em lugares onde percebo o silêncio, o silenciamento de vozes que deveriam ecoar. Esse é um dos motivos pelo qual comemoro a união entre a pesquisa e o meu lugar de fala neste objeto.

A pesquisa, Mucugê e a Pandemia

Eu cheguei em Cachoeira e, da minha experiência no mestrado, posso dizer que, quando iniciamos, há um medo constante que cerca nossos passos. Chegar atrasada na aula é um tormento, pois já não somos graduandas, somos “profissionais” na academia, não temos “cara” para entrar na aula e dar boa tarde sabendo que, ali, uma doutora em comunicação vai avaliar nosso projeto e nos avaliar por inteiro. A sensação de culpa pelos minutos perdidos fica escondida quando começamos a discutir texto após texto e trazemos nossos objetos de estudo, os quais passam a ser inseridos em qualquer assunto. Nós apresentamos os exemplos e acabamos por sê-los para os outros colegas.

A orientação chega e, após limar nosso prazo, refazer o recorte e dizer que começamos em direção oposta, passamos a enxergar o objeto de estudo como um problema, com ou sem resposta. A partir daquele momento tudo passa a ter sentido em nossas vidas. Diariamente, queremos provocar a indagação que descobrimos, das mais diversas formas, levando em consideração uma diversidade de teóricos que nos inquietam, mas que nos fazem ficar calmas, afinal, o nosso sonho está se tornando realidade.

Meu processo de campo evoluiu no segundo semestre do mestrado, em 2019. Além das disciplinas e das trocas em sala de aula, havia um laço feito por minha orientadora, Regiane. Com maestria a doutora em semiótica conseguiu prender o meu olhar na direção analítica da semiótica, a ponto de compreender que a cada novo dado da pesquisa era possível perceber novos caminhos para as análises.

O ano de 2020 foi o ano Pandêmico, o emocional foi abalado, o profissional foi castrado, e os sonhos foram escorridos pelas incertezas do amanhã. A Covid-19 castrou não só vidas, mas paralisou vivências e experiências e nos deixou inertes. Para mim, um fundo do poço, onde o nada consumia minhas forças, pois já não tinha no meu vocabulário a palavra mais amada: “futuro”.

O ano de 2021 chegou com esperança, apesar dos meses iniciais que repetiram os efeitos do ano anterior, porém, a chegada da vacina trouxe esperança. De alguma forma, surgia um sorriso que vinha da alma, e foi partindo desse fragmento que conseguimos dar segmento à escrita, chegando assim, ao nosso primeiro capítulo da dissertação. Novamente não foi possível dar continuidade, pois o final do ano foi tomado pelo agravamento da doença e morte de minha mãe, uma dor incalculável. Porém, “Nada é por acaso”. Aqui estamos em agosto de 2022 defendendo esta dissertação. Uma vitória!

Tirocínio, eu queria tanto dar aula

Sem dúvida, essa era uma das etapas mais esperadas por mim, pois, desde que adentrei a graduação em comunicação, sabia que o meu lugar preferido era a sala de aula. Porém, alguns programas de Pós-Graduação não demandam obrigatoriedade do tirocínio no processo de formação. Para alguns não há vagas suficientes, para outros falta estrutura e, assim, essa necessidade fica apenas à cargo das pessoas bolsistas.

Passei pelo processo de Mestrado contabilizando 40 meses, mas em nenhum fui contemplada com a bolsa de estudos, dessa forma, não havia obrigatoriedade para o tirocínio. Ao pedir a indicação voluntária não fui aceita, pois não era indicado devido à sobrecarga da pesquisa e da vida pessoal. Uma decisão acertada da minha orientadora.

O fato ocorrido precisa ficar registrado como uma demarcação de território de uma experiência que foi castrada por um sistema de não obrigatoriedade. Os motivos desse impedimento ao que se refere à minha pessoa podem ser compreendidos como sobrecarga, porém não devem ser aceitos como justificativa para os demais, afinal outras colegas também não tiveram a experiência de sala de aula. Saliento a importância de passar por todos os processos de aprendizado, mesmo que com dificuldade. Bem, temos à frente um futuro propício para o doutorado, que certamente abrirá portas para novas experiências.

Falando em oportunidades, entre 2019 e 2021 estive à cargo das demandas da representação discente. E foi ali que percebi que o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB é construído por um grupo de professoras e professores que estão diretamente engajados no projeto educacional que visa contribuir com a universidade pública no Brasil, direcionando os esforços para a evolução e manutenção do corpo discente e da pesquisa acadêmica.

A UFRB é o que se chama de universidade nova, que caminha lentamente, mas os programas de pós-graduação sofrem as consequências da falta de manutenção do Estado, são amparadas e adotadas por doutoras, a maioria mulheres, que levam em seus braços a academia, as pesquisadoras e pesquisadores como se fossem filhos. Estar à frente da representação discente me fez conhecer Jussara Maia, Daniela Matos, Regiane, Jorge e outros que fazem da universidade pública um projeto pessoal de construção social. Um orgulho fazer parte enquanto discente e representante das demandas coletivas. Aqui fica o desejo de ser como elas (es) em um breve futuro.

A pesquisa acabou, e agora?

Vou Garimpar!

Desde que traçamos as análises que faríamos em torno das narrativas, o problema ganhou corpo, e as respostas surgiram. Confesso que chegaram com imaturidade, Tateando, foi cedo que vi naquelas narrativas respostas de um projeto tão

novo. Por meio do embasamento teórico foi possível o amadurecimento daquele corpo e daqueles problemas que revelavam suas vertentes e, então, foi nascendo um filho. O tão sonhado texto que descreveria minhas impressões em torno as inquietações que sugiram há tanto tempo, lá naquele museu de Mucugê.

Meu fruto surgiu. A sensação é de que trouxe um filho ao mundo. Confesso que há em mim uma percepção de que o dever foi cumprido e com amor, cuidado e muito carinho, tendo ao meu lado Regiane, ouvindo as palavras de força de Jussara Maia, e, principalmente, a companhia da minha esposa, que abraçou meu sonho e partiu junto comigo à Chapada Diamantina em busca de narrativas e emoções que serão levadas por toda uma vida.

Estou com um bebê nas mãos, a obstetra que me acompanhou foi Regiane Miranda, a doutora que possibilitou o nascimento deste escrito com todo cuidado e atenção. Mas de agora em diante seguiremos para a apresentação destes achados em novos territórios, levando as teorias defendidas neste produto para onde for possível, buscando novas vertentes e leituras que possam engrandecer esta obra, afinal, aqui desenvolvemos algumas análises, porém deixando em aberto outras tantas possibilidades.

Quando for à Chapada, chegarei com o olhar mais curioso e observador. O coração mais cheio de amor e admiração por aquele povo, após as experiências vividas até aqui. Desta forma, darei continuidade a este ciclo muito em breve.

Sigamos na fé, em busca de diamantes, através das narrativas, da memória e da história.

INTRODUÇÃO

Minhas férias, ou feriados prolongados, normalmente são na Chapada Diamantina/BA. A primavera de outubro de 2016 trouxe um ambiente fresco e colorido para a região, as estradas estavam tomadas por borboletas, a paisagem permanecia indescritível em todas as cidades onde passei. Naquele ano, a cidade de Mucugê/BA foi o ponto de apoio que escolhi para explorar a redondeza, pois, por mais que eu goste das cidades que ficam no entorno, é lá, naquela pacata vila, saboreando um caldo de cana e comendo um pastel, sentada no batente da calçada da praça principal enquanto converso com vendedores locais, que recarrego minhas energias.

Mucugê é uma cidade que explora o ecoturismo e, dentre vários pontos turísticos, alguns são encantadores: o Cemitério Bizantino, a Cachoeira do Córrego de Pedras, a Cachoeira do Tiburtino, a Cachoeira do Piaba, a Cachoeira da Moça Loira, dentre outros. Entretanto, por mais famosos que sejam esses lugares, os que mais gosto de visitar e que nunca faltam no meu roteiro, mesmo que esteja hospedada em uma cidade vizinha, são aqueles que possuem a função de preservar a memória local: o Museu Vivo do Garimpo, o Projeto Sempre Viva e o Arquivo Público Municipal.

Naquele ano, decidi que ficaria dez dias na cidade, e assim foi. Certo dia, estava no Museu Vivo do Garimpo, um dos meus lugares favoritos, conversando com Edmundo, coordenador e anfitrião do espaço naquela época, e, após ouvir tantas vezes a mesma história, fui surpreendida por uma informação que eu não tinha escutado nas outras visitas: “Aqui, nesta pedra, morou uma mulher garimpeira que vendia suprimentos para os garimpeiros, ela era conhecida como Sá Inácia”. Aquelas poucas palavras foram suficientes para a voz do rapaz ecoar em minha mente e coração, como um gatilho para algo maior.

A apresentação do espaço e o roteiro que eu já havia escutado tantas vezes seguiram seu curso; ele mostrava os utensílios, as peças utilizadas na extração do diamante, as roupas, as ferramentas, os diamantes lapidados e os sem lapidar. Mas a frase de impacto continuou reverberando em minha mente: “Aqui morou uma senhora...”, e isso proporcionou que eu vivenciasse aquele dia de forma diferente.

Foi a primeira vez que fiquei incomodada e inquieta com uma informação recebida naquele espaço, mas, de um jeito bom. Terminada a apresentação de Edmundo, procedimento adotado para todo e qualquer visitante, saí daquela “toca”, circulei para acessar a parte de trás e, arriscadamente, subi na pedra mais alta que

fica sobre ela. Do topo daquele reduto de história, percebi que o desafio da escalada não me dava medo, ao contrário, a vista deslumbrante atizou em mim a curiosidade de saber mais sobre aquela senhora e o pressentimento de que deveria chegar em algum lugar, talvez encontrar algo que estivesse esquecido, guardado, perdido. Porém, não sabia identificar o quê.

Figura 01: Museu Vivo do Garimpo



Fonte: Edméa Barbosa, 2016

No dia seguinte fui visitar o Projeto Sempre viva, um museu criado em 1999 cuja função primordial é preservar as mais de 400 espécies endógenas da região, dentre elas a flor que dá nome ao local, muito explorada em meados do século XX, que foi exportada para a Europa. Além disso, ele igualmente tem a função de preservar a memória histórica sobre a época do garimpo, afinal, ali, naquela mesma trilha, homens e mulheres exploraram as beiras dos rios Mucugê e Tiburtino em busca de diamante.

Enquanto estava no Projeto Sempre Viva, dediquei um olhar mais curioso ao que as anfitriãs apresentavam. Pela primeira vez, visitei as tocas que ficam em meio à trilha da cachoeira, vi os alojamentos e retornei para as fotos do salão principal. Em uma delas havia pelo menos quatro mulheres na “Feijoada do Garimpo”, cuja ficha/

legenda identificava apenas os homens garimpeiros e não mencionava os corpos femininos que ali estavam.

Figura 02: Feijoada de garimpeiros na Serra do Bate Palma, Mucugê, 20/09/1940



Fonte: Reprodução de imagem do Arquivo Público Municipal de Mucugê

No registro acima é possível ver, à direita da imagem, duas mulheres juntas vestidas com trajes femininos, que seguram garrafas com algo que parece ser cachaça. Outras duas aparecem em meio aos demais, com a diferença dos trajes, que se assemelham aos masculinos, de modo que, facilmente, poderiam ser identificadas como homens e pertencentes ao mesmo ambiente dos garimpeiros. Na descrição da foto há a história daquele cotidiano, uma escrita que contribuiu para despertar ainda mais minha curiosidade:

Os Garimpeiros

Dias mato adentro, viola, fogueira, feijão, arroz, cabeça-de-negô. Uma farmácia rica com ervas da mata para remediar os perigos que os rondavam. Raiz de Picuá para guardar o diamante quando esse finalmente fosse encontrado. Uma busca incessante por riqueza e dias melhores. A procura do diamante marcava a vida dos homens e mulheres que se dedicavam ao garimpo.

Após dias de busca, quando finalmente se encontrava o diamante era no centro da cidade de Mucugê que a negociação com os atravessadores acontecia. Festa! Dispensa cheia, muita bebida e farra marcavam o encontro de novas pedras e negócios bem-sucedidos.

Apesar das mãos calejadas e de todo sofrimento causado pelo trabalho pesado, a vida no garimpo trazia uma felicidade diferente de todas as outras, encontrar as pedras preciosas compensava os dias longe de casa e da família. Chegar em casa e receber o sorriso dos familiares ao saber dos dias bem-sucedidos não tinha preço.

Um novo diamante nunca era encontrado até o dinheiro gerado pelo último ter sido gasto completamente, isso justificava as noites de farra após a venda das pedras preciosas, as idas ao fecho nunca (local de diversões) e o consumo exagerado da cachaça. Logo após todo o lucro da última leva de pedras acabar, todo o ciclo começava novamente. Para ser garimpeiro tem que ter paciência!¹

Segundo a descrição, como vimos, homens e mulheres tinham suas vidas marcadas pela dedicação ao garimpo, porém, o texto traz o título “Os Garimpeiros”. Como disse anteriormente, as fichas identificavam e apresentavam os personagens masculinos e não incluíam aquelas mulheres. Mas, mesmo sem as devidas identificações, é possível perceber que elas estavam ali, misturadas a eles. A inquietação seguiu comigo, e, mesmo buscando informações entre os demais pôsteres e questionando as anfitriãs, não obtive resposta.

Ao retornar para o centro da cidade, visitei a Biblioteca Municipal. Folheei seu acervo, dissertações, teses e pesquisas, que variam entre o garimpo, a cidade, a colheita da flor sempre viva e a museologia da região. Também verifiquei os livros *Mucugê e sua História* e *Memória de Mucugê*, duas obras importantes, mas que, como as demais, nada pronunciavam sobre aquelas figuras. Sem perceber, estava dando os primeiros passos de uma pesquisa, inicialmente, com o objetivo de saber quem eram aquelas mulheres.

Curiosa com a pergunta que tinha criado, a cada volta que dava na praça, uma caminhada até o arquivo era oportuna para perguntas. O Arquivo Público Municipal de Mucugê sempre funcionou nos turnos da manhã e da tarde e, por vezes, à noite, mantendo-se aberto à visita do público. Certa noite, percebi que a foto da “Feijoada do Garimpo” ainda estava lá. Dona Letícia, funcionária do local, começou a descrever as histórias e a presença de mulheres garimpeiras na região. Disse também que gostava de contar o que sabe, pois a memória daquela época estava se perdendo com o tempo. Questionei sobre a foto, mas ela disse apenas que “essa foto foi tirada numa das feijoadas do garimpo”.

¹ O texto citado é uma reprodução fidedigna que compõe a fotografia da “feijoada no garimpo” que faz parte da exposição fotográfica sobre a época do garimpo na cidade de Mucugê, exposta no projeto sempre Viva e no Arquivo Municipal da cidade.

A funcionária pública contou com alegria que muitas pesquisadoras frequentam o espaço em busca de escritos sobre o garimpo, assim como muitos familiares e idosos procuram documentos oficiais, como certidões e títulos: “tem gente que vem aqui em busca de documentos dos pais, dos avós, de terras e coisas da época da Coluna Prestes, e até sobre escravos vem gente aqui procurar”.

É importante destacar que essa preocupação de Dona Letícia tem fundamento e é preciso ter atenção, pois o tempo não costuma ser generoso com documentos antigos, principalmente em cidades pequenas onde a preservação não conta com o auxílio das tecnologias digitais, o que faz com que a dificuldade de manutenção da memória documental resulte por dar mais relevância à oralidade.

Dona Letícia, talvez, não se dê conta da potência que sua própria lembrança tem para a região, pois é ela quem manuseia a documentação do Arquivo Público Municipal e, assim, acaba por ler e memorizar detalhes daqueles arquivos. Aproveitando-me deste fato, iniciei as perguntas acerca da minha inquietação: quem eram aquelas mulheres? Quais seus nomes? O que elas significavam para a região e cultura locais? Outros visitantes também se atentavam para a presença daquelas feminilidades? De que forma elas estavam inseridas e representadas socialmente?

Segundo Luiz Martino e Ângela Marques “o impulso para a pesquisa, ao que tudo indica, nasce de motivações e inquietações subjetivas” (2017, p. 6). Em conformidade com essa perspectiva, nasceu a necessidade de saber mais sobre aquelas mulheres e entender a auto-representação daquelas personagens no contexto histórico e social, pois, enquanto observadora, buscava de forma incessante entender como elas se viam e se descreviam em relação ao período do garimpo. Afinal, as mulheres foram tratadas com inferioridade em relação aos homens e, ainda hoje, convivem com marcas do patriarcado. Por mais que haja um aumento significativo dos estudos, pesquisas e movimentos que colaborem com a causa, ainda não é possível falar em igualdade de gênero no Brasil de forma ampla. Foi esse conjunto de inquietações que motivou a realização desta pesquisa acadêmica.

Dito isto, a presente pesquisa preocupou-se em analisar os relatos orais de mulheres que vivenciaram direta ou indiretamente o garimpo na cidade de Mucugê/BA, e teve por base o seguinte questionamento: de que forma as mulheres que se relacionaram direta ou indiretamente com o garimpo se auto-representam em suas narrativas orais?

Diante do problema de pesquisa apresentado, foram formuladas duas hipóteses: 1. as mulheres da cidade de Mucugê/BA não se representam em seus relatos como sujeitos de poder, ocupando apenas um local coadjuvante ligado às histórias dos homens, sejam seus pais ou maridos; 2. as narrativas das mulheres se auto-representam como sujeito participante ativa das histórias, porém revelam traços conservadores ou tradicionalistas, característicos das culturas de oralidade primária, mas suas falas.

Assim, o objetivo primordial desta pesquisa é analisar como as mulheres de Mucugê que vivenciaram a época do garimpo, direta ou indiretamente, se auto-representam em suas narrativas orais.

Quanto ao método, cumpre ressaltar que toda pesquisa científica possui objetivos que se pretende atingir, e o método é “o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que [...] permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 83).

O conceito de método defendido por Lakatos e Marconi (2003) é comum a diversos autores. Em síntese, o método (meio) é o caminho delimitado para alcançar o objetivo (fim) da pesquisa (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007; GIL, 2008). Conforme bem pontuou Gil, no passado, muitos pensadores buscavam um método universal que pudesse ser aplicado a todos os ramos do conhecimento, porém, hoje, há uma grande diversidade de métodos que devem ser determinados de acordo com o tipo de objeto (GIL, 2008).

A classificação do método e da pesquisa apresenta características gerais comuns a diversos autores como Cervo, Bervian e Silva (2007), Gil (2008), Lakatos e Marconi (2003). Dessa forma, cumpre classificar a pesquisa e definir o método e as técnicas a serem utilizadas para alcançar o objetivo já determinado.

Antes de classificar o presente trabalho, convém esclarecer que método e técnica são coisas distintas. Cervo, Bervian e Silva esclarecem:

Por método, entende-se o dispositivo ordenado, o procedimento sistemático, em plano geral. A técnica, por sua vez, é a aplicação do plano metodológico e a forma especial de o executar. [...] A técnica está subordinada ao método, sendo sua auxiliar imprescindível. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 29)

Assim, enquanto o método define o caminho para se alcançar o objetivo, as técnicas possibilitam percorrê-lo.

Quanto ao método utilizado nesta investigação, configura-se como indutivo. Gil (2008) esclarece:

Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base na relação verificada entre os fatos ou fenômenos. (GIL, 2008, p. 10 e 11)

Dessa forma, esta pesquisa guiar-se-á por situações específicas com base nas classificações da oralidade e, assim, realizar uma análise que objetiva perceber as narrativas como objeto de investigação.

Outra importante classificação a ser definida diz respeito à forma de abordagem, se quantitativa ou qualitativa. As pesquisas quantitativas utilizam-se de técnicas estatísticas, de modo a traduzir os dados em números quantificáveis (FLICK, 2004). Já a pesquisa qualitativa busca o significado dos dados, sem dar relevância a quantificações. Por meio dessa abordagem, é possível aprofundar algumas questões direcionadas ao objeto de estudo e suas relações, priorizando o contato direto com a situação estudada (GIL, 2008).

Considerando o que se compreende por pesquisa qualitativa, o presente estudo se enquadra nessa categoria, buscando encontrar similaridades entre as narrativas analisadas diante dos enquadramentos da oralidade, percebendo e valorizando a multiplicidade dos enunciados, porém, sem ocupar-se de quantificações.

Há que se falar ainda no enquadramento quanto ao nível de manifestação do estudo. Considerando as três categorias de investigação, ou seja, exploratória, descritiva e explicativa, esta pesquisa aproxima-se do nível exploratório. Tal nível caracteriza-se por apresentar maior flexibilidade em seu planejamento e desenvolve-se com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o conteúdo estudado (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007; GIL, 2008).

Quanto às fontes, essas podem ser primárias ou secundárias. Lakatos e Marconi (2003) definem como fontes primárias aquelas que não foram sintetizadas, como dados históricos, arquivos oficiais e dados estatísticos, ao passo que fontes secundárias são aquelas referentes a dados já coletados e resumidos (GIL, 2008), tais como obras literárias (LAKATOS; MARCONI, 2003). Esta pesquisa utilizar-se-á de ambas as fontes, pois reconhece a necessidade de acesso a dados primários, mas também se apoia em fontes com informações já analisadas e disponibilizadas.

Há inúmeras técnicas que podem auxiliar o pesquisador a alcançar seu objetivo, da mesma forma que um mesmo projeto pode valer-se de mais de uma delas, de acordo com sua necessidade. Para que este projeto alcance seu fim, a primeira técnica empregada foi a bibliográfica, que se vale de materiais já elaborados, como artigos científicos e obras bibliográficas em geral, o que dará maior credibilidade aos dados coletados (GIL, 2008).

A segunda foi a documental, similar à bibliográfica, mas com documentos que não passaram por um tratamento analítico (GIL, 2008). Esses materiais são importantes para o projeto, como forma de suprir a ausência de fontes já analisadas, uma vez que se trata de uma temática pouco estudada, a exemplo dos dados sobre as mulheres que estavam presentes na feijoada do garimpo, sem sucesso.

A terceira técnica de estudo utilizada foi a *ex-post-facto*, empregada quando a pesquisa é voltada para algo que já ocorreu (GIL, 2008). Por tratar o garimpo em seus anos de maior extração, esta pesquisa não controla as variáveis e enfrenta uma limitação pela perda de informações da época, sendo necessário estabelecer uma forma de resgate histórico para alcançar os objetivos propostos.

Por fim, a quarta técnica reporta-se à entrevista, pela qual ocorreu a coleta das narrativas aqui analisadas, em que foi utilizado o método não-estruturado, propiciando assim um ambiente mais confortável com as mulheres entrevistadas. Entre os dias 12 e 15 de outubro de 2019 traçamos três temas a serem abordados como gatilho, visando provocar a memória sobre a época do garimpo, com intuito primordial de saber:

- 1- Qual a relação com o Garimpo
- 2- Quais lembranças têm sobre a época
- 3- De que forma se auto representam naquele contexto

As entrevistadas foram selecionadas de acordo com a informação da senhora Letícia, funcionária da prefeitura, responsável pelo Arquivo Público Municipal de Mucugê, que identificou, entre os garimpeiros e descendentes vivos, algumas mulheres garimpeiras que exerceram/exerciam tal ofício. Para a anfitriã, elas são uma espécie de “memória viva” na cidade de Mucugê e, por esse motivo, deveriam fazer parte da pesquisa. Segue abaixo uma breve apresentação de cada uma delas.

Valdelice Gomes da Silva (74 anos), mais conhecida como Tia Val, nasceu em 1948. É uma senhora negra que, após se submeter a uma cirurgia de catarata, foi acometida pela deficiência visual, mas que continua a enxergar a vida e as pessoas

pelo mesmo ângulo: o da empatia. Tia Val é filha de garimpeiros, porém, não foi garimpeira, apesar de ter acompanhado os pais no garimpo durante sua infância.

Valdelice é ex-funcionária da prefeitura de Mucugê, por muito tempo exerceu a profissão de secretária, e atualmente é considerada “memória viva” na cidade. Seu lar vive de portas abertas e ela costuma contar suas recordações enquanto toma sol na calçada. Seu relato é leve e cheio de experiências vividas em família, que são guardadas e repassadas para suas amigas, como um manual do viver bem, por meio de seus conselhos tradicionalistas ou conservadores.

Dona Zelani Barbosa Santos (91 anos) nasceu em 1931, é mãe de três filhos e viúva do antigo dono do armazém local. Trata-se de uma mulher garimpeira que nasceu e cresceu vendo os pais garimparem. Tornou-se parceira do pai com satisfação e muito jogo de cintura. O garimpo, para ela, não era apenas um trabalho e, quando revisita suas memórias, demonstra paixão pelo que viveu, pelo modo como vive sua vida atualmente e pelas lembranças que tem ao lado do pai, um garimpeiro da região.

Enquanto conta suas aventuras, Dona Zelani sorri, declara conhecer todas as serras, afirma que, até hoje, procura diamante no quintal do sítio e diz que poderíamos “ir qualquer dia desses garimpar”. A jovem senhora diz sentir saudades da época, revive suas memórias a cada “causo” que conta e acrescenta que, se não fossem as dores nos joelhos, andaria mais pelas redondezas.

Dona Neusa Maria Alves Pina (50 anos) nasceu em 1972, é descendente de garimpeiros, frequenta o garimpo desde a infância e tornou-se garimpeira muito cedo. Atualmente, é técnica de enfermagem no Hospital Municipal de Mucugê. A jovem senhora é mãe de um dos mais famosos guias da região, Júnior Pina, um rapaz apaixonado pela Chapada.

Quando conheci Dona Neuza, acreditei que a entrevista seria sobre uma mulher que tinha lembranças do seu pai ou do marido garimpando, mas foi um engano. A garimpeira traz em sua memória a história da família que viveu em Igatú e a sua própria sobrevivência em meio às idas e vindas para o garimpo ao lado dos pais e, após se casar, ao lado do esposo.

Dona Isabel Maria Nascimento Silva (72 anos) nasceu em 1950 e é filha de Dona Elza, uma garimpeira que, junto com sua amiga Dona Júlia, encontrou 16 (dezesesseis) diamantes em um só dia. Bel, como gosta de ser chamada, é uma mulher

negra, de cabelo escuro, fala de forma sutil, possui tom de voz baixo e aparenta ser tímida.

Dona Isabel tinha agendado a entrevista, porém, no dia e horário marcado, recuou e disse não querer participar. Após a insistência das amigas Tia Val e Dona Leticia, falou pouco sobre a mãe, ali mesmo no batente da casa sua casa, ao lado tia Val. Em seu relato, disse não lembrar da época do garimpo, mas, em conversa informal, deixou-se levar e demonstrou conhecer muito sobre aquele período. Observei certa mágoa em suas lembranças, pois, segundo ela, o garimpo não possibilita riqueza. Também notei certa tristeza ao lembrar que foi uma época de grandes dificuldades e muito sofrimento.

Foram quatro mulheres que se fizeram perceber de maneiras completamente distintas pelo meu olhar. Quatro vivências e experiências diferentes. Por meio desse “pontapé” inicial, de como as compreendi à primeira vista, é que as entrevistas foram levadas, e foi a partir desses relatos que o estudo se desenvolveu. Ainda sobre as entrevistas, é necessário acrescentar que, por motivos pessoais, nenhuma das quatro permitiu que fosse realizada a gravação dos relatos em vídeo, muito menos o registro fotográfico, restando apenas a tecnologia da gravação de áudio por meio de um celular. Dessa forma, as entrevistas foram transcritas e utilizadas de forma literal.

Para explanar os resultados desta pesquisa, esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro, denominado “A Chapada Diamantina, o garimpo e a condição das mulheres”, apresenta uma breve abordagem da história da cidade de Mucugê/BA, seu surgimento e sua evolução, em que são expostos alguns detalhes sobre períodos que são tidos como importantes por aqueles que se dedicaram à sua história, com destaque para os escritos de Herberto Sales, Fernando Sales e Helena Medrado. Segundo esses autores, em Mucugê ocorreu a extração de grande parte dos diamantes da região.

Seguindo a bibliografia citada acima, nos debruçamos sobre esse ambiente, que envolve o efeito do diamante e o surgimento da cidade, da sociedade mucugeense, de seus descendentes e da cultura regional, com o intuito de compreender o ambiente histórico que foi vivenciado por seus residentes e, conseqüentemente, por nossas entrevistadas.

Ainda neste capítulo, e após conhecer um pouco sobre a época do garimpo trouxemos as abordagens teóricas sobre as questões de gênero em correlação com as mulheres garimpeiras que ali estiveram, com vistas a compreender o gênero

feminino não de maneira isolada, mas em meio às relações que estão calcadas no patriarcado. Para esse subitem, utilizamos teóricas como Joan Scott e Guacira Louro.

O segundo capítulo, intitulado “Comunicação e oralidade em Mucugê”, é embasado, principalmente, em autores como Paul Zumthor (1985; 1993) e Walter Ong (1998), e aborda o ambiente comunicacional constituído pela oralidade. Apresentamos a oralidade enquanto ambiente comunicacional e as marcas da oralidade na constituição das narrativas das mulheres garimpeiras. Ainda no mesmo capítulo, busca-se apreender o silêncio como oralidade, o qual possui grande relevância na nossa análise, pois, segundo Eni Orlandi (2007), há significados no não dito.

O terceiro e último capítulo, denominado “As narrativas das mulheres mucugeenses”, possui uma subdivisão um pouco mais ampla para oportunizar melhor compreensão das narrativas, sendo dividido em cinco tópicos, relacionados às categorias da estrutura da narrativa – o espaço, o enredo, as personagens, o tempo e as narradoras. Por fim traremos as anotações conclusivas deste trabalho, levando em consideração que esta análise está baseada em ferramentas da comunicação social, levando em consideração que está pode transitar em vertentes diferentes das que encontramos. Desta forma, fica em aberto as possibilidades de novas propostas analíticas, utilizando este mesmo objeto de estudo.

1 A CHAPADA DIAMANTINA, O GARIMPO E A CONDIÇÃO DAS MULHERES

A Chapada Diamantina está no coração da Bahia e é considerada um oásis, em pleno sertão nordestino, por seus frequentadores. Segundo Funch (2002), por volta de 1730, no início do século XVIII, já havia sinais de exploração do ouro em Jacobina e Rio de Contas. A primeira ao norte e a segunda ao sul da Chapada Diamantina, porém, apenas no século XIX, mais precisamente em 1844, a região se tornou atrativa por sua generosa oferta de diamantes, adquirindo grande importância tanto para a economia local quanto para a nacional. Nesse período ocorreram negociações diretas e indiretas, nacionais e internacionais, levando a região a ser interessante para estrangeiros.

A Chapada é composta de mais de 40.000 (quarenta mil) quilômetros de extensão e está dividida em quatro partes. Há o Circuito da Chapada Velha, composto por Barra do Mendes, Brotas de Macaúbas, Gentio do Ouro e Central. O Circuito do Ouro abarca os municípios Abaíra, Jussiape, Paramirim, Piatã, Dom Basílio e Rio de Contas. O Circuito da Chapada Norte, por sua vez, engloba Bonito, Campo Formoso, Quixabeira, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ouro-lândia, Pindobaçu, Senhor do Bonfim e Utinga. E, por fim, o Circuito do Diamante é constituído por Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Barra da Estiva, Boninal, Iramaia, Itaberaba, Ituaçu, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra (CHAPADA, s.d.).

A região é composta por serras que estão localizadas na Bahia Central. Suas rochas apresentam penhascos que fazem parte de uma geologia conhecida como espinhaço. Nesse território estão abrigadas as três montanhas mais altas do Nordeste brasileiro: o Pico do Barbado (limite dos municípios Abaíra e Rio do Pires), o Pico do Itobirá (Rio de Contas) e o Pico das Almas (entre Rio de Contas e Livramento de Nossa Senhora). As águas cortam todas as regiões e trazem para seu leito o Rio São Francisco e o Paraguaçu, havendo outros rios, como o Rio de Contas e o Paramirim, que desaguam no oceano Atlântico (CHAVES *et al.*, 2003).

A formação geológica da Chapada é complexa; o que antes era uma localidade invadida pelos rios, escondida e revirada pela força das águas, hoje apresenta um cartão postal de paisagens íngremes provocadas pela extração mineral e recoberta por caatinga e rochas. Em geral, dois aspectos chamam a atenção do público visitante. O primeiro é a história das pedras preciosas que brotaram nas serras da Chapada,

como ouro, diamante e carbonato, riquezas que a partir da sua exploração, determinaram o crescimento da região.

O segundo é o ecoturismo local. As cidades de Lençóis, Andaraí, Vale do Capão/Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Iraquara, Mucugê, entre outras, atualmente, são focadas no ecoturismo e conhecidas por reportagens veiculadas em revistas, livros e muitos blogs independentes, que revelam seus atrativos e contribuem para tornar conhecida aquela região. Sua importância da região é tão grande que, em 1985, foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina, com o intuito de preservar o ecossistema da Serra do Sincorá, conservar suas nascentes e locais com relevância histórica e cultural. Dentro do parque, mantido pelo Instituto de Conservação da Biodiversidade Chico Mendes (ICMBio), estão as cidades de Andaraí, Lençóis, Palmeiras, Ibicoara e Itaetê e Mucugê.

Falando em Mucugê, esta é a cidade que iremos explorar como recorte territorial da nossa pesquisa, levando em consideração a sua relevância histórica na extração do diamante no estado da Bahia. Mucugê está há 453 quilômetros de distância da capital baiana, Salvador. Segundo o último censo do IBGE, a cidade possui 8.989 (oito mil, oitocentos e oitenta e nove) habitantes, mas já chegou a abrigar cerca de 30.000 (trinta mil) pessoas na época do garimpo, entre os anos de 1844 e 1870. Na atualidade a pacata cidade abriga mulheres como Dona Zelani, Tia Val, Dona Neuza Pina, Dona Isabel, Dona Letícia e tantas outras figuras que possuem memórias e lembranças de um passado cheio de aventuras.

1.1 Mucugê: uma cidade histórica

Em meados do século XVIII, Mucugê fazia parte do território de Rio de Contas, não havia divisão e era vista apenas como uma fazenda, habitada por alguns fazendeiros que criavam gado e cultivavam café, farinha e cana. O trabalho era feito por algumas pessoas escravizadas² e outros trabalhadores livres que viviam da lavoura em suas pequenas roças (SANTOS, 2015). Segundo Fernando Sales apenas após o surgimento do diamante, Mucugê passou a ser reconhecida enquanto

² A escravidão no Brasil durou até 1888, quando foi assinada a abolição da escravatura, já a lei do ventre livre foi assinada em 1871. Havia também a possibilidade da pessoa escravizada comprar sua liberdade. Ou seja, no cenário do garimpo em Mucugê, a escravidão era ferramenta de trabalho, por vezes com o intuito de obter a alforria.

freguesia e então registrada como Povoado de Santa Isabel do Paraguassú, da cidade de Rio de Contas.

Segundo Fernando Sales, em 17 de maio de 1847, três anos após o surgimento do diamante, a freguesia foi elevada à categoria de vila e, alguns meses depois, em 07 de fevereiro de 1848, com sede na capela do povoado e 18.109 habitantes, ganhou autonomia administrativa e recebeu o topônimo de Santa Isabel do Paguassú (SALES, 1994). A adoção do nome Mucugê chegou mais tarde, no século seguinte, em 23 de agosto de 1917, em homenagem a um rio que beira a entrada da cidade. Mucugê refere-se ainda a uma fruta adocicada, que lembra a mangaba, e é muito encontrada na Serra do Sincorá, ela foi uma das fontes de alimento para muitos trabalhadores das serras. (SALES, 1994).

Figura 03 – Fruto Mucugê



Foto: Reprodução arquivo Municipal de Mucugê³

Na atualidade, Mucugê mantém seu topônimo, saindo da rodovia BR 242, é necessário percorrer 51 Km de asfalto até Andaraí, e em seguida continuar por mais 36 quilômetros até a entrada da cidade pela Igreja da Matriz Santa Isabel. No caminho

³ Esta foto da fruta Mucugê é uma reprodução de uma das fotos que fazem parte da exposição fotográfica sobre a época do garimpo na cidade de Mucugê, exposta no projeto sempre Viva e no Arquivo Municipal da cidade.

entre as duas cidades é possível sentir o vento fresco, avistar as pedras que parecem reviradas manualmente, as águas entre elas e o constante som que lembra o barulho de uma cachoeirinha.

Seu entorno é rodeado por montanhas, banhado por rios e córregos em meio à vegetação semiárida típica da região. Possui um comércio pequeno, mas diverso, em que é possível encontrar tanto a comercialização de produtos importados, quanto artesanais; além da culinária local (como o “godó” e o “cortado de palma”) oferecida nos pequenos restaurantes. As fachadas das casas e dos pontos comerciais se mantêm como antigamente, sustentando a tradição histórica estabelecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) , e, o que não poderia faltar, em diversos pontos da cidade, há algo que nos apresenta a época do garimpo de diamante.

Figura 04 – Praça do Centro Turístico de Mucugê/BA



Foto: Edméa Barbosa

Figura 05 – Padrão das Casas

Foto: Edméa Barbosa

Falando em IPHAN, o conjunto arquitetônico e paisagístico de Mucugê, especialmente o Cemitério Bizantino⁴, foi tombado pelo órgão em 1970. A cidade que é uma das mais antigas da Chapada Diamantina, se mantém em destaque no que se refere ao período histórico do garimpo de pedras preciosas que ocorreu no Brasil entre os séculos XIX e XX, época muito importante para o país e, especialmente, para as cidades que foram estruturadas a partir disso.

⁴ O cemitério municipal foi criado em 1º de outubro de 1855, em meio ao surto de cólera na Bahia. O local foi definido para a proteção da cidade “em um terreno alto e onde o vento soprasse sobre a cidade” (informação obtida no Arquivo Municipal de Mucugê).

Figura 06 – Serras que cercam a cidade de Mucugê/BA



Foto: Eivaldo Ribeiro

O território é composto pela serra do Sincorá, uma terra fértil, porém de difícil acesso, devido ao grande sobe e desce dos córregos de pedras e dos grandes afluentes dos rios. Quando a cidade começou a ser habitada, os moradores tinham dificuldade de acesso justamente porque, para chegar até lá, era necessário atravessar rios fundos e, geralmente, com grande volume de água. Gonçalo de Athayde Pereira descreveu: “atinge-se os gerais, planalto das serras, onde atravessa-se o Cumbucas e o rio Mucugê, chega-se à cidade por uma garganta da serra” (PEREIRA, 1907, p. 9)⁵.

Naquela época não havia pontes na região, o trajeto era feito a cavalo ou a pé e, em época de chuva, esperava-se baixar as águas dos rios para atravessá-los. Esses eram os mesmos locais visitados pelos moradores em busca das pedras preciosas. Na atualidade, o caminho continua o mesmo, porém, com a manutenção das estradas de asfalto.

⁵ Memória histórica e descritiva do Município de São João do Paraguassu é um relatório em formato de livro que pode ser visitado na Biblioteca Central da Bahia. Como pesquisadora, tive o privilégio de em outubro de 2021 visitar o espaço e ter acesso ao livro, uma experiência indescritível, afinal estive com um livro de 1907.

Figura 07: Garganta em meio à serra



Foto: Edméa Barbosa

Figura 08: Córrego de Pedras

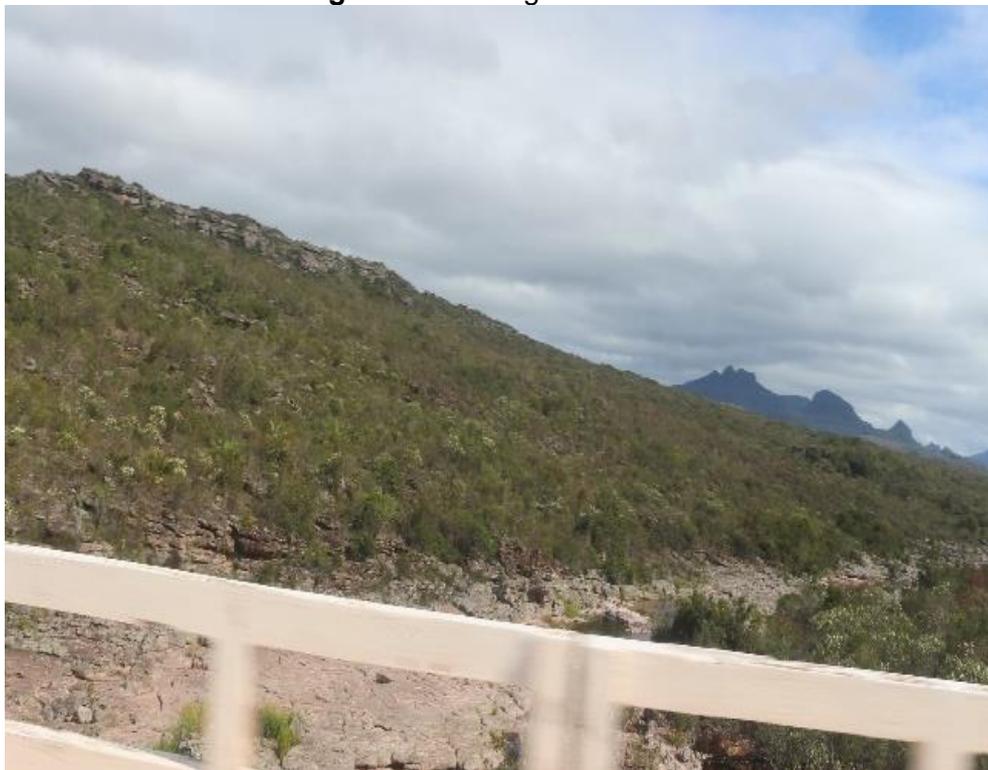


Foto: Edméa Barbosa

1.2 Garimpo: o diamante à beira do Rio Cumbuca

No século XIX, nas cidades de Rio de Contas e Jacobina o ouro já havia sido descoberto. No território havia garimpeiros locais e outros tantos vindos de fora do Brasil em busca de riqueza, procedentes de Portugal e outros países europeus. Em Mucugê, segundo Fernando Sales, o primeiro diamante foi encontrado em 26 de junho de 1844 por José Pereira do Prado, conhecido por Cazuzinha do Prado, um fazendeiro e garimpeiro experiente que, desde a Chapada Velha (Brotas de Macaúbas, Gentio do Ouro), desconfiou que poderia haver diamante naquela beira de rio. Ao seu lado estava Cristiano Pereira do Nascimento, um adolescente que o acompanhava nas viagens e levou a fama por ter encontrado a primeira pedra naquele córrego (SALES, 1994).

Cazuza encontrou alguns diamantes e, entusiasmado, juntou alguns amigos para explorar a região, porém, de forma restrita. Em alguns dias, a operação lhes rendeu algumas oitavas⁶ de diamante e, dada a necessidade de vendê-las na Chapada Velha, apresentaram o material para um comprador, Pedro Ferreiro, amigo de Cazuza do Prado e integrante do grupo, quando foram acusados de assassinar “algum capangueiro” ou negociante vindo de Minas. Sentindo-se coagido, o companheiro de Cazuzinha foi obrigado a contar o segredo e ensinar o local onde foram encontradas as pedras (SALES, 1994).

A notícia de que havia diamantes nas serras de Mucugê se espalhou e levou diversas pessoas interessadas em explorar as riquezas daquelas redondezas. Grupos se reuniram e se organizaram e alguns, por meio de seu próprio trabalho, se dedicaram a encontrar as pedras preciosas. Não apenas os sonhadores estavam dispostos, havia também homens com grande poder aquisitivo, donos de terras e proprietários de escravos que usavam essa mão de obra para a exploração da riqueza que estava “brotando” em grande volume naquelas terras.

Foram os diamantes de Mucugê, de maior volume e mais belos que o da Chapada Velha, o que despertando a atenção dos aventureiros e exercitando-lhes a cobiça determinou uma grande invasão de garimpeiros para as margens de Mucugê. (PEREIRA, 1907, p.47)

⁶ Considerada uma medida de peso para o comércio de diamantes, correspondente a 1/8 da onça, ou 3,586g.

Em seu estudo, Maria Cristina Pina (2000) relata que a descoberta do diamante deu início a uma busca desenfreada pela riqueza, o que gerou uma mudança na localidade com a chegada de novos habitantes. Eram pessoas dispostas a se aventurarem pela primeira vez no garimpo e também garimpeiros experientes vindos de todas as partes, mas principalmente de Rio de Contas que, na época, perdia força na busca pelo ouro, de modo que já não era vantajoso estar ali e a notícia vinda de Mucugê traçava uma nova rota para o enriquecimento.

Havia ainda a diversidade populacional, constituída por pessoas libertas, escravos fugidos, comerciantes e garimpeiros vindos até de Minas Gerais, isto acarretou o surgimento de povoados e a demarcação de territórios, o que gerou muitos desentendimentos. Segundo Amaral (2018), foi um desenvolvimento instável e incontrolável, em que poucos tiveram acesso ao diamante e ao que ele provia.

Conforme Gonçalves de Athayde Pereira traz, foi aberta a estrada de Mucugê para as matas do Paraguassú, onde havia moradores ocupados com a pescaria e as lavouras de mandioca. Os garimpeiros, por sua vez, desceram o riacho dos pombos perto de Xique-Xique (Igatú), faiscando aqui e acolá, formando aglomerações e novos povoados (PEREIRA, 1907).

Fernando Sales (1994) enfatiza e valoriza o surgimento do diamante como causa do desenvolvimento da cidade, ao dizer que as pedras preciosas brotavam da terra com facilidade, e que isso atraía homens ricos e com destaque social para a vila.

O diamante surgia à flor da terra, encontrava-se entre raízes de arbustos. O local tornou-se tão atraente que logo houveram as substituições dos casebres de palha, por lonas e sólidas construções. (SALES, 1994, p. 33)

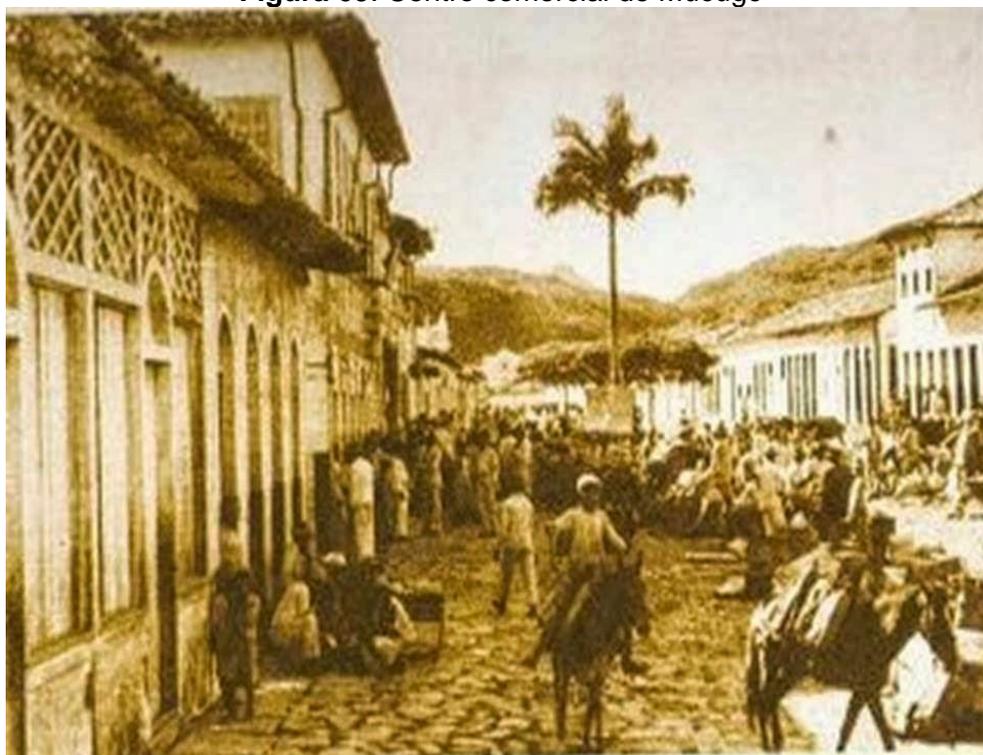
Segundo Sales, o povoamento da cidade — que se deu com rapidez — e o poder das famílias que se diziam “donas das terras” contribuíram para consolidar as bases para a formação daquela sociedade. O comércio oferecia o ambiente acolhedor para as pessoas que trabalhavam no garimpo, uma vez que ali mesmo se negociavam as pedras, o que contribuiu para tornar a região uma referência na economia baiana e brasileira (SALES, 1994).

Em 17 de agosto de 1846, quase dois anos após a descoberta, o governo criou a Repartição Diamantina, tendo como base um regulamento que determinava os impostos a serem pagos pela extração, de modo que, daquele momento em diante, o

quinto⁷ passou a ser cobrado, geralmente estipulado em 20%. Desta forma, os supostos donos das serras passaram a cobrar dos garimpeiros a cota (SALES, 1994).

A sede municipal foi instaurada em 1847, criando uma centralidade administrativa regional. Onde hoje é a cidade de Mucugê, no século XIX, foi o centro comercial das lavras de toda a região. E foi de lá que partiram as decisões políticas e econômicas por meio do poder político de famílias tradicionais, como, por exemplo, a família dos Rocha Medrado, que na época tinham o controle fundiário que se estendeu ao garimpo (PINA, 2000).

Figura 09: Centro comercial de Mucugê



Fonte: Arquivo Municipal de Mucugê

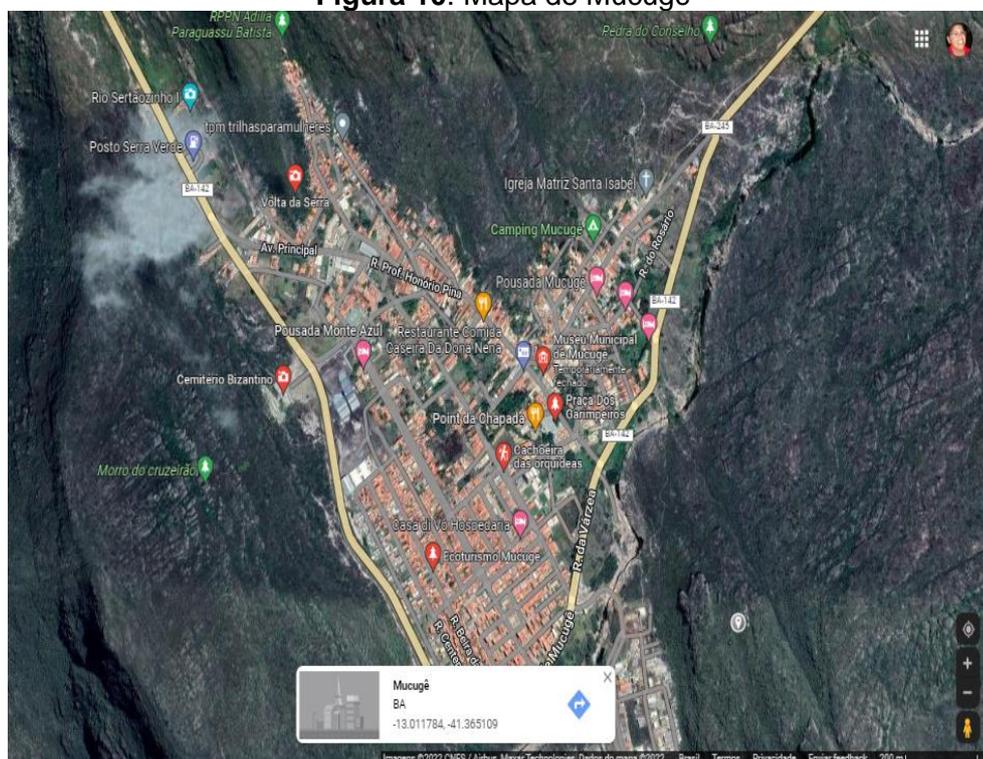
Ao analisar as atas de Santa Isabel do Paraguassú entre os anos de 1848 e 1856, Maria Cristina Pina percebeu que a cidade estava organizada por meio de uma concepção de território homogêneo, em que homens brancos eram donos de terras, do garimpo e dos cargos públicos (PINA, 2000). Eram eles que impunham suas regras aos pobres, escravos e negros livres. As perseguições eram variadas, desde o roubo de terras até o direito à saúde, habitação e religião.

⁷ O quinto é a subdivisão do imposto pago ao dono da área em que o diamante foi extraído.

Este poder adquirido pelas famílias proprietárias locais sugere, também, a ausência do Estado no interior. O poder público fazia-se pouco presente nos lugares distantes da capital o que permitiu muitas vezes o exercício do poder via controle civil. (PINA, 2000, p. 53)

Com o volume de gente na cidade, a paisagem transformou-se de maneira muito rápida. Segundo Maria Cristina Pina, o crescimento da vila foi tomando um formato de “L”, ajustando-se ao vale, com duas avenidas principais que convergiam na praça central, hoje conhecida como centro histórico, em cujas extremidades havia a Igreja Matriz de Santa Isabel do Paraguassu e a Igreja do Santo Antônio, delimitando assim a entrada e a saída da cidade por ambos os lados. (PINA, 2000)

Figura 10: Mapa de Mucugê



Fonte: Google Earth Versão 5.2.1.1588, capturada em 09 de fevereiro de 2022

Sobre as casas, Helena Medrado (1998) revela que havia um código de postura para a arquitetura da cidade. A altura das portas, janelas e fachadas era determinada pelas diretrizes para a construção. A maioria das casas seguia um padrão, composto por um pavimento, portas largas, duas ou três janelas, dois ou três quartos, sala ampla e cozinha.

Já os casarões em estilo português, arquitetados a partir do século XIX, eram construções amplas, em estilo colonial, que apresentam uma quantidade maior de

portas, janelas e cômodos, edificados em adobe ou pedra. Essas residências se mantêm até hoje e fazem parte do acervo arquitetônico urbano, preservado pelo Iphan (PINA, 2000).

Figura 11: Casarão antigo



Foto: IBGE (Séc XX), Mucugê

Figura 12: Casarão da fig. 09, no ano de 2019.



Foto: Edméa Barbosa

Como vimos, a cidade está estruturada a partir de uma lógica de desenvolvimento. Inicialmente, a agricultura era dominante naquela região e, após o surgimento do diamante, Mucugê passou por um processo de reestruturação econômica. No período de maior extração das pedras preciosas, cerca de 30.000 (trinta mil) pessoas chegaram a morar na região, o que provocou uma necessidade de adequação do ambiente para a nova realidade.

O ciclo mais alto da extração de diamante durou em média 30 (trinta) anos. Foram três décadas de exploração e riqueza intensa e anos de glória para os garimpeiros e garimpeiras. Em meados de 1873, houve um declínio e o valor das pedras brasileiras já não valia tanto, devido a oferta de pedras procedentes das jazidas da África, o que fez que boa parte dos exploradores deixasse a cidade (MARTINS, 2004).

Naquela época, o preço do diamante era determinado por quem tinha o poder de compra, dessa forma, quem trabalhava no garimpo se endividava com os fornecedores do saco – mantimentos que eram levados para a sobrevivência no garimpo – até chegar nas lavras. Uma vez encontrado, caso o diamante não fosse grande ou em grande quantidade, o garimpeiro continuava devendo, contraindo assim novas dívidas.

Instaurou-se uma crise, pois já não era fácil vender as pedras, o que tornou o ambiente do garimpo um local difícil. Enquanto alguns iam em busca de novas oportunidades, parte da população voltava a viver economicamente da criação de gado e da agricultura, ou em novas fontes de renda. O comércio era movimentado pela compra de cereais, café, entre outros itens. Havia também a comercialização de escravos que, mesmo proibida, rendia muito, e acabava por ser mão de obra.

Apesar da oferta na região ter diminuído e da queda do preço do diamante, a exploração das serras passou por avanços tecnológicos. Os garimpeiros ainda usavam bateia, um instrumento redondo, bastante rústico, com centro mais profundo que fazia as pedras de maior peso ficarem lá, porém, havia maquinários que tornavam a extração mais mecânica e acabavam por prejudicar o meio ambiente e colocavam em risco os faiscadores⁸.

⁸ Faiscadores são aqueles garimpeiros que faziam o garimpo manual em busca de pequenas pedras nos córregos e beiras dos rios. Receberam este nome porque, geralmente, as pedras encontradas eram muito pequenas, conhecidas como faíscas.

Os altos e baixos no preço das pedras, os problemas enfrentados com a primeira crise, a escassez e a dificuldade na venda do produto não foram suficientes para afastar fazendeiros, coronéis, garimpeiros e garimpeiras da incessante jornada a caminho da sonhada riqueza. Assim, muitos trabalhadores resistiram escavando, entrando em grunas, buscando novos garimpos, lavando e peneirando em busca daquilo que não haviam guardado (AMARAL, 2018).

Segundo Felipe Amaral (2018), após a desvalorização do mercado da pedra preciosa na região, a cidade se esvaziou e sua população chegou a cerca de 15 (quinze) mil habitantes. Muitos voltaram ao trabalho na lavoura, enquanto outros insistiram em encontrar fortuna em meio às serras, por meio da extração manual. O garimpo artesanal continuou a ser a fonte de renda de muitas famílias.

Alguns anos depois da primeira crise do diamante, em 1880, Teodoro Sampaio, membro do IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), teve contato direto com o garimpo e as sociedades garimpeiras em Mucugê, na vila e nas serras. O engenheiro percorreu um roteiro entre o Rio São Francisco e a Chapada Diamantina, com o objetivo de “estudar os melhoramentos dos portos do Brasil e a navegação interior dos grandes rios que desembocam na costa oriental” (SAMPAIO, 1938, p. 20).

A referida viagem ocorreu entre julho de 1879 e janeiro de 1880, 6 (seis) meses no lombo de um cavalo, que resultou em um relatório. Esse período contempla a fase da redução de habitantes na cidade, porém, o funcionário do estado descreveu o território de Mucugê como “deserto, selvagem e violento e longe da civilização” (SAMPAIO, 1938, p.186). Por outro lado, fala das serras como “uma região de terras altas que os rios escavaram profundamente e onde se apresentam os mais belos perfis de montanhas desses sertões” (SAMPAIO, 1938, p.186).

Quando Teodoro Sampaio visitou Mucugê em 1880, declarou em seu documento, utilizando o censo do IBGE, que na cidade havia 15.100 habitantes, sendo “8.695 pessoas de cor, 3.741 pretos, 2.336 brancos e 58 de sangue indígena” (SAMPAIO, 1938, p. 195). Não há espaço para problematizar essa afirmação, mas fica a inquietação sobre quem eram essas pessoas e quantas delas seriam mulheres ou crianças.

Falando em garimpeiros e garimpeiras, precisamos compreender as sociedades que se formaram ali e a memória construída em torno do diamante. O efeito causado pela extração da pedra é tão relevante que, não apenas na Bahia, mas em Minas Gerais e no Mato Grosso, pesquisadores e curiosos buscam debruçar-se

sobre os relatos para compreender os efeitos do garimpo, não só no solo, mas nas sociedades como um todo.

Dito isso, precisamos lembrar que esta pesquisa se iniciou pela curiosidade, ganhou estrutura teórica e compreendeu que havia personagens a serem estudadas, no nosso caso, as mulheres. Com base no levantamento histórico do surgimento da cidade, percebemos que, apesar do muito que se diz sobre o garimpo, pouco ou nada há sobre as garimpeiras, ponto principal para as nossas considerações a seguir.

1.3 As mulheres garimpeiras na história de Mucugê

Estive novamente em Mucugê no dia 18 de julho de 2021. Diante da situação em que vivia naquela época, “visitar a pesquisa”, e reencontrar as entrevistadas foi uma forma de reconectar a teoria, a leitura e a experiência da escuta, para assim continuar o exercício da escrita. Ao encontrar com Dona Zelani, ela me contou:

Estou reformando a casinha lá do sítio, vou lá com meu filho pagar ao rapaz que trabalha lá (...) depois, cê acredita que dia desses eu tava assim no barranquinho, expiando o barro e procurando se não achava nenhum diamante. – Questionei se encontrou e ela, sorrindo, respondeu – Ainda não, mas não canso de procurar. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Este apego ao passado trouxe para mim o desejo de ouvir as narrativas como as de Dona Zelani. Sempre que encontro com aquela senhorinha, combinamos de ir em busca dos diamantes e volto a pensar em como ela representa uma personagem digna de um filme, com enredo sobre a época do garimpo que ela viveu e faz questão de expressar terna saudade.

Lidar com a memória por meio de personagens femininas não é um ato fácil. Há dificuldade em encontrar narrativas que mostrem a versão da mulher da época. Eliane Santos (2015), em sua dissertação de mestrado sobre o ambiente do garimpo em Mucugê, por meio da abordagem etnológica, fez um levantamento e declarou que “havia homens e mulheres garimpando, mas todas as mulheres que garimpavam já haviam morrido quando iniciou essa pesquisa” (SANTOS, 2015, p. 60).

Em outro momento, a pesquisadora também relata que um de seus entrevistados declarou que “as mulheres viviam em área urbana, cuidando do lar, do marido e dos filhos, enquanto os homens partiam para o trabalho nos garimpos”

(SANTOS, 2015, p. 61). Outro entrevistado, por sua vez, garantiu que as mulheres que subiam para o garimpo tinham como objetivo principal o entretenimento (SANTOS, 2015, p. 61).

Apesar das declarações acima, é necessário ir em busca do que não guardamos, é necessário fazer uma garimpagem na pesquisa, pois não há uma congruência nas informações acerca da presença das mulheres no garimpo. Sobre isso, Daniela de Jesus, em seu artigo científico sobre o garimpo entendido como um trabalho de mulher, traz um relato curioso sobre um grupo feminino que partia rumo às serras da região de Igatú em busca das pedras preciosas. Para não deixar os filhos sozinhos, Dona Alda, Dona Joselita e Dona Mariana contavam com a solidariedade da vizinhança e o apoio mútuo: “era assim trocada as três, um dia uma ia e uma ficava com as crianças. No dia que não entendia, nois pegava as comidinhas e levava pro garimpo, eles ficava sentado num cantinho” (JESUS, 2016, p.137).

Fernando Sales, em 1994, publicou o livro *Memória de Mucugê*. A obra é um apanhado histórico sobre o surgimento e crescimento da cidade, a extração da pedra preciosa, a política local, a hospitalidade do povo mucugeense, as festas e curiosidades sobre os fatos históricos, dentre elas, a Coluna Prestes. Sales só não nos apresenta as personagens femininas, quem eram ou onde estavam no ambiente do garimpo.

Quatro anos depois foi a vez de Helena Medrado lançar a obra “A história de Mucugê”, que apresenta riqueza de detalhes. Segundo o relato, no período descrito, desde 1812, havia uma região próxima a Rio de Contas, sob o comando do Sargento-mor José da Rocha Medrado, que foi dividida em três partes, sendo uma delas denominada Riachão de Mucugê, a atual cidade (MEDRADO, 1998).

A obra apresenta ainda fotografias, dados sobre a chegada dos primeiros habitantes, o primeiro povoado, o garimpo, a época da cólera (momento que foi construído o Cemitério Bizantino), a colheita da flor sempre-viva e revela quem foram os prefeitos da cidade. Nesse levantamento é possível reconhecer Marialda Gomes Mattos como a primeira mulher prefeita da cidade de Mucugê.

Segundo o livro, a prefeita Marialda tornou-se interina no município entre os anos de 1971 e 1973. Seu exercício legislativo restaurou a ponte do Rio Cumbucas, construiu a ponte entre João Correia e São João – duas comunidades que enfrentavam o problema de deslocamento – restaurou a usina elétrica de Mucugê e implantou a merenda escolar (MEDRADO, 1998).

Helena Medrado revela algumas particularidades sobre o garimpo: o vestuário, utensílios e detalhes, como a diferença entre o diamante e o carbonato; e, principalmente, apresenta um glossário sobre as expressões utilizadas entre os garimpeiros. Dentre as palavras descritas, ela sinaliza: “Garimpeiro: trabalhador braçal que retira do solo o cascalho e o lava, para, em seguida haver a cata” (MEDRADO, 1998, p. 56).

Entretanto, apesar de apresentar mais de 150 anos de dados sobre a cidade de Mucugê, o livro *Mucugê e sua história* não insere entre seus personagens o gênero feminino como parte da historicidade. Na descrição introdutória, a autora propõe fazer um trabalho não apenas para um grupo elitizado, mas para a população em geral, sem vincos e adornos da fantasia. (MEDRADO, 1998).

Quando se fala na Chapada Diamantina e no garimpo, há uma obra que se destaca: *Cascalho*, romance escrito por Herberto Sales (1917-1999). O livro narra a história da saga do garimpo e a brutalização de homens e mulheres na região diamantífera de Andaraí, cidade que fazia parte do território de Mucugê no século XIX.

Cascalho teve a sua primeira edição em 1944 e, depois disso, outras duas já foram lançadas. Baseada na memória da terra natal do autor, o romance já foi traduzido para vários idiomas, inspirou um filme e participa atualmente de diversas pesquisas científicas como fonte de embasamento histórico da região.

Segundo o Pesquisador Everaldo Augusto, o livro é considerado um romance documental, pois, “através da historicidade da obra, o autor vai montando uma bibliografia da civilização do garimpo através do texto literário” (AUGUSTO, 2007, p. 52). Prova disso é que *Cascalho* é parte essencial muitas pesquisas, como fonte histórica sobre o garimpo, tendo sido citada mais de 48 mil vezes.

A história situada na década de 1930, sob o olhar de Sales, descreveu o cenário hostil do garimpo, a exploração da mão de obra, os roubos, as negociações e, principalmente, seu personagem mais citado, o coronel Germano: um homem de pulso firme e poder desafiador, legitimado até por suas duas mulheres, Dona Santa, a esposa e, Nenzinha, a amante. Segundo a obra, o fato de a esposa não ter conseguido engravidar tornava Dona Santa uma incapaz, fazendo com que o coronel caísse nos braços da amante em busca de prazer.

No romance, é possível observar como as falas das mulheres são reduzidas à submissão ao homem. Ambas são omissas, resignadas, cabisbaixas e derrotadas em

face do poder dos homens. *Cascalho* apresenta a amante como um objeto de satisfação para Germano, cujo prazer é apenas dele:

Até no ato sexual, a amante Nenzinha diz “Não, hoje não”, mas os seus apelos são ignorados pelo parceiro; afinal, é a satisfação dele que conta. O prazer é para o macho e, para ela, amante, restava-lhe obedecer. Consolidando uma identidade de mulher submissa, como se esse fosse o seu destino, sem poder modificá-lo. (AMORIM, 2009, p. 4)

Elisabeth Amorim, em 2009, fez uma análise sobre as representações femininas na obra de Herberto Sales. Sobre o trecho acima, ela comenta como o romance faz questão de retratar a submissão da mulher, assim como o silenciamento quanto aos seus desejos. No entendimento da autora, Nenzinha, amante do Coronel Germano, é obediente e não questiona as ordens do seu companheiro, ao passo que a esposa “Dona Santa” é descrita como um “homem vestido de saia”. Para Amorim, há um divisor entre as duas mulheres, o tratamento. No romance, isso se observa nos léxicos dos próprios nomes das personagens, pois enquanto a esposa é “Dona Santa, a amante é apenas “Nenzinha”.

Percebemos que o inha reforça a ideia de algo menor, insignificante... a amante não merece ser chamada de Dona ou de senhora. ... Por outro lado o nome de Santa é utilizado por uma minoria seleta, há uma relação próxima com a bondade, carisma e amor. (AMORIM, 2009, p. 4)

Em outro momento, Elisabeth Amorim chama a atenção para o Coronel Germano, um homem descrito como impiedoso, injusto e desonesto com seus empregados, mas que traz em suas lembranças a “imagem da mãe, uma mulher forte, autoritária, dando ordens aos garimpeiros” (AMORIM, 2009, p. 8); e Zé Peixoto, um dos personagens mais temidos do romance, um “negro forte, perverso, corajoso e audacioso”, cujas lembranças são da tia Sebastiana, uma velha ranzinza que o agredia (AMORIM, 2009, p. 8).

Para Amorim, há um questionamento a se fazer sobre o motivo da brutalização desses homens com relação à interferência das mães, visto que, por tanto tempo, esses homens viveram em um ambiente agressivo e, por consequência, passaram a reproduzir aquelas atitudes.

As perguntas de Elisabeth Amorim propõem aos leitores uma análise a respeito das relações sociais e suas intercorrências. Então, a agressividade de um homem inicia-se a partir de sua convivência dele com uma mulher agressiva? Ou, em *Cascalho*, as representações femininas aparecem como opressoras e silenciadas?

Cascalho é um romance ficcional, porém, baseado nas histórias regionais de uma coletividade. Levando em consideração a nossa subjetividade e os avanços que estamos fazendo quanto aos estudos de gênero e raça, as análises a partir de uma obra do século passado como *Cascalho*, ambientada no interior do estado, em uma época em que o homem aparece como detentor da força, herói da riqueza e das conquistas, certamente nos permite compreender as mulheres da obra como invisibilizadas, silenciadas e sem voz, não apenas pela força dos coronéis, mas também pela sociedade como um todo.

Falando em romance, Renato Luiz Bandeira, escritor baiano, desde 1973 contabiliza entre suas obras mais de 20 escritos sobre arqueologia e história, além de romances como *A guerra dos coronéis*, *Cangaceiros e jagunços*, *Nova redenção sua história seus encantos*, *Chapada Diamantina riquezas e encantos*, todos voltados para a região. Seu mais recente romance histórico, intitulado *Prostitutas, diamantes e coronéis*, foi lançado em 2020.

Esse último livro aborda a prostituição nas Lavras Diamantinas nas cidades de Mucugê, Andaraí e Lençóis. Segundo o autor, são utilizadas datas e locais reais de uma época. A trama central gira em torno da história de uma prostituta, Dolores Valdez, que ainda jovem sai de Salvador rumo a Lençóis e apaixona-se por um Cônsul da França, tornando-se, mais tarde, Consulesa.

Outra obra do ano de 1910, de Lindolfo Rocha (1962-1911), segue a mesma linha das obras citadas acima. Importante para a região da Chapada, Maria Dusá é um romance histórico muito estudado nas pesquisas sobre o garimpo, devido aos seus dados e descrições sobre a época e as coletividades que viviam no sertão da Bahia. A história foi roteirizada e transformada na telenovela *Maria Maria* por Manuel Carlos, autor global, exibida no horário das 18 horas entre janeiro e junho de 1978, que contou com Claudio Cavalcante e Nivea Maria como personagens principais.

A história de Maria Dusá (ROCHA, 1980) é narrada a partir de 1860 e apresenta um triângulo amoroso envolvendo uma prostituta afamada, Maria Dusá, além de Maria Alves. A segunda é uma moça “vendida” ao Tropeiro Ricardo Brandão por seu pai em

troca de um punhado de sal, em uma estiagem de uma noite da tropa nas terras da família.

Nas primeiras linhas do romance, a narrativa de Lindolfo apresenta uma tropa, comandada por Ricardo Brandão, vinda de Minas Gerais com o intuito de vender mercadorias aos garimpeiros da região. O tropeiro é acolhido na fazenda por “Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares” (ROCHA, 1980 p. 5), que foi vitimado pela seca e por sua própria preguiça de cuidar das terras, motivo que o fez perder tudo (ROCHA, 1980).

A chegada de Ricardo Brandão à região é marcada pelo empobrecimento da população, porém, o autor foca na descrição dos costumes que outrora fizeram parte da crítica social, afinal, nas primeiras cenas, o moço já inicia um romance com uma menina, um amor à primeira vista, mas encabeçado por um negócio.

Dona Maria Rosa — Se ele (Ricardo) desse um celamim de sal, bem que eu te (Maria Alves) dava para cozinhar na casa dele.
Seu Raimundo — É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo. (ROCHA, 1980, p 6)

O mineiro, meditando sobre as piores aberrações que havia escutado desde o início de sua viagem, mandou separar as mercadorias, mas antes afirmou ser crime comprar gente e, por esse motivo, estava permitindo que Maria Alves ficasse livre para permanecer em sua casa, deixando-lhe apenas um gesto, uma corrente de prata, presente de sua mãe, e a promessa de um dia retornar para buscá-la.

A obra retrata a Chapada Diamantina como o centro do mundo, um lugar próspero, um paraíso para os forasteiros que se dedicavam à busca pela riqueza. Tempos após conhecer a bela sertaneja, Ricardo parte rumo ao seu destino e encontra-se em Xique-Xique com a prostituta Maria Dusá, uma mulher idêntica a Maria Alves, porém, debochada e com detalhes finos.

Lindolfo Rocha apresenta Maria Dusá como uma mulher forte, de singular beleza, que vive uma vida de exageros e despertava a atenção de todos: “Lá está a Maria Dusá! É aquela morena, de vestido cor-de-rosa, decotado, que está de cabelo solto, brincos e medalha de brilhantes, presa ao pescoço por um veludinho cor-de-rosa” (ROCHA, 1980, p. 54).

Maria Dusá passa a fazer parte do triângulo amoroso. A moça, que chegou pobre à região da Chapada Diamantina e enriqueceu no auge da extração diamantífera, tornou-se uma mulher poderosa, dona de escravos e muitas posses. Dusá se encanta por Ricardo Brandão, homem que lhe destrata por sua aparência e suposto modo de vida.

Em um período de confusão sentimental, após sofrer uma decepção com Ricardo Brandão, Dusá decide abandonar a vida mundana e passa a viver do garimpo, aderindo, inclusive, às vestimentas masculinas e impondo respeito pela bravura. Maria passou a ser a “mulher de punhal”, mesmo não fazendo uso dessa arma.

- Eu queria virar homem, Rita! respondeu fingindo-se grave, e voltando vagorosamente a colherinha na xícara
- Sinhá tem astúcia! Pra que queria virá home?
- Pra trabalhar, Rita; pra ser considerado, respeitado na sociedade. Mulher, e mulher do mundo, sofre muito, Rita.
- Pois estou decidida, Rita. Vou me entregar ao trabalho. Quero ganhar dinheiro agora com o suor do meu rosto.
- Pode mesmo, Sinhá. Olhe sinhá Dedé, sinhá Juliana, sinhá Raimunda, do Mucujê! Esta tem comprado negro, devera! Já comprou vinte e quatro. Negro novo, só! Disse que é pra fazer terno de zabumba, pra tocar em toda festa ganhando dinheiro pra ela. As negras, é bolo e mais bolo, doce e mais doce na rua... a muié é um home! Tudo respeita a ela e qué bem (ROCHA, 1980, p. 53-54)

Nesta fase do romance, Maria Dusá, que vivia à margem da sociedade enquanto “mulher do mundo”, sente a dor de não ter casado, de ter sido destrutada por Ricardo, e se vê desesperada. Em um impulso, revela que irá se dedicar ao trabalho e, com seus esforços, põe a mão no garimpo e torna-se poderosa na extração de diamantes. Com isso, adota seu nome de batismo, e passa a ser chamada por seus próximos como Dona Emerentina (ROCHA, 1980).

A pesquisadora Daniella de Jesus, em sua recente dissertação de mestrado, *Garimpo de Silêncios*, apresenta uma análise sobre o romance de Lindolfo Rocha, mais especificamente, sobre a fase citada acima. As prostitutas, as garimpeiras, as divorciadas, as viúvas, as que atentavam contra a moral Cristã, por exemplo, eram “mulheres de punhal”, usavam os artifícios da masculinização para sobreviver em um ambiente masculino (JESUS, 2019).

As imagens construídas sobre as mulheres garimpeiras as relacionavam à prostituição e as masculinizavam (o sexo era feminino, mas o gênero era masculino). Conforme evidenciou Rocha (2001)

eram “mulheres de punhal” e de “natureza varonil”. Barrozo (2007) e Caleiro e Rodrigues (2007) ao discorrerem sobre este aspecto relatam que o “fazer-se de homem” foi uma estratégia desenvolvida por estas mulheres para dar continuidade a seu trabalho, de modo a obter respeito e melhor exercer ofícios tipicamente masculinos. (JESUS, 2021, p. 134)

Segundo Daniella (2021), a configuração das famílias dos homens que trabalhavam no garimpo deixava as mulheres em estado de abandono, pois eram dias ou meses na serra, restando a elas apenas a alternativa de assumir a chefia familiar. Outras, mesmo com companheiros em casa, assumiam o mesmo papel por não haver trabalho para eles, enquanto elas conseguiam garantir a renda familiar por meio da prestação de serviços domésticos.

A história oral foi utilizada pela autora Daniela Silva para “dar voz” e conseguir capturar a memória da localidade, pois, segundo ela, os estudos iniciais sobre esta temática são mínimos no campo do masculino e, no que tange ao feminino, quase inexistentes. Em um artigo publicado pela autora, no ano de 2017, ela cita a obra *Cascalho*, de Herberto Sales (1944 e 1956), para demonstrar que, nela, o papel da mulher trabalhadora estava longe do garimpo propriamente dito, mas também dentro do próprio garimpo, contrariando a norma.

Para além das atividades ditas femininas as mulheres aparecem em atividades ligadas ao comércio e a atividade garimpeira: Donas de pensão, ajudantes e Donas de vendas, feirantes, alqueladoras (negociantes de animais de carga), Donas de garimpo, “fornecedoras” e garimpeiras. O que nos permite afirmar que as mulheres estavam presentes em diversos espaços, desempenhando tarefas imprescindíveis a sua sobrevivência. (JESUS, 2017, p. 186 -187)

Por meio de entrevistas, Daniella pôde observar as condições de vida e trabalho de homens, mulheres e crianças que arriscavam a vida nos garimpos. Outro ponto destacado pela pesquisadora reporta-se à relação com os maridos, à separação de horário e local, assim como a garimpagem sem o conhecimento do companheiro, conforme trecho abaixo:

[...] as mulheres não poderiam dedicar-se exclusivamente à garimpagem por não poderem se ausentar por períodos muito longos, tendo que faiscar (tipo de garimpo de menor valor. Normalmente se configuraram enquanto garimpos já trabalhados anteriormente por outras pessoas) em serviços localizados próximos à vila. Esta foi a explicação, dada por Dona Zelita, quando questionei os motivos pelos

quais ela não trabalhava junto com o marido: “porque (ele) trabalhava de dia e eu não podia, tinha menino, tá entendendo? A casa cheia de filho, como era que deixava os filhos pra ficar até mais tarde. Ele trabalhava pra lá, cada qual procurava seu mundo [...]. (JESUS, 2016, p. 7)

Uma das entrevistadas contou que o marido não a deixava trabalhar no garimpo por conta dos filhos, mas, quando ele saía de casa, ela então deixava as crianças com a vizinha e partia em busca das pedras (JESUS, 2016). Ao mesmo tempo, a vizinhança se revezava para cuidar dos filhos. Isso demonstra que a história, quando contada por homens, não representa mulheres que, como essa, escondiam determinados atos por não terem o aval do marido.

O fato de as narrativas femininas não aparecerem com frequência nas histórias sobre o garimpo não é apenas reflexo de uma atividade que foi predominantemente masculina, pois as mulheres estavam lá, seja como garimpeiras ou companheiras. Porém, essa ausência é também decorrência do patriarcalismo e do machismo arraigados em uma sociedade que não se preocupa em escutá-las.

Há um silenciamento provocado pela ideia de que apenas homens conseguiam executar a tarefa. Samadhi, em sua dissertação sobre os garimpeiros vinculados à Cooperativa de Garimpeiros de Andaraí (COOGAN), afirma: “As mulheres exercem na draga apenas a função de cozinheiras com uma única exceção, a garimpeira Sidinei, atualmente residente em Lençóis que trabalhou inicialmente “lavando jaroba” e foi até Dona de draga” (PIMENTEL, 2014, p. 72).

Em contraponto, é possível trazer uma fala da nossa entrevistada Dona Neuza Pina sobre a convivência das mulheres no ambiente do garimpo:

Minha relação com o garimpo é de pai e de mãe. Minha relação é porque vem de pais pra filhos. Porque assim, meu avô era garimpeiro e o meu avô foi um grande garimpeiro na região de Iगतu, que era Antônio Félix. Só que na época do meu avô o carbonato tinha mais valor do que o diamante hoje, então. Inclusive no livro Cascalho tem falando do carbonato que ele pegou, que foi o maior carbonato já pego na região.

A gente vivia disso. Tipo, a gente comprava fiado na venda esperando pegar o diamante e era assim que funcionava. – Questionada se funcionava para a mulher da mesma forma que para o homem – Funcionava como para o homem, mas claro que o homem era chefe. Tipo quando o garimpo era do meu pai, minha mãe podia ir trabalhar no garimpo, mas ele que comandava.

[...] Também já trabalhei no garimpo aqui (em Mucugê) com uma amiga minha. Nós duas na época não era necessidade, ela “bora

Neuza, trabalhar no garimpo, vumbora” a gente do doutro lado do Rio, a gente foi bem naquela serra lá em cima (apontou para o alto de uma serra) e a gente fez esse esquema: a gente tirou o cascalho, passou no ralo pra tirar a terra e carregamos ele para bem perto do Rio, pra poder lavar. Imagine tu descer a serra com balde pesado de cascalho na cabeça. Demos um duro e não achamos nenhum diamante, acredita?! (Neuza Pina – informação verbal)

Essa lembrança trazida por Dona Neuza demonstra que as mulheres não eram apenas cozinheiras, esposas e filhas de garimpeiro. Elas também eram garimpeiras e passavam pelas mesmas dificuldades, alegrias e frustrações decorrentes da incerteza no garimpo.

Rômulo Martins traz dados sobre a presença de mulheres que trabalhavam na mineração, que incluía o garimpo. Apesar de não citar a quantidade e destacar que havia um número significativamente superior de homens nas atividades de mineração na região de Lençóis-BA, ao longo de seu trabalho, ele deixa claro que as mulheres também cumpriram este papel (MARTINS, 2013).

Mesmo com menor presença nos garimpos, ao menos, menor presença registrada ou oficial, as mulheres se fizeram presentes neste ambiente hostil e ainda misterioso, mas que sempre despertou muita curiosidade independente do gênero. Conforme afirma Pina: “o mundo do garimpo é um mundo de aventuras, de conflitos, de clandestinidade, mas certamente os vestígios deixados não traduzem ainda toda a dimensão dos caminhos trilhados pelo diamante” (2000, p. 99).

Trazendo isso para a realidade das mulheres que estiveram envolvidas no garimpo de Mucugê-BA, é possível pressupor os inúmeros traços do que ainda está encoberto ou que fora silenciado pelo patriarcalismo. Até os dias atuais, o gênero feminino nas lavras diamantinas está em um lugar de submissão ao homem. A seguir, aprofundaremos essa discussão.

1.4 Compreendendo o gênero feminino

Para compreender a história da mulher no garimpo, utilizando nosso aparato de pesquisa, há uma breve contextualização a ser feita, pois é necessário compreender o gênero feminino não de forma isolada, mas nas suas relações. Isso se faz importante para que, ao ter o gênero feminino como recorte de qualquer área de pesquisa, suas especificidades se façam presentes. Conforme explica Follador:

A partir da década de 1980 a contribuição feminina para a construção da história da humanidade passou a ser destaque nas pesquisas acadêmicas. O conceito de gênero tornou-se amplamente utilizado para caracterizar as relações entre homens e mulheres, partindo do pressuposto de que a formulação de uma história das mulheres necessita obrigatoriamente dos estudos acerca das inter-relações entre os dois sexos. (FOLLADOR, 2009, p. 4)

Tal compreensão constitui um passo importante, pois até aquele momento, os debates sobre as mulheres não eram comuns nas áreas de pesquisas. Em sua obra, Joan Scott (1995) indica que algumas publicações cuja temática estava relacionada à história das mulheres tiveram seus títulos alterados pela substituição de “mulher” por “gênero”, pois o movimento feminista se colocava como uma ameaça ao poder em virtude da busca pela igualdade entre os gêneros.

Essa alteração na nomenclatura das publicações trouxe maior aceitação na área de pesquisa, já que oferece uma conotação mais genérica, pois o gênero “inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica” (SCOTT, 1995, p.75). Esse fato nos faz lembrar os dados apresentados no Relatório de Teodoro Sampaio, citado anteriormente, em que a classificação dos 15.100 habitantes se deu apenas por cor e não por gênero.

Segundo Scott, “gênero” é uma categoria imersa nas instituições sociais e quaisquer mudanças na organização das relações correspondem a mudanças nas representações de poder, ainda que nem sempre seja em um único sentido. Compreender o que é importante para a história é o primeiro passo para conseguir remodelá-la para inserir as mulheres (SCOTT, 1995).

O conceito de gênero trazido por Scott aborda duas hipóteses que estão conectadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). Essa concepção tornou-se base para diversos trabalhos que dialogam com a temática.

Guacira Louro teceu uma análise sobre o texto de Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, em que destacou a utilização do conceito foucautiano de poder pela autora, afirmando que a construção social do gênero está imersa no processo de poder por meio da socialização, formação, educação e política do sujeito (LOURO, 1995). Dessa forma, é possível dizer, então, que as relações entre homens e mulheres são, primariamente, relações de poder, mas de um poder que não

faz parte da prática cotidiana, mas, sim, de um sistema que entende essa relação como cultural. Louro esclarece:

[...] ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes e em tudo isso há diferenças quanto à distribuição do poder, o que vai significar que gênero está implicado na concepção e na construção do poder (LOURO, 1995, p. 106).

Em 1998, em uma entrevista, Joan Scott argumentou que boa parte da história das mulheres é e vai além da dominação masculina, pois foram os homens que determinaram as regras que organizam a sociedade. Dessa forma, os resíduos constroem uma relação em que a cultura e a sociedade, em seus sistemas simbólicos, impõem uma função política que legitima a dominação masculina.

É perceptível, na cultura do Brasil, a forma como a dominação masculina se mantém até os dias atuais. Cunha (2014) explica que o patriarcado é resultado da relação de sujeitos, ou seja: o homem enquanto dominador e a mulher enquanto subordinada.

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir dela, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s). (CUNHA, 2014, p. 154)

Pensar as questões do patriarcado não significa caminhar em um terreno confortável, mas, sim, enfrentar as emboscadas de um rizoma que resulta sempre nas relações de poder, em que a mulher aparece como a outra, aquela determinada para o papel de subordinação. Essa é uma questão histórica levantada por muitos pesquisadores. Pinto (2010) destaca que as mulheres sempre foram vítimas de restrições e preconceitos na sociedade. Nísia Floresta (1989), por sua vez, apontou para a falta de acesso das mulheres à educação, postos de trabalho e aos cargos públicos, indicando como isso se consubstanciava em uma injustiça dos homens.

Quando a mulher consegue alcançar um desses campos antes inatingíveis para elas, como o emprego, seja ele na zona rural ou na cidade, e ainda que doméstico, mas em um lar que não o seu, a injustiça dos homens não cessa, uma vez que o patriarcalismo permanece presente e começa a atingi-las de outras formas. Uma delas é no reconhecimento, pois, no caso do tema desta pesquisa, a mulher

pode até ir para o garimpo e realizar as mesmas tarefas que os homens, mas na maioria das vezes não terá a mesma autoridade que eles e seu trabalho não será valorizado, pois ali “não é seu lugar”. Na atualidade, por mais que as mulheres tenham conquistado espaços de forma bastante significativa, ainda impera o sistema patriarcal que, em pleno século XXI, continua a dar um tratamento desigual para as mulheres.

Para Antunes:

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na tradicional divisão social e sexual do trabalho. Mas – e isso tem sido central – o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 19)

A observação feita por Antunes é completamente pertinente, pois demonstra que a sociedade, ainda que esteja ampliando os campos de atuação feminina, permanece dispensando um tratamento desigual e sexista. É difícil vislumbrar uma situação de reconhecimento da mulher em espaços de trabalhos braçais, que demandam força e/ou estratégia, como indústria, construção civil, segurança, política etc. O reflexo disso é evidente na representação da mulher na história do Brasil.

A identidade nacional é marcada pelo gênero. No nosso exemplo, as identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidade. As mulheres não fazem parte desse cenário, embora existam, obviamente, outras posições nacionais e étnicas que acomodam as mulheres. Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A única menção a mulheres, neste caso, é às “garotas” que eles “namoravam”, ou melhor, que foram “namoradas” no passado, antes do surgimento do conflito. As mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada, mas agora fragmentada e reconstruída, formando identidades nacionais distintas, opostas. (WOODWARD, 2000, p. 09)

Segundo Kathryn Woodward, a identidade nacional é marcada pelo gênero masculino, de modo que as mulheres não fazem parte deste cenário. A autora não é a única a ter essa percepção, uma vez que a ausência ou a figuração secundária da mulher é nítida e institucionalizada:

Por muitos anos, as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história brasileira. Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe sobre suas vidas, papéis e experiências no passado e a própria existência de fenômenos como o movimento pelos direitos da mulher no Brasil do século XIX. (HAHNER, 1981, p. 24)

Para Woodward (2000), ao longo da história do Brasil, o homem provocou uma constante transformação social, mas deixou de fora a importância do papel feminino. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, questiona o lugar da mulher na sociedade e como ele está estabelecido:

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. (BEAUVOIR, 1970, p. 10)

Assim, falar da mulher do garimpo de Mucugê-BA é uma forma de recompor a história e a memória e legitimar a identidade de mulheres que, por tanto tempo, foram consideradas "O Outro" em relação ao homem, como visto anteriormente. Entendemos que a escuta e a reprodução de suas narrativas é uma importante ferramenta para estremecer e, quiçá, quebrar essa percepção social que, há tanto tempo, se tem delas.

A atual luta feminista traz a participação do gênero feminino para os mais diversos setores sociais, antes descartada pelo preconceito historicamente enraizado. Como salienta Woodward (2000, p. 12): "Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento", de forma que a autora ilustra a importância de reconhecer as lutas do passado como um passo importante para fortalecer as batalhas do presente.

Todo esse efeito de dominação e o poder exercido pelo homem é perceptível nas histórias sobre garimpo e garimpagem na região de Mucugê-BA. Diversas obras científicas ou romances discorrem sobre a história do garimpo no Brasil, sendo que uma parte delas se concentra na história dos garimpeiros da Chapada Diamantina-BA, onde se situa a cidade de Mucugê.

Levando em consideração o aparato teórico que as discussões de gênero proporcionam, podemos conjecturar duas coisas. A primeira delas é que o garimpo

era “coisa de homem”, conforme as bases bibliográficas da região, os homens eram os garimpeiros. Como já vimos antes, Helena Medrado determina que o “Garimpeiro é: trabalhador braçal que retira do solo o cascalho e o lava, para, em seguida haver a cata” (MEDRADO, 1998, p. 56).

Logo, pressupõe-se que, em uma época em que se estava à mercê da sorte, trabalhando duro, sofrendo as consequências de viver no meio do mato, das águas, em busca de uma melhoria para a vida por meio da riqueza que o diamante poderia proporcionar, o homem neste ambiente surgiu como um ser humano corajoso, forte, capaz de se proteger, e dar proteção para sua família, incluindo a mulher.

Em segundo lugar, pode-se conjecturar que a mulher sempre esteve no ambiente do garimpo, não apenas como garimpeira, mas como parte importante da estrutura, contribuindo para que houvesse conforto para seus companheiros, com a organização dos espaços, cuidados com a alimentação ou mesmo através do estímulo aos amigos que lá estavam. Porém, na ótica bibliográfica, a mulher aparece como esposa do garimpeiro, ou relacionada ao ambiente de prostituição, como amante, desonrada ou, ainda, como objeto de disputa entre os garimpeiros. Outras obras, como *Cascalho*, sugere a mulher como santa ou como artifício de prazer dos coronéis.

Por outro lado, há na atualidade há pesquisas que inserem a mulher no ambiente do garimpo, que participam não apenas como esposas, companheiras, mas também como garimpeiras em busca da tão sonhada riqueza. A compreensão da mulher neste ambiente vem sendo possível por meio das narrativas orais, que surgem como uma nova possibilidade de enxergar o ambiente histórico a que estamos nos dedicando.

Na historicidade de Mucugê, uma das primeiras pesquisadoras foi Rebeca Serra, uma historiadora que morou na cidade entre os anos de 1991 e 2000. Com o projeto de resgatar a memória da cidade, colheu testemunho sobre o surgimento, a época do diamante e o que ela chama de “dias atuais”. A obra intitulada *Mucugê por Mucugê* (2022) traz entre suas narrativas uma fala que corrobora a nossa discussão.

Rebeca Serra – A senhora trabalhou no garimpo também como seu marido?

Entrevistada 2 - Eu não trabalhava não, mas vivia de garimpo, né? E já achei diamante também, eu achava também.

Rebeca Serra- Mas, não tão grande assim, né?

Entrevistado 1- Não! Ela até achou diamante uma vez, de seis grãos. (SERRA, 2022, p. 164)

Entrevistada 2- E eu sou entusiasmada por garimpo, viu? É só dá uma chavinha lá... eu sou louca, louca, louca por garimpo, sou louca por causa do diamante. (SERRA, 2022, p. 164)

No trecho, uma das entrevistadas de Rebeca revela seu amor pelo diamante, porém, em sua narrativa, há a negação ao dizer que não trabalhava em garimpo, mas que vivia dele, e que encontrava a pedra. Rebeca, por sua vez, indaga a entrevistada, duvidando sobre o tamanho da pedra que ela pegou, enquanto outro entrevistado nega inicialmente, mas em seguida conta que aquela senhora teria encontrado um diamante grande, de seis grãos. Aqui percebemos experiências narradas que não se preocupam em responder uma única pergunta, mas revelam outras possibilidades de vislumbrar o ambiente do garimpo e seus personagens.

Outra pesquisadora que insere as mulheres neste ambiente por meio das narrativas orais é Daniela de Jesus Silva (2021), em seu recente livro “Garimpo de Silêncios”. A obra leva a pensar a mulher dentro dos garimpos em funções reconhecidamente femininas, mas, pelas entrevistas coletadas, também revela que, por muitas vezes, elas exerceram as mesmas funções que os homens.

Observando a população através desta perspectiva das entrevistas, por meio da oralidade, percebemos que a narrativa tem o poder de encobrir ou revelar fatos sobre uma sociedade. Como vimos anteriormente, o garimpo de Mucugê e da região possui terrenos a serem explorados, mas, para isso, precisamos utilizar as ferramentas que nos permita atingir nosso objetivo principal; ou seja, perceber de que forma as mulheres garimpeiras falam sobre si.

2 COMUNICAÇÃO E ORALIDADE EM MUCUGÊ

A oralidade é uma prática que está no cotidiano por meio dos sons, dos gestos e das expressões e movimentos corporais em geral. Neste item, abordaremos a oralidade e suas técnicas para compreender como se dá a constituição do ambiente comunicacional que estabelece uma mediação para o modo como as mulheres garimpeiras constroem suas narrativas. Dessa forma, é imprescindível apresentar neste capítulo os conceitos teóricos que serão utilizados para a percepção analítica dos relatos que iremos considerar.

Constatamos no capítulo anterior que o surgimento da cidade de Mucugê se deu a partir do século XIX, durante a descoberta do diamante na região, que provocou o crescimento populacional e, conseqüentemente, a evolução da cidade. Como já visto, a região era pouco habitada, havia fazendeiros, trabalhadores e escravos, mas a chegada de homens e mulheres de outros locais em busca de uma nova oportunidade no garimpo do diamante diversificou a população.

Divulgada a notícia, correram aos garimpos do Mucugê centenas de pessoas de várias partes da província e do norte de Minas Gerais, transformando como que por encanto aquele local tão silencioso e deserto em ruidoso arraial de casas de palha. (SALES, 1994, p. 42)

Com o desenvolvimento populacional da região, houve uma variação oral que surgiu das novas relações sociais e de trabalho que se formaram. A partir desse fato, precisamos considerar que existe uma influência mútua cultural, uma relação entre mucugeenses, mineiros, sulistas e outros. Com isso, as narrativas que escutamos sobre o ambiente do garimpo são parte da diversidade que chegou junto com a imigração.

Luiz Antônio Marchuschi diz que “a oralidade é também um fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos” (2010, p. 36), pois é por meio dessa prática que o indivíduo enriquece sua comunicação pela troca de experiências na sociedade.

Teodoro Sampaio, em seu relatório sobre Mucugê, considerou a cidade como “incivilizada, deserta, violenta e que precisou de homens vindos da civilização dessem forma e vida” (1938, p. 66). Não há como desconsiderar que o funcionário federal foi cruel em suas palavras, pois não levou em consideração as dificuldades enfrentadas por inúmeras pessoas que se arriscaram nas serras, sem acesso a condições mínimas

de sobrevivência, como moradia, alimento e saúde. Porém, percebo que Sampaio sentia falta das regras, das leis, dos tratados, da civilização que fazia parte do seu ambiente, um homem letrado, vindo da capital.

Apesar da afirmação de Teodoro Sampaio sobre a cidade, segundo Helena Medrado, a alta sociedade de Mucugê elegeu sua primeira câmara em 1847, o povoado transformou-se em vila e ocorreu a construção da igreja Matriz, duas escolas – uma para o sexo masculino e outra para o feminino –, a sede da câmara e uma cadeia. Ou seja, o governo, a religião, a justiça e o letramento foram estabelecidos na vila e não nas serras, onde vivia grande parte da população.

É importante trazer esse dado para vislumbrar a organização social que contribuiu para as formas de oralidade presentes nas histórias que tivemos acesso. Não estamos observando o ambiente comunicacional oral das pessoas encontradas por Teodoro Sampaio, mas, sim, dos descendentes daqueles que passaram a conviver com a diversidade e as normas, levando em consideração que a escrita é um advento tecnológico relacionado à construção identitária daquela nova sociedade, o que interfere diretamente na forma como as narradoras organizam suas memórias e se articulam na narrativa.

Segundo Walter Ong (1998), a humanidade utiliza técnicas de comunicação que nos permitem construir e alargar o convívio social. Dentre elas, a oralidade e a escrita, que tanto são marcadas pelo ambiente sociocultural em que o indivíduo está inserido quanto contribuem para a sua construção. Há uma variação que se desenvolve e se reflete a partir das experiências de vida, das relações de um determinado grupo, das influências que o indivíduo recebe. Um adendo a ser feito sobre esta pesquisa é a educação, a cordialidade e o tom baixo presentes nas vozes das mucugeenses que foram entrevistadas.

O teórico Paul Ricoeur (1994) corrobora Walter Ong ao dizer que as narrativas configuram o princípio organizador da ação humana e que essa é uma prática que está no cotidiano das sociedades por meio dos sons, dos gestos, das expressões ou dos movimentos corporais. A voz, segundo Muniz Sodré, “é capaz de evocar, pela sucessão de fatos, um mundo dado como real ou imaginário, em um tempo ou espaço determinado” (SODRÉ, 1988, p. 75).

As afirmações de Ricoeur (1994) e Ong (1998) colaboram para a compreensão do ambiente social e comunicacional de Mucugê: uma cidade que surgiu da relação de alguns fazendeiros com seus trabalhadores, mas que mudou a partir do advento

do diamante. O surgimento da pedra levou um grande número de pessoas para a região e, assim, houve a necessidade de criar normas de convívio entre os novos moradores por meio dos artifícios tecnológicos que estavam disponíveis, dentre eles a escrita, a justiça e a religião.

Em nossa pesquisa, encontramos mulheres que são fruto desse ambiente. Elas são letradas, fazem parte de uma sociedade que detém os aparatos tecnológicos que citamos acima – principalmente a escrita – que, impreterivelmente, interferem no modo como elas constroem suas narrativas orais. Vejamos como isso pode ser entendido.

2.1 Os diferentes ambientes da oralidade

Segundo Walter Ong (1998), a oralidade é parte da cultura, cuja natureza pode ser entendida por meio de três categorias: a oralidade primária, que subsiste fora do sistema de simbolização gráfica da escrita alfabética, a oralidade secundária, quando há interferência da escrita, e, ainda, a mista, caracterizada pela coexistência de traços vinculados à oralidade primária e secundária.

Segundo Paul Zumthor (1993), a oralidade primária existe nas sociedades ágrafas (não possuem escrita alfabética), as quais a utilizam como única forma de comunicação, pela qual há a construção e a manutenção da memória social. Dito isso, poderíamos entender que, historicamente, a região de Mucugê surgiu nesse ambiente da oralidade, afinal, como vimos no primeiro capítulo, até o advento do diamante não haviam aparatos tecnológicos que estivessem disponíveis para a pequena população de fazendeiros e empregados que ali viviam.

Na oralidade primária há um conservadorismo que vem desde a capacidade de recordar. Há um modo próprio de construção dos enunciados, que são relacionados a hábitos do cotidiano, provocando interesse e “fixando” assim o que foi dito. Com relação ao nosso objeto, quando escutamos as histórias sobre o garimpo, frases como “aqui achava diamante na beira do rio”, “quando chovia, o diamante descia pela água da serra”, “ainda tem muito diamante aí nessas serras”, são formas de nos manter dentro de uma cidade tradicionalmente garimpeira.

A secundária, conforme entendimento de Zumthor (1993), aparece quando a escrita e o modo de pensamento suscitado por ela promovem a resignificação da oralidade, uma vez que o suporte impresso assume a função mnemônica e passa a

subsistir junto com a memória oral. Com isso, o pensamento racionalista, burocratizado e individualista surge e é instaurado.

Em Mucugê, nota-se esse processo sobretudo com a chegada da igreja, que tinha por função cobrar os impostos e catequizar a população; da escola – responsável pela alfabetização, essa dividida entre gêneros, masculino e feminino; e da cadeia, que tinha por função manter a ordem ou castigar aqueles que descumpriam as regras. Certamente, a conjunção desses fatores gerou um impacto social no ambiente que modificou a oralidade regional.

Walter Ong (1998) teve grande preocupação em sua obra com o impacto na cultura e na educação com a mudança da oralidade primária para a secundária. A escrita é também uma tecnologia e, como tal, capaz de reestruturar completamente nossa consciência. Quando introduzida numa "cultura primária oral", por exemplo, essa tecnologia causa grandes impactos em todas as áreas da vida. Quanto a isso, duas de nossas entrevistadas citam o ensino como profissão: Tia Val foi professora em Mucugê e a mãe de Dona Neuza Pina era a conhecida professora "leiga" de Iगतú, ou seja, sem formação específica, mas que exercia a função de formar os estudantes nas séries iniciais.

O texto permite uma nova construção de saberes, os conhecimentos são registrados, repetidos e transmitidos como forma de estimular a memória coletiva. Um exemplo a ser citado sobre o aparato de memória pelo registro vinculado à oralidade secundária é o Arquivo Público Municipal de Mucugê, localizado no centro da cidade, e o museu anexo a ele, que mantém em seu acervo utensílios domésticos do século XIX, materiais usados no garimpo, vestimentas dos garimpeiros e até instrumentos musicais utilizados nos festejos do século XX. No local também é possível encontrar documentos que registram os títulos eleitorais, as posses de terras e até mesmo a passagem da Coluna Prestes na região, ou seja, há a preservação de uma memória coletiva pelos utensílios e por todas as informações que são produzidas e estão expostas.

Segundo Paul Zumthor (1985), há ainda uma oralidade mista a ser considerada, constituída pela ação de ambas as oralidades anteriores e diferentes meios comunicacionais. Um exemplo é que, independentemente de local, recebemos sinal via satélite, ou podemos fazer uma chamada de vídeo a quilômetros de distância. Se hoje estivéssemos na época da extração das pedras preciosas no garimpo, por exemplo, poderíamos utilizar um drone para sobrevoar a região e ter uma ideia do

melhor caminho a ser feito para subir a serra, o que não era possível no passado, quando famílias inteiras enfrentavam o perigo da mata em busca de novas chances de garimpagem e sobrevivência.

Paul Zumthor chama a atenção para dizer que uma sociedade pode estar amparada pela tecnologia da escrita, mas de forma precária, parcial e lenta. Segundo o autor, ainda hoje, é possível vislumbrar comunidades que convivem com as regras de uma escrita nacional, mas que, por exemplo, mantêm um dialeto, uma linguagem local (ZUMTHOR, 1985). Por exemplo, nas narrativas que estudamos há uma linguagem própria que faz parte da memória local, a chamada “linguagem de garimpeiro” que as mulheres fazem questão de traduzir à medida que surgem os termos, tal como paiol, jaroba etc.

Assim, compreendemos que as mulheres garimpeiras com as quais tivemos contato estão envolvidas no ambiente comunicacional da oralidade mista, afinal, a cidade recebeu os aparatos tecnológicos da educação, além do intercâmbio com outras culturas pelos novos moradores. Porém, apesar da alfabetização ser parte da interação social daquelas pessoas e do avanço da cidade, as narrativas enunciadas por nossas entrevistadas também são marcadas por características que estão presentes nas culturas identificadas como pertencentes à oralidade primária.

Voltando a falar em oralidade primária, a transmissão oral está calcada na memória do indivíduo. O armazenamento é amparado por padrões mnemônicos estabelecidos por meio das tradições e por técnicas subjacentes à própria oralidade, dessa forma, pessoas mais velhas são vistas como mais sábias. Não por acaso, Tia Val e Dona Zelani são reconhecidas em Mucugê como “memórias viva” da cidade.

É imprescindível frisar que, nesse contexto da oralidade primária, é necessário existir, no mínimo, um narrador e um ouvinte, para que um fale e o outro escute o que foi dito, dessa forma, o “pensamento apoiado em uma cultura oral está preso à comunicação” (ONG, 1998, p. 44). Assim, sem a escrita, as informações são transmitidas pela vivência, pelos conhecimentos propagados de geração para geração; de modo que o saber é repetido, imitado e observado para que se perpetue. Isto é, significa que a memória cumpre o papel de “armazenar” o conhecimento de uma sociedade e repassá-lo.

2.2 As marcas da oralidade na constituição das narrativas

Iniciamos a rememoração da história de vida das nossas entrevistadas com uma pergunta base, que objetivava saber com quem estávamos conversando, em que época e de que forma elas se auto-representavam naquele ambiente. A pergunta inicial que “funcionou” como um gatilho foi: “Qual o envolvimento da senhora com o garimpo?”, que foi respondida de forma muito similar por cada uma delas:

Filha do garimpo, porque o meu pai era garimpeiro e eu sempre vivi também um pouco dessa história do garimpo, eu e a minha mãe, principalmente a minha mãe, que ia quase sempre ao garimpo. (Valdelice Silva – informação verbal)

Eu era (garimpeira), meu pai era garimpeiro, eu nasci no garimpo, me criei no garimpo, depois que eu fiquei noiva, casei com.... Meu marido não era garimpeiro, trabalhava, mas não era garimpeiro, era comerciante. Agora meu pai trabalhou no garimpo até 84 anos. Depois que eu casei, meu marido foi e tirou ele do garimpo. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Minha relação é porque vem de pais para filhos porque assim meu avô era garimpeiro e o meu avô foi um grande garimpeiro na região em Igatú, que era Antônio Félix. (Neuza Pina – informação verbal)

Nossas entrevistadas, provocadas a se colocar no ambiente do garimpo a partir da pergunta inicial, entregaram-se a um processo de revisitar suas lembranças e contar suas histórias. O envolvimento foi imediato, elas estavam dispostas a falar sobre suas memórias. A cada narrativa, era possível perceber características de uma sociedade mediada pela oralidade mista, mas que, de certa forma, indicava muitos traços da oralidade primária apontados por Walter Ong. Por exemplo, no relato acima, nota-se o orgulho de Dona Neuza em falar sobre sua descendência, sobre ser filha e neta de garimpeiros, algo muito recorrente na região.

Segundo Ong (1998), as culturas orais primárias possuem algumas propriedades bem específicas, referentes ao modo como organizam “o pensamento e a expressão” (ONG, 1998, p. 47). Assim, buscaremos explicitar de que maneira tais características intervêm no modo de constituição das narrativas das mulheres garimpeiras.

Em primeiro lugar, destacam-se características mais “aditivas que subordinativas” (ONG, 1998, p. 47): nesse caso, vemos estruturas orais organizadas por meio da justaposição de fatos e/ou ideias, e não pelo estabelecimento de relações causais. Vejamos o relato abaixo:

Ele pegava diamante. Tinha hora que tomava conta de 8 (oito) pessoas de seu Aldo, Aldo Medrado. Aí ele trazia despesa pra ele e eu levava as outras pessoas pro garimpo e aí pegava diamante, não botava no picamor, botava no lenço, ele batia assim com o lenço, aquela porção de diamante. Eu sei que era moça, falava assim “tira um pra mim”, ele dizia “ah, não”. Eu tinha vontade de pegar, tirar um pra mim. Aí uma vez minha mãe, nós fomos pro garimpo, passamos a semana toda lá e ele tirando a terra lá mais os outros companheiros. Quando foi meio-dia minha mãe terminou de comer, aí foi lavar os pratos lá no córrego, aí eu fui também, aí ela ficou assim olhando, aí disse “Vixe, um diamante!” Não lembro mais o tanto quanto deu o diamante, mas uma pedra, a coisa mais linda. Aí eu fiquei toda alegre, “é nosso, foi a gente que achou, né?” [...]. (Zelani Barbosa – informação verbal)

No trecho acima, vemos que há uma organização que permite a compreensão do que é dito, mas não mediante uma relação de causalidade clara. Dona Zelani (informação verbal) afirmou que seu pai pegava diamante, contou que ele tomava conta de até 8 (oito) pessoas, que teve uma vez que foi para o garimpo com a mãe e o pai estava trabalhando com outros companheiros, e conta como a mãe encontrou diamante no córrego do rio ao lavar os pratos. Essas falas possuem conexão, mas a relação de causalidade não está estabelecida, pois as informações não possuem um elo que determine que um acontecimento está vinculado ao anterior – por exemplo, é possível questionar se os companheiros com quem o pai estava no dia que a mãe de Dona Zelani encontrou o diamante eram os mesmos que ele cuidava para seu Aldo Medrado; ou ainda, se ele colocava o diamante no lenço ao invés do picamor, quando estava em grupo. São questionamentos válidos exatamente pela ausência do estabelecimento da relação causal.

As segundas são características mais “agregativas do que analíticas” (ONG, 1998, p. 49): aqui, temos uma oralidade cheia de epítetos, atributos para facilitar a memorização por meio da figurativização.

Não bastou Mucugê ser uma localidade de exploração diamantífera, visto que é descrita como uma das regiões que “mais se extraiu diamante”. Então, sob essa ótica, quando se descreve os garimpeiros, normalmente busca-se destacá-los, pois não bastava ser garimpeiro, era o “garimpeiro esperto”, o garimpeiro que “pegou mais diamante”, ou, ainda, o garimpeiro que “pegou o maior diamante”.

Assim, Tia Val afirma inúmeras vezes que “Meu pai achou muito diamante”; Dona Neuza lembra do livro *Cascalho* de Herberto Salles e declara: “Meu pai tá até

no livro como o homem que achou o maior carbonato” (diamante preto muito extraído em Iगतú); e Dona Zelani fala que o pai “Foi o homem que pegou o diamante maior da cidade, garimpou uma banda com 90 grãos”. Tais relatos se encarregam de selecionar um grupo de homens diferentes dos demais, de colocá-los em um patamar mais elevado.

Nesses trechos, é possível observar que não estamos conhecendo as vidas de “simples” garimpeiros, pois, segundo as narrativas de suas descendentes, eles foram os maiores garimpeiros da região, cada um em sua particularidade. O pai de tia Val achou “muito”, o de Dona Zelani encontrou o “maior” e o de avô Dona Neuza encontrou o “maior carbonato”. Aqui, percebemos que em cada narrativa há uma forma de enaltecer o trabalho dos homens. Estes, inicialmente apresentados na figura do “pai”, o que facilita a memorização de quem eram aquelas pessoas.

As terceiras são características mais “redundantes ou ‘copiosas” (ONG, 1998, p. 50): na oralidade primária, os enunciados possuem necessidade de repetições, de resgate do que foi dito antes, a todo tempo. Enquanto na escrita isso pode ser facilmente solucionado retornando ao parágrafo anterior, na oralidade primária isso pode gerar problemas na compreensão caso técnicas e mecanismos não sejam utilizados para suprir possíveis ruídos. Segundo Ong (1998), a mente avança lentamente, logo, a redundância utilizada nas comunidades de oralidade primária auxilia o narrador e o ouvinte a não se perderem na narrativa que está sendo apresentada. Vejamos a narrativa de tia Val:

Ela só era, era chamada de doméstica, ela só cuidava do lar e quando ia era assim pra lavar roupa, lavar roupa e ajudar também. Às vezes ajudava, né, a carregar um pouco de cascalho de um lugar para outro, porque às vezes era fora da água, então até chegar na água pra lavar o cascalho... tem o processo, né? [...] e aí minha mãe ajudava a levar esse cascalho até onde ia passar água, passava água, ia mexendo ali pra o diamante ficar. Porque o diamante sendo uma pedra mais pesada, ela, a areia corria e ele ficava, retido ali. Depois lavava e ele ficava na bateia[...]. (Valdelice Silva – informação verbal)

Em conformidade com o pensamento de Ong (1998), Zumthor (1993) indica que a oralidade e o ambiente comunicacional vinculado a ela apoiam-se em diversos aspectos, dentre eles, a repetição das histórias, destacando que as técnicas utilizadas permitem a sua perpetuação. Marcio Seligmann (2010, p. 9) afirma que “a linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de

dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados”. Desta forma, a repetição é uma técnica de memória, não só individual, mas coletiva. Como vimos acima, quando Tia Val começa a contar sobre a mãe e o pai trabalharem ou não no garimpo, ela repete frases, tentando garantir que sua interlocutora estivesse atenta ao que ela detalhava, tanto que, durante seu relato, fazia questão de apontar para a serra ou para as ruas que estava descrevendo, e preocupando-se em explicar os significados dos utensílios citados, como a “bateia”, por exemplo.

As quartas são características mais “conservadoras ou tradicionalistas” (ONG, 1998, p. 52): para Ong (1998), as culturas orais costumam ser bastante conservadoras. Isso se dá em função de que, para que as palavras se perpetuem, é necessária a sua contínua repetição. Neste caso, as mudanças nas narrativas tendem a causar prejuízo no processo de memorização, diferentemente das culturas escritas, em que novos livros e documentos não põem fim nos anteriores, que podem continuar a ser consultados.

Como pode ser vislumbrado no relato a seguir, o pai de Tia Val representava o papel do homem que trabalhava fora e, quando chegava em casa, era cuidado pela esposa:

E ele chegava, deitava. Ela tirava meia, tirava sapato, passava limão, dava um caldinho de carne na boca. Isso é exemplo de minha mãe, viu. Dava um caldinho de carne pra ele, um cafezinho sem açúcar [...] o dia que tinha uma festa, um casamento, um baile, ele comprava a roupa mais bonita pra ela, ele dava, quando ele tinha dinheiro, quando não tinha também [...]. (Valdelice Silva – informação verbal)

Percebemos o cuidado e a admiração de Tia Val quanto à postura da mãe enquanto relatava a dedicação de sua genitora, pois sorria e demonstrava concordância ao que ela mesma estava dizendo. Na sua narrativa encontramos a mulher submissa que estava disposta a cuidar de seu marido, independentemente de onde ele estivesse vindo. Há ainda o intuito de mostrar que seu pai também retribuía o carinho recebido, ao dizer que ele dava a melhor roupa para a mãe em dias de festa. Nesse trecho, percebe-se que há uma forma de compensação, talvez oriunda da narrativa da entrevistada ou da atitude do garimpeiro.

Seguindo o mesmo viés e com a mesma entrevistada, identificamos traços de um ambiente tradicionalista, cheio de costumes. Em livros que consultamos, como *Cascalho* de Herberto Sales, homens garimpeiros costumavam gastar suas fortunas

nos cabarés da cidade. Ganhavam o dinheiro na serra e gastavam fazendo “farras”. Ao perguntar a tia Val sobre isso, ela nos relatou:

VS: É, mas era assim mesmo, meu pai ai, meu pai passava três dias fora de casa, porque ele, eu ainda criança, mas eu me lembro. Tem muita história, viu. Se for falar tudo. Meu pai, ele saía sexta feira. Sexta feira a noite, né, e chegava domingo à noite. Nesse intervalo ele vinha em casa como os amigos, mas pra comer. Minha mãe fazia moqueca, fazia feijoada, fazia lombo. Tudo que ele gostava. Minha mãe sabia cozinhar bem, e ele levava os amigos pra tomar cachaça e comer. E a maior parte do tempo era na rua, nos cabarés. Gastando o dinheirinho com as mulheres de lá.

EB: E neste caso a sua mãe ficava como, ele deixava um dinheiro em casa, também?

VS: Não, ele deixava tudo em casa, os porquinhos já estavam em casa.

EB: Ah, sim, ele já deixava a parte separada.

VS: Tudo, tudo ali. E ele mandava as meninas, as meninas lá do cabaré vir em casa buscar alguma coisa pra elas, pra comer, né?

Minha mãe fazia a sacola de coisas pras meninas. Comprava daquele peixe seco, sabe? E minha mãe fazia peixe, carne e toicinho, de tudo que tinha em casa e dava pra elas. E elas iam carregando.

EB: E ela dava de bom coração?

VS: De bom coração. (Valdelice Silva – informação verbal)

Aqui, nesse trecho do relato, encontramos uma perspectiva extremamente machista, tradicionalista e muito conservadora. Como revelado nos livros, ao homem era permitido ficar fora de casa, na farra, gastando o dinheiro que havia ganhado e, na família de tia Val, não era diferente. Já o papel da mulher estava nas funções de cuidar do marido, da casa, da família e ainda ser um ser humano “à frente de seu tempo”.

Dona Isabel, mãe de tia Val, não era só uma esposa, mas, sim, a que aguentava as dificuldades dos dias de garimpo e demonstrava bondade na adversidade. Não era só o almoço para os amigos que ela disponibilizava, mas também os alimentos para as meninas do cabaré, cozidos ou não. E, quando ouvia as fofocas, ela respondia: “Seu marido está lá no cabaré. Você é minha amiga? Sou! Então não me conta não!”

O relato acima faz parte de um ambiente em que aos homens era permitido viver em liberdade, tomar decisões e fazer uso de sua masculinidade como achassem melhor, enquanto mulheres exerciam o papel de manter o casamento e criar os filhos, cuidar do lar, “fazendo de conta” que não viam o que acontecia quando eles saía para

a diversão, se mantendo na estrutura conservadora de boa esposa, mãe e companheira de seus maridos.

Ainda sobre o tradicionalismo e o conservadorismo considerado por Walter Ong (2009), observamos um relato de Dona Zelani sobre sua vida amorosa:

ZB: Quando eu fiquei noiva, ele (o pai) falou com o noivo, que o noivo pediu em casamento, ele falou assim: eu vou te pedir uma coisa cê não dá a ela uma bala lá de sua venda, que é pra você não ter direito de carregar ela daqui pra passear, não quero que vc dê a ela uma bala, depois que você casar você dá tudo, mas antes de casar não quero uma bala. E nem quero que dê nada pro casamento.

EB: Era um homem que tinha uma honra a zelar...

ZB: Aí ele falou comigo vou te pedir uma coisa, eu falei, se eu puder. Não faz eu passar vergonha. Leva o véu e a grinalda. Falei, levo. Te garanto menina, quando eu tava noiva, tinha uma vontade de saltar fora, mas acabava lembrando.

EB: a promessa

ZB: A promessa que eu fiz ao veio, leva o véu e a grinalda, eu levei. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Pensando a conservação como algo estático a partir de uma ordem social, encontramos no pedido do pai de Dona Zelani a manutenção de uma tradição de época extremamente conservadora, de modo que ao rapaz cabia a função de manter-se enquanto namorado e, à moça, o dever de levar o véu e a grinalda, uma atitude que significava mostrar socialmente que a mulher se casou virgem, mantendo assim a honra do pai intacta.

Dentre as características, temos ainda aquelas que definem as culturas de oralidade primária como mais “próximas ao cotidiano” (ONG, 1998, p. 53): nessa categoria, as culturas orais organizam seus relatos em referência mais ou menos próxima ao cotidiano da vida humana. Nas narrativas marcadas por categorias da oralidade primária, o conhecimento verbalizado pelo narrador tende a utilizar suas próprias experiências e aquilo que puderam observar em suas vivências.

Por exemplo, Dona Zelani tem histórias que revelam como eram os hábitos rotineiros de sua família. Conta que quando a família ia passar a semana no garimpo, moravam em uma lapa e iam para casa apenas nos finais de semana, chegando na cidade na sexta-feira e retornando ao garimpo no domingo; e que, enquanto o pai trabalhava no garimpo, a mãe cozinhava e lavava as roupas e, após terminar, ainda o ajudava. A história se repete nas narrativas de outra entrevistada, vejamos:

[...] como funcionava: ele ia para o garimpo todo dia, levantava cedo e ia para o garimpo e minha mãe ficava cuidando dos serviços de casa. Ou quando ia para o garimpo com ele quando as crianças era pequenas ou antes dela, deles, terem filhos, e ela ia com ele e ajudava a trabalhar. Também no garimpo, ela ia fazer comida, levava a comida e quando terminava ajudava ele. Tipo assim, quando eu ia pegar os cascalhos, pegar o barro de cascalho entendeu, ela fazia a mesma coisa.

[...] era bom, ele fez um barraco para gente na época. Júnior e Gisele eram pequenos. Eu tenho dois filhos, Juninho e Gisele. Eles eram pequenos, e levava para o garimpo. A gente passava a semana inteira no garimpo, e a gente só vinha para casa final de semana. (Neuza Pina – informação verbal)

Dona Neuza menciona a mesma rotina tanto na própria vida quanto na de seus pais. O mesmo acontece com tia Val em suas memórias da época de menina: lembra de ir para o garimpo com os pais, da mãe lavando pratos no rio, de vê-la ajudando com o cascalho e, assim, ao falar sobre esse cotidiano e sobre como o garimpo funcionava, as entrevistadas aproximam suas vivências de outras também experienciadas por outras famílias garimpeiras. E não é diferente com Dona Zelani: “minha mãe cuidava da comida, lá no garimpo. Era lapa, aquela lapona, que a gente morava embaixo de pedra. Só vinha aqui pra cidade na sexta feira e voltava no domingo”.

As sextas são características de “tom agonístico” (ONG, 1998, p. 55): quando uma narrativa de oralidade primária possui tal tom, propõe-se um desafio por meio de um provérbio ou enigma que provoca o interlocutor a aprendê-lo.

Essa não é uma característica muito presente nas narrativas de nossas entrevistadas, a não ser pela crença de que existem muitos diamantes “esperando” por pessoas que estejam dispostas a “garimpá-los”.

IN: E até hoje tem, é porque não tem é gente para trabalhar, só trabalham pouco. (Isabel Nascimento – informação verbal)

VS: O que falta é gente para garimpar, e os que têm querem saber de outras coisas. (Valdelice Silva – informação verbal)

NP: [...] hoje é mais difícil, tem muito diamante aí, tem lugar que é rico, que você não sabe onde é, a gente nunca sabe, o diamante tá lá, a gente vai arriscar, se eu for tocar isso aqui eu tô arriscando pode dar ou não. (Neuza Pina – informação verbal)

Aqui percebemos que, segundo nossas entrevistadas, há diamantes à espera de pessoas que estejam dispostas a “entrar no jogo” e garimpá-los na terra ou na beira dos rios. Há um envolvimento “encantador” em dizer que eles – os diamantes – são

possíveis, demonstrando crença e levando, de certa forma, à persuasão desta interlocutora, que passou a crer que poderia ir em busca das pedras preciosas.

As sétimas são características mais “empáticas e participativas” (ONG, 1998, p. 57): quem narra a história cria uma intimidade com seus personagens e com seu ouvinte.

Quando Dona Neuza, por exemplo, nos conta que um de seus irmãos ainda é garimpeiro, acrescenta que ele tem um bar em Igatú, distrito de Andaraí/BA, e que certamente “devo conhecê-lo”. Nesse relato, ela me aproxima de sua história e me leva para dentro dela, criando um elo de proximidade. Em outro momento, nossa entrevistada narra a negociação de uma sociedade no garimpo, e para que eu compreenda, me insere nela:

Eles foram nesse, uma pessoa te dava comida, você fazendo garimpo para ele, chega em casa nesse garimpo, bancava; Sim dava comida, era que dava a quem trabalhava, a quem se virava. Um lugarzinho para você, quando você pegava, era dividido para mim e você, entendeu? (Neuza Pina – informação verbal)

Tia Val é outra entrevistada que, além de trazer seus relatos, demonstra cuidado em sua narrativa pois, detalhadamente, chama a atenção para as linguagens dos garimpeiros como uma forma de transmitir aquilo que não é conhecido por mim. Ela não estava ali apenas contando uma história, mas sim traduzindo sobre o que estava falando: “isso é linguagem do garimpeiro, ele fez, ele fez um Paiol enorme de cascalho, um monte um monte de cascalho para lavar”.

Tia Val é uma senhora cega, que perdeu a visão após uma cirurgia de catarata, uma mulher letrada, que trabalhou na prefeitura, mas que, mesmo sendo influenciada pela escrita, faz questão de sinalizar com as mãos enquanto fala, aponta para a serra e direciona nosso olhar para onde ficam as ruas, ou até mesmo as fotografias da família na parede: “Minha mãe ali, aquela foto ali, e ele é meu pai, Araújo”. Enquanto revisita suas memórias, nitidamente, ela se preocupa em fazer compreender o que sua interlocutora está escutando.

A oitava reporta-se à característica homeostática (ONG, 1998, p. 58), ou seja, quando a narrativa se mantém em equilíbrio com o presente, desprezando tudo o que não está em relação com ele, descartando memórias que já não se compreendem como relevantes com base no momento atual. Nessa categoria, o vocabulário é controlado pela “situação da vida real em que a palavra é usada aqui e agora” (ONG,

1998, p. 58). Dentre as narrativas coletadas, tal característica não se apresentou de forma muito recorrente, mas ainda assim há traços dela.

Por exemplo, apesar do pouco que Dona Isabel falou, ao afirmar que não se recordava de como as coisas aconteceram direito, ela também disse que não lembrava porque tinha ido morar em Brasília-DF, logo, aquelas histórias e vivências já não mais importavam em seu presente. E o pouco que falou sobre sua mãe Elza reporta-se àquilo que, até hoje, todos sabem na cidade: que ela, junto com a amiga Júlia, encontraram em um só dia uma grande quantidade de diamantes. Vejamos seu relato:

IS: Eu casei fui embora e ela ficou aí, eu fiquei 32 anos em Brasília. Aí eu não sei se elas continuaram. Ficou muito tempo também como fiscal na rua, só que quando ela trabalhou eu estava aqui.

EB: a senhora acha que essa época do diamante, para sua mãe, particularmente, era uma época boa?

IN: Era.

EB: De diversão?

IN: De diversão, e a alegria delas porque sendo mulher e pegou esses diamantes, né? (Isabel Nascimento – informação verbal)

A nona característica diz respeito a aspectos “mais situacionais do que abstratos” (ONG, 1998, p. 60): segundo Ong, as culturas orais tendem a organizar a experiência e construir enunciados dentro de “quadros de referência situacionais, operacionais, que possuem um mínimo de abstração, que permanecem próximos ao mundo cotidiano da vida humana” (ONG, 1998, p. 61).

Em determinado momento, em duas narrativas analisadas, é possível observar os agrupamentos feitos pelas entrevistadas com base em aspectos situacionais:

ZB: Era comprar roupa, era mesmo. Minha mãe, quando ele pegava um diamante, chegava, dava uma parte de dinheiro, eu era menina, ela mandava, eu já mocinha, ela dizia, vai lá onde tá seu Juvêncio, diga a ele que me mande cinco metros de chita ou cinco metros de madrastra, cinco metros de fazer lençol, era só no que ela pensava, era em lençol. Aí eu vinha, pegava, depois ela vinha pagar.

EB: Pensava mais na casa mesmo, né?

ZB: É a gente pensa só na casa. Meu pai dizia, ele era engraçado, quando ele pegava um diamante ele comprava coisas pra casa, era máquina, era as coisas tudo, tudo de dentro de casa, né. E quando as coisas arruinava, vendia. Aí ele falava assim “já comecei a comer máquina, alavanca, enxada, já comecei a comer”, ele vendia, né. (Zelani Barbosa – informação verbal)

É possível perceber que, para Dona Zelani, o lençol, a máquina e a enxada estavam em uma mesma categoria, dentro de uma situação momentânea, próxima do cotidiano. Era normal investir em um móvel e vendê-lo no momento de dificuldade para suprir as necessidades que surgiam no dia a dia.

Walter Ong (1998) defende a importância das culturas orais como um lugar onde se pode armazenar uma grande parte do saber. Essa é a sensação que se tem ao escutar as narrativas daquelas mulheres. As entrevistadas fazem questão de apresentar o ambiente do garimpo com proximidade, trazendo objetos que são utilizados na garimpagem:

Porque o diamante sendo uma peça mais pesada, ela, a areia corria, e ele ficava retido ali... Depois lavava e ele ficava na bateia, que é uma gamela enorme de fundo assim - fez gesto com as mãos, dando sentido de profundidade no centro - era tirado do amago de uma árvore. (Valdelice Silva – informação verbal)

Essas categorias que apresentamos acima não são a única forma de percepção e caracterização das culturas de oralidade primária, tampouco se pode afirmar que nossas entrevistadas são determinadas exclusivamente por elas, porém, elas nos oferecem alguns subsídios para aprender de que maneira o ambiente mais amplo da cultura exerce mediação no modo de construção dos enunciados orais.

Zumthor esclarece que “a oralidade não se reduz à ação da voz” (1997, p.203). O autor compreende que tudo que está endereçado ao outro, mesmo que não utilize palavras, seja um mero olhar ou um gesto mudo, está envolvido pela oralidade (ZUMTHOR, 1993). Ou seja, a memória em torno do garimpo é feita em praças da cidade, nos museus, nos livros, nos vídeos que circulam na internet e nos relatos orais, mantendo assim a cidade como tradicionalmente garimpeira.

Conforme apontamos anteriormente, segundo Walter Ong (1998), a tradição oral envolve um processo conservador, calcado na repetição, próximo ao hábito do cotidiano, e é exatamente o que acontece em Mucugê. Há mecanismos de memorização que são utilizados e que nos fazem recordar. Como já sinalizamos, na entrada da cidade, há um projeto que se debruça sobre a época do garimpo e que leva o nome da flor “Sempre viva”. Inclusive, foi lá que encontramos a fotografia da “feijoadada do garimpo” citada no primeiro capítulo. Mais adiante há uma toca, o Museu do Garimpo”, antiga moradia de uma garimpeira, que mostra exclusivamente como acontecia a garimpagem das pedras, seu tratamento e como eram negociadas. No

centro da cidade, há um Arquivo Público que também mantém um museu voltado para o garimpo e seus descendentes.

A memória material de Mucugê está diretamente ligada ao diamante, não há vestígios do que era produzido anteriormente, nada antes da pedra preciosa. Há, sim, uma manutenção da memória do que foi vivido na época garimpo, não apenas nos livros ou vídeos que circulam na internet, visto que há uma tradição que é mantida oralmente, de uma geração a outra.

Entre os moradores, descendente de Mucugê, é possível encontrar homens e mulheres que vivenciaram a época e que falam sobre suas experiências sempre que possível, e as memórias são passadas de geração a geração através da oralidade; outros, outras preferem não relatar suas memórias ou não lembram os detalhes. Há também os silêncios que acontecem nas narrativas, como foi o caso de Dona Isabel, que nos possibilitou encontrar outra vertente na análise.

2.3 Os silêncios

É importante falar sobre a negação como parte do processo da oralidade: o não querer falar, assim como o simples não falar também significam alguma coisa. Jeane Marie Gagnebin diz que, quanto à memória, há um esquecimento duvidoso; não saber; saber, mas não querer saber; ou fazer de conta que não sabe, o que seria um desejo, uma vontade de esquecer, de não se sentir inserida naquela história. (GAGNEBIN, 2006).

Ao começar a conversar com Dona Isabel fiquei triste em perceber que ela não queria iniciar a entrevista, pois ao dizer que não se lembrava estava, de alguma forma, se negando a falar sobre o passado, ou sobre as lembranças que teria de sua mãe. Porém, precisamos levar a negação inicial da entrevistada para o local do silêncio.

Eni Orlandi refere-se ao silêncio como fundante do discurso. Para a autora, o silêncio faz parte da narrativa, há significado no não dito: “Há silêncios nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio, elas produzem silêncio, o silêncio fala por elas; elas silenciam” (ORLANDI, 2007, p.14).

Segundo a autora, o silêncio também pode funcionar como um ponto de fuga, de modo que os sentidos do silêncio se multiplicam, se abrem em silêncios e em outros silêncios (ORLANDI, 2007). É subjetivo imaginar os motivos que fizeram a nossa entrevistada silenciar. Talvez a memória sobre a época do garimpo na cidade

tenha sido apagada, ou haja significação em não dizer a quem iria escutar, afinal, ali estava uma pesquisadora desconhecida. Ou o não dito significa a falta de recordações que lhe tragam bons sentimentos. Enfim, há diversas possibilidades de analisar o comportamento da entrevistada.

O fato de haver silêncio, do dizer que não lembra, não foi um ponto final para a tentativa de visitar a memória de Dona Isabel. Não saímos da calçada, e aproveitamos a presença das vizinhas para, em um ambiente informal, fazer emergir, ou não, a memória. Ao continuar a conversa, por meio da assessoria de Tia Val e Dona Letícia, Dona Isabel chegou a opinar sobre a dificuldade de encontrar as pedras preciosas.

E é uma coisa que ninguém guardou lá, né. É aventurando. E tem horas que tem umas aventuras que é pesada. É que nem aqueles negócio que o povo fica cavando pra tirar ouro, também é aventura. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Dona Isabel casou-se cedo e foi embora para Brasília, é filha de Dona Elza, uma garimpeira que, junto com a amiga Júlia, encontrou 16 (dezesesseis) diamantes em um único dia. Para Dona Isabel, a época do garimpo foi de muito sofrimento. A jovem senhora declarou não ter recordação de que alguém na região tenha ficado rico com o garimpo das pedras, porém, cita nomes de vizinhos que ainda se aventuram na garimpagem até os dias atuais. E que, mesmo sendo uma época difícil, era divertida.

EB: A senhora acha que essa época do diamante, para sua mãe, particularmente, era uma época boa?

IN: Era.

EB: De diversão?

IS: De diversão, e a alegria delas porque sendo mulher e pegou esses diamantes, né? (Isabel Nascimento – informação verbal)

Não podemos avaliar o sentimento de Dona Isabel sobre lembrar ou não lembrar, tampouco sobre o silêncio. Porém, conforme apontamos anteriormente, é possível perceber traços da oralidade primária que se apoia na característica homeostática, que tende a descartar o passado, rejeitando memórias que não são relevantes para o momento atual (ONG, 1998).

Quando informalmente ela responde aos estímulos das amigas e começa a falar sobre sua mãe, demonstra outro propósito, um enredo diferenciado do que foi apresentado por suas vizinhas, que contavam histórias divertidas do garimpo. Dona Isabel salientou o sofrimento da época, a pobreza e a desvalorização do mercado de

pedras: “olha minha mãe trabalhou, meu pai, meu irmão, meu marido trabalhou e o que é que tem de garimpo? Nada!”.

Esse relato é algo complexo, notável de uma insatisfação com a época. Percebe-se que há uma questão pessoal da entrevistada com o garimpo, porém, há também outro lado, seu conhecimento sobre o assunto. Nos poucos relatos que conseguimos, há falas que demonstram que, por trás do silêncio, havia muita informação. Em certo momento da conversa, perguntei se era normal a mulher trabalhar, se seu pai a apoiava: “naquela época ninguém importava com nada não, sou filha de garimpeira e de garimpeiro”.

Apesar da resistência, ao trazer um pouco de sua memória, Dona Isabel afirmou que a mãe, entusiasmada em ver o pai trabalhando, garimpava junto com a amiga. Segundo ela, não havia problema em garimpar, era normal ver mulheres garimpando. Como já relatado, percebe-se que há um descontentamento com a época que, talvez, não esteja relacionado ao aspecto financeira, mas, sim, ao emocional.

Porém, isso não significa que estou fazendo uma observação certa quanto ao pensamento de nossa entrevistada, pois estou do meu lugar de ouvinte e não de quem conviveu com a narradora. Desta forma, é necessário reafirmar que, independentemente da minha percepção, necessitamos observar as narrativas levando em consideração as teorias aqui apresentadas.

3 AS NARRATIVAS DAS MULHERES MUCUGEENSES

A narrativa oral é uma das mais antigas formas de expressão popular. De geração em geração, por meio da voz, antes mesmo da escrita, a humanidade narra seu cotidiano. Segundo Walter Benjamin (1994), a narrativa é uma experiência acumulada ao longo das vivências. Já Muniz Sodré compreende a narrativa como “uma sucessão de fatos no plano real ou imaginário, situado em um tempo ou espaço determinados” (SODRÉ, 1978, p. 75). Motta afirma que:

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. (MOTTA, 2005, p. 2)

Quando falamos e ouvimos a palavra narrativa, nos remetemos ao relato de acontecimentos que são feitos por um narrador. Neste trabalho, temos parte da vida de quatro mulheres: Tia Val, Dona Zelani, Dona Neuza e Dona Isabel. A elas cabe o papel de narradoras e, a mim, pesquisadora, coube a função de ouvinte. Segundo Le Goff (2003), a oralidade consiste na expressão de sujeitos que acionam sua capacidade de lembrar, de conservar e expandir suas memórias.

São as narrativas dessas mulheres entrevistadas que emitem o conhecimento, as memórias, as lembranças que estão sendo analisadas. Dessa forma, precisamos abarcar esse material vislumbrando a estrutura de como é construído. Assim, iremos considerar os elementos fundamentais de uma narrativa compreendendo nosso material por meio dos seguintes itens: o enredo, o espaço, os personagens, tempo e o narrador.

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa. (GANCHO, 1991, p. 4)

Segundo Gancho (1991), as gravações em pedra são narrações, assim como os mitos de um povo. A bíblia é uma narrativa religiosa, bem como a novela, os filmes,

o desenho. Todos os humanos praticam o ato de narrar e, sem perceber, desenvolvem uma estrutura que fundamenta a ação, sem as quais ela não existe, cuja compreensão é imprescindível para a apreensão do processo de produção de sentidos.

3.1 O espaço

Onde aconteceu a ação? Segundo Gancho (1991), todo enredo ocorre em um espaço, ou seja, o local onde os fatos ocorrem, onde se situam os personagens.

[...] o espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens. (GANCHO, 1991, p.14)

Três das quatro entrevistadas vivenciaram a época do garimpo com seus pais, afirmaram ter subido a serra, transitado na beira dos rios e habitado a parte central da cidade de Mucugê com seus familiares.

Nessa perspectiva, o espaço em que as personagens vivem exerce grande interferência no transcorrer da narrativa. Nas entrevistas estudadas, o local onde acontecem os enredos são similares. Dona Zelani fala das grunas, do armazém e salienta: “conheço essas serras tudo aí”. Dona Neuza apresenta o garimpo em lugares distintos, em Mucugê e Igatú, mas com características físicas similares, como as serras, e, assim como Dona Zelani, também encontrou diamante no fundo de sua casa: “teve uma época que o garimpo era no quintal da minha casa” (Dona Neuza). Tia Val descreve seu cenário quando relata o dia a dia na serra e na casa da família na cidade, onde atualmente vive.

Paul Zumthor (1997) afirma que a repetição de histórias permite a sua perpetuação. Percebemos nos relatos que há alguns aspectos a serem observados como técnicas de memorização, que contribuem para que a cidade de Mucugê seja considerada uma cidade garimpeira. O primeiro aspecto reporta-se ao espaço físico-construído, pois, como vimos anteriormente, a cidade apresenta um cenário voltado à manutenção da história do garimpo. Os museus, o arquivo municipal e as praças não remetem à época da escravização humana, da colonização, das fazendas de café ou da colheita da flor sempre viva, mas, sim, ao garimpo das pedras preciosas, especificamente o diamante.

A Praça dos Garimpeiros é constituída pelo palco onde acontecem os festivais de música da cidade, em cujo entorno estão os restaurantes que funcionam diariamente, além de ser o local em que, toda sexta-feira, ocorre a feira local. Além disso, uma imponente obra de estrutura metálica azulada é o cartão postal da praça: o diamante que representa a época do garimpo e a memória de seus garimpeiros.

Figura13: Escultura em formato de diamante na Praça dos Garimpeiros



Foto: Edméa Barbosa

3.2 O enredo

Segundo Gancho (1991), o enredo diz respeito à trama, à história que que é contada, mais especificamente, é o encadeamento da ação. Trata-se de um conjunto de fatos agrupados com algum grau de conexão entre eles.

Nossas quatro entrevistadas constroem suas memórias trazendo a época vivida com um enredo muito similar: em Mucugê havia uma grande quantidade de diamantes que “brotava” do chão e eram encontrados nos rios. Seus pais negociavam o saco, que era a cesta básica levada para o sustento e, assim, a família subia a serra em busca das pedras preciosas. Quando eram encontradas, o pai as vendia, pagava as dívidas e, após findar o dinheiro, reiniciava processo. Esses fatos são recorrentes

entre as histórias das mulheres de Mucugê. Logo, o enredo presente nos relatos segue por um caminho muito singular, a busca pelo diamante.

Segundo Gancho, não basta compreender que a história tem começo, meio e fim, mas, sim, que existem elementos estruturadores que constroem a narrativa. No nosso objeto de pesquisa, percebemos um elemento central para o desenrolar dos fatos, o diamante. A pedra preciosa era o ponto em comum que surgia no dia a dia de todos na região.

VS: Ele colecionou muito diamante, vendeu, encontrou, colecionou muito diamante, meu pai. (Valdelice Silva – informação verbal)

ZB: Ele pegava diamante, tinha hora que ele tomava conta de oito pessoas de seu Aldo, Aldo Medrado. Aí ele trazia despesa para ele e levava as outras pessoas pro garimpo e aí pegava diamante, não botava no picamor, botava no lenço, ele batia assim com o lenço, aquela porção de diamante. (Zelani Barbosa – Informação verbal)

NP: A gente trabalhava demais. Naquela expectativa de um diamante [...]. (Neuza Pina – informação verbal)

IN: os diamantes não eram grandes, eram pequenos, mas pegou 16 (dezesseis) diamantes. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Observando a estrutura narrativa, é de suma importância buscar José Luiz Fiorin para fundamentar este item. Segundo o autor, uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado:

Uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado. Este organiza-se da seguinte forma: um disjunto e um conjunto. Quando dizemos *Pedro é rico*, temos um sujeito *Pedro* em relação de conjunção com um objeto *riqueza*. A transformação é por conseguinte, a mudança da relação entre o sujeito e objeto. Se há dois tipos de objetos, transformações possíveis serão também duas: um estado inicial conjunto para um estado final disjunto e de um estado inicial disjunto para um estado final conjunto. (FIORIN, 1999. p 4)

Ou seja, levando em consideração as afirmações acima, é possível compreender que nas narrativas surge esse movimento quando inicialmente o garimpeiro ou garimpeira está em disjunção com a subsistência e/ou “fazer uma economia de dinheiro” e/ou a almejada riqueza, mas ao encontrar o diamante entra no estado de conjunção. Vejamos a seguir o relato de Dona Neuza Pina:

Oxe, naquela época, minha filha, tive um dinheiro da zorra, dinheiro pego de garimpo, lavado na Jaroba, ele que, que, eu lavava, ele vendia, e meu dinheiro ia para poupança, Aí depois que fechou os

garimpos, né, que era garimpo do maquinário, aí a gente ia usando o que tinha, usando que tinha. (Neuza Pina – informação verbal)

A partir do garimpo de diamante, nota-se que Dona Neuza Pina entra no estado de conjunção com a subsistência e a “economia de dinheiro”. Para a jovem senhora a realização estava, inicialmente, em colocar o dinheiro adquirido com a venda do bem em uma caderneta de poupança, que foi utilizado quando não foi possível garimpar e a necessidade chegou para a família. Nota-se assim um objeto modal (o diamante), o objeto de valor (a “economia de dinheiro”, figurativizada pela poupança) na ação do sujeito (Dona Neuza).

José Luiz Fiorin esclarece que “em uma narrativa aparecem dois tipos de objetos: os modais e os de valor” (2005, p. 37), sendo o primeiro necessário para alcançar o segundo. Dessa forma, para conquistar o objeto de valor, é preciso “ter” o objeto modal. Precisamos identificá-los nas narrativas das mulheres de Mucugê/BA acerca do garimpo, perceber de que forma surgem nas histórias e nas percepções das mulheres garimpeiras. Isso permitirá que tenhamos uma melhor compreensão do modo como elas se auto-representam.

Assim, em linhas gerais, poderíamos dizer que encontramos nos relatos analisados o objeto modal (a pedra preciosa), o objeto de valor (a subsistência e/ou “fazer uma economia de dinheiro” e/ou a almejada riqueza) e o sujeito da ação (quem garimpa) no movimento de conjunção e disjunção, pelo qual ocorre a transformação de estado.

Para compreender melhor a lógica desses objetos, é preciso vislumbrar que, segundo Fiorin (2005), o objeto modal está investido do querer-fazer, dever-fazer, poder-fazer e saber-fazer. Dessa forma, é o meio de alcance do objeto de valor, que, por sua vez, é aquilo que se deseja alcançar. Segundo o autor:

O objeto modal é e/ou são aquele(s) elemento(s) cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. O modal pode ainda ser percebido por meio da mudança na vida do indivíduo, quando há uma conjunção, que é a apropriação e de disjunção, que é quando há privação dele. (FIORIN, 2005, p.37)

As narrativas dessas mulheres voltam-se sempre ao diamante, ao querer encontrar a pedra preciosa ou à transformação ocasionada quando os personagens de suas histórias o encontravam. Dito isto, é possível compreender que o objeto modal

nessas narrativas deve ser considerado o diamante, e o objeto de valor as aquisições que seriam conquistadas a partir da sua venda.

VS: Ele colecionou muito diamante, vendeu, encontrou, colecionou, muito diamante, ele encontrou muito diamante, meu pai, ele trabalhou em muitos garimpos e a minha mãe também ajudava no trabalho do garimpo, ela também encontrou diamante, não trabalhando, mas ajudando a ele, e achava e ela tinha muita sorte no garimpo, ela ia achar e achava. (Valdelice Silva – informação verbal)

NP: Oxe, naquela época, minha filha, tive um dinheiro da zorra, dinheiro pego de garimpo, lavado na jaroba, ele que, eu lavava, ele vendia e meu dinheiro ia pra poupança. (Neuza Pina – informação verbal)

ZB: Era só ele trabalhando, por conta dele. Aí nós fomos trabalhar e do cascalho lá, a gente foi lavar aí não pegou nada, pois é. Ele “ih, meu Deus, amanhã como é que eu faço a despesa”, e era sábado no outro dia. Vinha naquela tristeza, aí a gente vinha tomando café, panhei os copinhos e fui lavar assim, ali no córrego, cheguei lá, lavei os copinhos e fiquei futucando. Menina, achei uma pedra, não lembro mais o tanto assim, só sei que ele vendeu por... eu não tô lembrada pelo tanto que vendeu, e quando cheguei que mostrei a ele “meu Deus do céu, foi jogado do céu”, e foi mesmo, porque a gente tava com uma precisão. Aí ele vendeu. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Por meio do ângulo apresentado, percebemos o enquadramento do diamante enquanto objeto modal, em que o homem garimpeiro surge como sujeito da ação, aquele responsável pela performance principal, imbuído do poder-fazer (pois apenas o homem estava “autorizado” a garimpar) e o saber-fazer (participante de todos os processos).

Durante as entrevistas, foi narrado todo o processo do garimpo: como era possível encontrar a pedra preciosa e obter êxito nessa busca. Ou seja, no enredo, há dois aspectos recorrentes: o diamante e o sujeito da ação (o garimpeiro). Além desse fato, à medida em que avançam os relatos, percebemos que, além do garimpeiro, surge a mulher neste cenário. Seguem abaixo três relatos:

ZB: Aí uma vez minha mãe, nós fomos pro garimpo, passamos a semana toda lá e ele tirando a terra lá mais os companheiros. Quando foi meio-dia, minha mãe terminou de comer, aí foi lavar os pratos no córrego, aí eu fui também, aí ela ficou assim olhando... aí disse “olha um diamante”. Não lembro mais o tanto quanto deu o diamante, mas uma pedra, a coisa mais linda. Aí eu fiquei toda alegre, “é nosso, foi a gente que achou né?” Quando chegou, mostrou a ele, aí ele “mulher de garimpeiro não acha diamante”. (Zelani Barbosa – informação verbal)

VS: Ela contratava alguns garimpeiros, os mais fracos, que os grandes não queriam contratar. Ela dizia “você vem comer aqui e vai trabalhar para nós”. Um dia o Chiquinho trouxe, trouxe um diamante. (Valdelice Silva – informação verbal)

NP: Sempre eles que vende, porque eles entendem, sabem negociar, né. A gente mulher já não sabe muito negociar, esse, esse negócio de diamante. (Neuza Pina – informação verbal)

Aqui, há a representação de duas características. A mulher podia até encontrar um diamante, mas, conforme os relatos, precisava de um homem para alguma das etapas, seja porque na casa tinha um homem garimpeiro, seja porque a mulher não tinha força para o garimpo e precisava contratar alguém para fazê-lo, seja porque, mesmo que ela tivesse força e autonomia para encontrar as pedras, não saberia vendê-las.

As mulheres iam ao garimpo, mas, lembrando o que foi dito por Dona Zelani, “mulher não achava diamante, não”. Essa afirmativa é confirmada pela fala de Dona Neuza Pina: “mulher ajuda, ela faz quase tudo, mas não vende, porque mulher não sabe vender, tem que passar pra o marido ou pro pai, pra o homem vender”. Ou seja, não estava “autorizado”, pelo sistema de trabalho, a mulher ser garimpeira.

Quanto às mulheres, elas surgem nas narrativas, porém, de forma secundária: não se colocam no papel de garimpeira – sujeito principal da ação – pois sempre inserem o homem nessa função. Mesmo quando revelam que garimpavam no fundo de suas casas, ainda assim eram coadjuvantes, tal como indica o relato de Dona Neuza:

Como funcionava, ele ia para o garimpo todo dia levantava cedo ia para o garimpo, e minha mãe ficava cuidando dos serviços da casa ou quando ela ia para o garimpo com ele, quando as crianças era pequena, ou antes dela deles terem filhos, ela ia com ele e ajudar trabalhar com ele também no garimpo. Ela ia fazer comida levava comida fazia e quando terminava ia ajudar ele. Tipo assim quando eu ia pegar os cascalho, pegar o balde de cascalho, entendeu? Então ela fazia a mesma coisa. (Neuza Pina – informação verbal)

Porém, nos relatos, nota-se que as mulheres também queriam encontrar o diamante. Tia Val, em dado momento, ao ser questionada se lembrava das mulheres no garimpo, respondeu que as esposas de garimpeiro sempre “iam acompanhar”, mas, numa provocação feita por mim, se “apenas pela companhia ou pelo desejo de também encontrar a pedra preciosa”, ela respondeu “de achar! E de acompanhar também. Do sonho”.

Elas conheciam as etapas, subiam a serra, lavavam o cascalho e podiam encontrar o diamante, tanto que, por diversas vezes, encontraram. Dona Zelani conta que conhece todas as terras da região “pedra por pedra eu conheço” e, quando questionada sobre como ela sabia identificar o diamante, se foi ensinada, respondeu: “não, quando eu nasci já encontrei ele trabalhando”. Complementei a pergunta se, então, foi seu pai que passou o que sabia e ela afirmou que sim, foi ele.

Na narrativa de Dona Neuza, é possível perceber que havia “poder” de encontrar o diamante, não havia impedimento de ordem física, pois ela garimpava nas proximidades de casa e seu marido não se opunha à sua presença no garimpo: “Ele ia para o garimpo, e eu ia com ele ajudar, ajudar ele no garimpo, pau a pau, nós dois ali no garimpo”, afirmou Dona Neuza.

A mãe de Tia Val queria o diamante, mas não fazia parte do grupo que seu marido participava, ainda assim, a questão do poder-fazer se deu por meio da contratação dos garimpeiros mais fracos, encontrando assim um mecanismo para que o diamante chegasse até ela.

EB: Mas no desejo de achar ou apenas de acompanhar?

VS: De achar e de acompanhar também! Do sonho. Minha mãe, as vezes ela fornecia também.

EB: O que que ela fazia?

VS: Ela contratava alguns garimpeiros, os mais fracos, que os grandes não queriam contratar. Ela dizia, você vem comer aqui, e vai trabalhar para nós. Um dia o Chiquinho trouxe, trouxe um diamante e disse; - aqui Bé, aqui achei um. – Ô Chico que bom é pequeno, mas já trouxe. (Valdelice Silva – informação verbal)

Quanto ao querer e ao poder, ainda que as mulheres não se enxerguem dessa forma, elas possuíam o saber-fazer, que consiste na habilidade ou no conhecimento de técnicas para alcançar aquilo que se almeja. Dona Zelani, por exemplo, deixou claro que sabia como encontrar o diamante, pois aprendeu com o pai. Porém, a ela não era permitido fazer todas as fases, pois a venda acabava sempre sob a responsabilidade dele: “Menina, achei uma pedra, não lembro mais o tanto assim, só sei que ele vendeu [...]”.

Dona Neuza Pina também se mostrou detentora do saber-fazer, tanto ela quanto sua mãe. A jovem senhora nos relatou que, quando o pai passou a ter seu próprio garimpo, a mãe foi trabalhar com ele e passou a ser remunerada como todos

os demais. Quando ocorreu o falecimento do genitor, as duas trabalhavam juntas e dividiam os lucros de igual para igual.

Dessa forma, observa-se que o enredo surge trazendo imposições sociais e/ou de costume que necessitam ser consideradas, como o fato de que, às mulheres, competia apenas o papel de ser par do homem, a companhia, cujo dever era aquele condizente ao de esposa, mãe ou filha do garimpeiro.

A barreira social imposta às mulheres para alcançar o diamante era grande. Segundo Tia Val, as mulheres que iam ao garimpo normalmente eram esposas ou filhas de garimpeiros. Dona Zelani, questionada se encontrava outras mulheres no garimpo, reafirmou o já dito nas demais entrevistas “encontrava, mas todo mundo assim ajudando marido, ajudando pai”. Ainda perguntei se lembrava de algum nome e ela respondeu “eu lembro de Maria Pritinha, mulher de Seu Vicente, tinha Naninha, a mulher de Zé Modelo. Tinha sempre tinha” e, com essa colocação, ela qualificou as mulheres que estavam no garimpo como esposas e companheiras, como se elas não tivessem autonomia.

Outra amostra do obstáculo já mencionado para que as mulheres sejam sujeitas da performance principal em suas próprias narrativas é a história contada por Dona Zelani, sobre a situação em que a família foi reunida ao garimpo:

Quando foi meio dia minha mãe terminou de comer, aí foi lavar os pratos lá no córrego, aí eu fui também, aí ela ficou assim olhando e disse “vixe um diamante”. Não lembro mais o tanto, quanto deu o diamante, mas uma pedra, a coisa mais linda. Aí eu fiquei toda alegre: “é nosso, foi a gente que achou, né?” Quando chegou, mostrou a ele, aí ele “mulher de garimpeiro não acha diamante”. Eu falei “ué, porquê?”. Aí ele disse que “eu trabalho em sociedade de oito, se eu achar um diamante e for vender, roubei dos companheiros”. Eu disse “e se falar que foi a gente que achou?” ele respondeu “Ninguém acredita, tem que vender e dividir pra todos”. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Nessa situação, a mulher era detentora do querer, poder e saber fazer, porém, não encontrava respaldo social e familiar. Ela não era contratada como os outros, não estava autorizada a ser garimpeira, dessa forma, o achado deveria ser daqueles que desenvolviam a função. Apesar de ter encontrado uma pedra na beira do rio, teria que entregar ao grupo. Talvez, por esse motivo, as entrevistadas afirmem que suas mães eram donas de casa, mas que ajudavam os maridos no garimpo.

Entretanto, havia mulheres que desafiavam as imposições sociais sobre o que estava permitido, tal como se observa no relato de Dona Isabel, cuja mãe juntou-se à amiga para garimpar e, em um dia, encontrou 16 (dezesesseis) pedras.

IN: Ela trabalhou no garimpo com uma amiga, Julia. Um dia elas foram lavar cascalho e achou 16 (dezesesseis) diamantes. Aí só alegria.

VN: Ficaram tudo alegre, 16 (dezesesseis) diamantes de uma vez só, era muito diamante.

IN: os diamantes não eram grandes, eram pequenos, mas pegou 16 (dezesesseis) diamantes.

EB: Elas estavam sozinhas?

IN: Estavam elas duas trabalhando sozinhas, agora para lavar o cascalho lá, foi meu pai, elas só juntaram. Elas só fizeram ajuntar, agora quem lavou foi meu pai. (informação verbal)

Dona Isabel exibiu um semblante sério e desconfortável ao contar o feito da mãe, de modo que, ao contrário das demais entrevistadas, não demonstrava alegria com a recordação. No relato, ela deixou claro dois fatos: primeiro, que os diamantes eram pequenos; segundo, que houve ajuda de um homem para lavar o cascalho. Sem perceber, a jovem senhora enfatiza, então, a presença do homem enquanto sujeito da ação pelo fato de ter ajudado, o que o torna o único capaz de garimpar.

Convém reafirmar que, quando o diamante surge, há um efeito de realização, pois encontrar a pedra preciosa significava o sustento, a felicidade, o lazer, o poder que seria adquirido.

Ser filhos de garimpeiro, né, mulher de garimpeiro. Quando encontrava um diamante era a maior alegria, porque sabia que íamos passar dias de rico com aquele dinheiro, porque podia comprar. Eu no outro dia já sonhava com os meus, com o que ia comprar, roupas novas, sapato novo [...]. (Valdelice Silva – informação verbal)

Como visto na fala de Tia Val, as pessoas queriam, em verdade, o que o diamante poderia proporcionar, não a pedra em si. Segundo Dona Isabel, quem garimpava não ficava rico. Dona Neuza, por exemplo, lembrou como era difícil sobreviver naquela época, pois a vida de garimpeira não era fácil:

Muitas vezes foi momento de crise, de passar até necessidade. E dia assim, de quando pegava o diamante era uma alegria imensa, né, porque sabia que tinha dinheiro, que tinha comida em casa. E assim que funcionava [...].

A gente trabalhava demais naquela expectativa de pegar um diamante para, para pagar as despesas e pagar as coisas. (Neuza Pina – informação verbal)

É possível perceber que as famílias envolvidas na extração de diamantes estavam preocupadas com o sustento do lar, com a sobrevivência. Geralmente, grupos de pessoas se endividavam, subiam a serra e passavam dias na busca do diamante que lhes trariam o mantimento. Porém, conforme apontamos, nos relatos, a transformação era feita pelo homem, que surge como personagem principal da ação.

3.3 As personagens

Como vimos no item anterior, nas narrativas que estão sendo analisadas surgem os sujeitos, aqueles responsáveis por transformar, desenvolver a ação. Conforme Cândida Gancho, “o personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala” (GANCHO, 1994, p. 7).

Segundo a autora, na narrativa é possível classificar três tipos de personagens. O protagonista ou personagem principal, que pode ser o herói (com características superiores ao seu grupo) ou o anti-herói (possui características iguais ou inferiores ao seu grupo, tem posição de herói, mas não tem competência para tanto). O segundo é o antagonista, que realiza uma ação oposta ao protagonista, sendo basicamente o vilão. O terceiro é o personagem secundário, que possui menor importância na história, podendo aparecer como ajudante dos demais personagens, tornando-se mero figurante (GANCHO, 1994. p.8).

Em seus relatos, as entrevistadas elegem prioritariamente os homens como protagonistas, heróis e pessoas exemplares de boa conduta. Sobre o pai, tia Val afirma: “ele era bom”; Dona Zelani fala sobre o pai e o marido, que se alternam como heróis em sua vida e sua história: “Meu pai era um santo de bom [...]” e, sobre o marido, “vivemos 35 anos, pensa num homem bom”. Vejamos outro relato:

Não passava fome, porque meu pai era, era aquele, ele trabalhava no garimpo e a gente tinha um quintal em casa, ele rancava um pé de aipim e plantava 10 com a manilha, né. Ele dizia, aqui, quando não tiver o que comer, tem aipim pra comer, e plantava milho, plantava feijão. Fome a gente nunca passou. Mas tinha a necessidade de falta das coisas. E minha mãe criava muita galinha, eu quando era menina,

achava uma beleza o dia que me pai não pegava diamante pra fazer despesa pra comprar carne e tudo, falava não peguei diamante, tem que vê aqui o que vai fazer. Batia pão pra comer pirão de galinha, aí ela matava galinha a semana toda. (Zelani Barbosa – informação verbal)

A história contada acima possui um personagem heroico, o pai de Dona Zelani, que por diversos momentos é apresentado como protagonista, pois ele é o ponto de partida e o ponto de chegada. Para esse herói, não havia tanta dificuldade quanto ao garimpo não dar “fruto” uma vez ou outra, pois ele possuía “visão de futuro”, sabia que a sorte, acima do conhecimento e da competência, comandava o garimpo, e, por esse motivo, utilizava a pequena plantação para suprir as necessidades alimentícias da família. A mãe surge enquanto figurante que colabora com a ação, que ajuda o protagonista ao matar a galinha e fazer o pirão.

Como vimos, nas narrativas analisadas, há grande tendência em propagar o homem enquanto bom, capaz, cheio de virtudes. Talvez no contar não haja o intuito de causar esse efeito, mas, nos enunciados, os personagens surgem ativamente na ação enquanto heróis.

Outro que aparece de forma sutil é o antagonista que, de certa forma, dificulta a ação do principal. Segundo nossa percepção, esse está representado pelo capangueiro.

O diamante sempre foi vendido ao fornecedor, chamado de capangueiro comprador. Ele fornecia uma cesta básica, chamava saco, pra o garimpeiro para ir trabalhar e trazer o diamante e o diamante seria vendido. [...] E assim, pagava o quinto, se um diamante custava 100 reais, 20 reais era do quinto que era do Governo Federal né. E os 80 seria dividido entre o patrão e o empregado. Quem é o empregado no caso é o garimpeiro e o patrão o fornecedor, que era o capangueiro, o comprador do diamante. (Valdelice Silva – Informação Verbal)

O que se percebe aqui é que, mesmo a pessoa que, em princípio, se colocava como um obstáculo para o herói obter êxito total em seus objetivos – no caso, encontrar diamante e levar seus frutos para seu lar, sua família –, ainda assim tinha suas atitudes validadas. Logo, o possível antagonista desse enredo, por exemplo, não se faz tão claro quanto o protagonista, o pai de Tia Val, pois, quando ela narra essa história, ela não percebe como injusto ou exacerbantes os valores pagos na época.

Novamente, fazendo uso do relato de Dona Zelani, percebemos o surgimento de um antagonista, dessa vez, um vilão que ceifou a vida de seu pai biológico. Como dito por Gancho (1994), esse personagem está no caminho do protagonista, atrapalhando seu objetivo. Levando isto em consideração, vejamos a revelação da nossa entrevistada:

Eu tô contando aqui do meu pai, mas não era meu pai. O pai que eu conheci, ele criou meu pai e me criou [...] meu pai mataram. A minha mãe tinha três meses de grávida de mim, depois de seis meses foi que eu nasci. [...] e meu pai mesmo era, ele trabalhava no garimpo mais outros, aí um dia um cara lá matou uma cascavel e tirou o couro e a faca caiu no pé dele. Aí com o veneno da cobra que ficou na faca, ele ficou lá, o cara, não foi meu pai. Ficou lá uma semana, sem poder vir. Aí meu pai vinha aqui no comércio buscar comida pra ele, levava as coisas, remédio e tudo. Quando foi no dia que ele sarou que veio pro comércio, bebeu uma cachaça e matou ele [...] disse que ele tinha uma mulher que ele sempre bebia na casa dessa tal mulher, aí meu pai chegou, disse que bebeu lá e perguntou, “cadê Zé, não apareceu aqui não?” Aí ela falou que não. Aí disse que ele falou assim “aquele safado ficou no garimpo a semana toda doente, agora que sarou não apareceu na rua”. Quando o outro chegou, ela contou que ele falou isso, que ele chamou de safado, mas ele falou na brincadeira. E ele fez esse benefício e quando foi de noite ele foi pra casa e atirou nele e matou, é uma história muito triste. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Conforme visto, os personagens se encaixam enquanto protagonistas, antagonistas ou, ainda, personagens secundárias. Haja visto que já analisamos duas dessas performances, vejamos agora como a mulher é representada por nossas entrevistadas. Antes, precisamos afirmar quatro fatos similares que encontramos nos relatos:

- a) As 4 (quatro) entrevistadas viveram a época do garimpo, e, assim, fazem parte da geração que explorou o solo em busca das pedras. São filhas de garimpeiras e garimpeiros;
- b) Todas elas dominam a linguagem garimpeira, descrevem os utensílios, para o que serviam e como eram utilizados;
- c) As entrevistadas vivenciaram o garimpo, porém, contam suas histórias enfatizando o homem garimpeiro;
- d) Viver do garimpo, sob a perspectiva apresentada por três delas, era tarefa relativamente fácil: bastava subir a serra, lavar o cascalho e “ter a sorte de encontrar”, para então festejar.

Essa última afirmação só não foi feita por Dona Isabel. Ela não trouxe muitas informações, porém, abordou o garimpo sob uma perspectiva de sofrimento, uma memória que aparentava não gostar. Ao mesmo tempo, reconheceu que o garimpo foi o grande responsável pela subsistência de sua família. Em seu relato, o fato principal foi que a mãe conseguiu, ao lado da amiga, garimpar 16 (dezesseis) diamantes em um só dia.

IN: Ela trabalhou no garimpo com uma amiga, Júlia. Um dia elas foram lavar cascalho e achou 16 (dezesseis) diamantes. Aí só alegria. Os diamantes não eram grades, eram pequenos, mas pegou 16 (dezesseis) diamantes.

EB: elas estavam sozinhas?

IN: estavam elas duas trabalhando sozinhas, agora para lavar o cascalho lá, foi meu pai, elas só juntaram. Elas só fizeram ajuntar, agora quem lavou foi meu pai. [...] a gente alimentava por causa desse dinheiro, do garimpo. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Convém pontuar que o pouco dito por Dona Isabel reporta-se à mãe e à sua amiga enquanto personagens principais. Porém, como visto no início deste capítulo, apesar de indicar que a dupla encontrou 16 (dezesseis) diamantes, a jovem senhora diz que o cascalho havia sido lavado por seu pai, colocando-o como personagem necessário para a ação. Aqui, quando Dona Isabel afirma que seu pai lavou o cascalho, supostamente a parte mais trabalhosa do processo, percebemos uma desqualificação da personagem feminina principal, transformando-a em secundária.

Dona Neuza Pina, um pouco mais jovem que as demais entrevistadas, tem uma narrativa semelhante à de Dona Zelani no que concerne a se colocar presente na história, de participar de forma ativa. Identificar o protagonismo requer um olhar atento aos detalhes. Vejamos:

NP: Ajudava, tirava pedra, assim de dentro do garimpo, ajudava, dava balde de cascalho para ir lavar. Quando ia lavar o cascalho era pau a pau nessas serras aí. A gente fazia uma farinha, botava numa sacolinha e aí se mandava. (Neuza Pina – informação verbal)

Dona Neuza compreende o homem garimpeiro, como seu marido, seu pai e seu avô, como personagens principais. Em sua narrativa, ela se colocava no mesmo patamar, trabalhando “pau a pau” e participando ativamente da história, o que nos faz enxergar certo protagonismo nessa mulher, ainda que ela não se apresente com

firmeza na função, afinal, a palavra “ajudava” surge como determinante para alguém que é coadjuvante de uma ação principal.

O mesmo ocorre na entrevista de Dona Zelani, ao contar uma de suas aventuras. Após seu pai ter ido ao garimpo com um colega, eles perceberam que encontrariam muitos diamantes, assim, separaram o cascalho e deixaram para voltar no dia seguinte, porque já estava escurecendo. Os homens saíram da gruna e acertaram de se encontrar no dia seguinte, porém, o colega não apareceu. O pai de Dona Zelani, então, decidiu ir sozinho, mas a filha disse que iria acompanhá-lo. No dia seguinte foram os dois para a gruna:

ZB: A gente rodou e não encontrou. Entrava num canto e saía no outro [...] Aqui subindo na igreja, nós entramos aí e fomos sair no rio, onde tem a ponte lá embaixo, por debaixo do chão. Entramos debaixo do chão, saímos lá no rio. Tinha lugares que eu chegava e tava um salão, chegava lá adiante, fechado. Eu já ia com as costas raspadas de entrar num buraco pra sair caçando saída né.

[...] Eu fui com ele até pra matar cobra. Porque quando entra na gruna, disse que tem cobra lá dentro que vem em cima, ele segura no pescoço da cobra e eu ia com o facão, morrendo de medo, mas fui pra livrar ele né?!

E quando ele falou “vamos sentar pra morrer que nós não consegue mais sair”. Eu falei morro de pé. Saí andando, assim debaixo, caçando, caçando, aí vi um negócio parecendo uma lâmpada deitada em cima, no chão. Aí eu falei “meu pai, tão caçando a gente, tem uma lâmpada aqui. Aí ele falou “quem é que vai vir aqui, ninguém sabe onde a gente tá” Então era o sol. O sol já ia entrando. Fez aquele negócio, parecendo outra boca de gruna e um pé de pau nasceu lá em cima. E a claridade foi lá. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Ela foi junto com o pai, estava disposta a matar a cobra, a ajudá-lo a lavar o cascalho e a protegê-lo, mas, quando as coisas não saíram como o esperado, ela desempenhou um papel que, normalmente, as mulheres da época não costumavam assumir: tomou a liderança e decidiu continuar procurando uma saída. Não reconhecer protagonismo em uma história como essa seria um erro, pois ela assumiu seu papel de personagem principal e o fez, enquadrando-se ainda como uma heroína.

O autor do livro “*Mucugê e sua história*”, *Fernando Sales*, apresenta o homem garimpeiro como aquele que enfrentou dificuldades variadas, trabalhou no sistema de meia-praça, em que o fornecedor representa o capital e o garimpeiro o trabalho, processo que finda na venda preferencial do diamante ao próprio fornecedor, representando o sofrimento diário do herói obscuro, mas que ainda assim persistia no desejo de encontrar o diamante e a riqueza advinda dele.

Sales salienta que, no acordo de meia-praça, além de enfrentar todos os riscos do garimpo, o garimpeiro se acha preso ao fornecedor, que impõe o valor das pedras. O trabalhador é limitado, sujeito à sorte e à vontade escravizadora dos “patrões”. O garimpeiro está sempre com as mãos vazias, mas segue sonhando em encontrar pedras ainda mais valiosas (SALES, 1994).

Porém, para além desta visão de Sales, precisamos analisar o papel da mulher neste ambiente em que ela surge como ajudante, companheira dos garimpeiros que por vezes encontravam as pedras preciosas, mas sequer tinham direito a entrar na divisão do valor, pois além de não serem contratadas, conforme afirmado por Dona Zelani e Dona Neuza, a mulher ajuda, mas quem vende é o homem, porque “mulher de garimpeiro não acha diamante” (Dona Zelani)

Ao trazer a análise da narrativa para as entrevistas coletadas, foi possível perceber que, nos enredos descritos, há mais de um protagonista de acordo com outras histórias que se desdobram dentro da história central. Isso traz uma riqueza de detalhes e contribui para a ressignificação da memória e cultura local sob a perspectiva do lugar da mulher, que, como vimos no primeiro capítulo, não foi alvo de interesse da história oficial.

Sobre a questão do protagonismo, convém pontuar ainda que há a interferência do tempo, pois as narrativas por vezes se passam na infância e na mocidade das mulheres, o que poderia gerar alguns obstáculos para que protagonizassem esses enredos, tendo em vista o que era ou não permitido na época. Sobre essa questão, iremos aprofundar no próximo item.

3.4 O tempo

O tempo narrativo determina como a história é narrada no contexto temporal, ou seja, como ocorre a sucessão dos acontecimentos. Segundo Paul Zumthor (2003), a cronologia ou ordenação de um enredo é feita pelo grau de importância dos fatos.

Zumthor esclarece que o tempo narrativo pode se apresentar de duas formas: o cronológico ou histórico e o psicológico ou metafísico. No primeiro, o relato segue uma lógica temporal linear, respeitando início, meio e fim da história. Aqui, o narrador prende-se à cronologia, não considerando a importância dos fatos – ainda que essa seja de grande importância ou impacto, não irá alterar a ordem temporal.

Por sua vez, numa narrativa de tempo psicológico ou metafísico desprende-se por completo da cronologia. Nas narrativas categorizadas como tal, o narrador se deixa levar pelo grau de importância daquilo que conta, de modo que pode ir e vir no tempo durante sua narração, pois prende-se ao que considera mais relevante para a história e não ao seu encadeamento linear (MOISÉS, 2007; GANCHO, 1991; ZUMTHOR, 1993).

Durante a entrevista de Tia Val, não foi possível identificar uma cronologia no seu relato ou perceber quando seria, por exemplo, sua infância, adolescência ou a fase adulta. Há apenas uma frase que determina sua lembrança em relação à divisão de tempo: “Eu trabalhava na prefeitura”, dando a entender que, naquela fase, ela já era uma mulher adulta. A entrevistada construiu seu relato em torno da relação dos eventos ocorridos no dia a dia da família, do pai no garimpo, da mãe enquanto companheira e da época focada nos negócios com as pedras preciosas.

Porque ser filhos de garimpeiro, né, mulher de garimpeiro, quando encontrava um diamante era a maior alegria porque sabia que íamos passar dias de rico com aquele dinheiro, porque podia comprar. Eu no outro dia já sonhava com meus, com o que ia comprar, roupas novas, sapato novo [...].
O diamante foi sempre cotado pelo dólar, né? Naquela época, se o dólar estava em alta, o diamante também e se, quando caía, a bolsa de valores né?! [...]. (Valdelice Silva – informação verbal)

O trecho acima é um claro exemplo de que o tempo narrativo se atém apenas aos fatos considerados importantes, pois não há como estimar de que época Tia Val estava falando. Quando ela fala da empolgação de comprar roupas e sapatos, alguns poderiam entender que foi em um período entre sua infância e mocidade, mas, logo em seguida, ao falar sobre a cotação do dólar, muitos alocariam esse tempo em sua vida adulta, porém, serão sempre suposições, pois o tempo narrativo metafísico não permite determinar com exatidão uma cronologia.

Dito isso, compreendemos que, nas narrativas analisadas, o tempo narrativo encontra-se voltado à importância dos fatos, sendo irrelevante a ordem em que eles ocorreram ou quando exatamente ocorreram, enquadrando-se no tempo metafísico ou psicológico, misturando presente e passado, perpassando pelas diversas fases de vida dos personagens, trazendo apenas aquilo que consideram relevantes.

É perceptível como os relatos têm início a partir de um caso da vida adulta, passam para a infância e, sem que as narradoras percebam, retornam para a vida

adulta. Não há obediência à cronologia dos fatos, de modo que as mulheres se atêm às histórias que julgam ser importantes.

Durante seu relato, Dona Zelani passeia pelo tempo, atravessando as fronteiras sem se dar conta. Descreve histórias de quando era moça e frequentava o garimpo com o pai; interrompe para falar de seu noivo, da intenção do rapaz de tirá-los do garimpo; e retorna para mais uma aventura na serra quando ainda era criança e atravessava os rios com seus pais. Com isso, mostra como a ordem dos fatos não importa, mas, sim, os casos relatados.

A história de Dona Zelani descrita no tópico anterior, sobre quando entrou na gruna com seu pai, transpareceu ser de extrema importância para ela, pois foi o primeiro fato impactante que descreveu, em que deixou transparecer um misto de saudade e orgulho por ter passado por aquela aventura perigosa. Quando questionei sobre quando ocorreu esse fato ela não soube responder com exatidão, apenas declarou que ainda era moça. Ainda sobre essa história, a senhora findou dizendo que, quando saíram dali, fez com que o pai promettesse nunca mais ir ao garimpo, enquanto ela mesma jurou para si que nunca mais iria. Curiosamente, ambas as partes descumpriram suas promessas, pois ele, conforme ela mesma contou, garimpou até os 84 (oitenta e quatro) anos e ela, por sua vez, sempre ia quando tinha uma oportunidade.

Eu ia porque queria, não era obrigada. Minha mãe cuidava da comida lá no garimpo. Era lapa, aquela lapona que a gente morava embaixo da pedra [...] Vixe, era ótimo, pulando naquelas pedras, eu ando ainda, vou na beira do rio, mas pra tá subindo serra não dá não. Não tem uma serra dessa aqui que não conheça. E depois do garimpo veio a sempre viva, né?! Aí eu ia pra pegar essa sempre viva, aí meu marido resolveu comprar também, ele era negociante, aí começou a comprar sempre viva e eu dei de ir pro mato com os meninos. E ele achava ruim eu ir pro mato mais os meninos e eu dizia 'não, eu vou mas de tarde eu volto'. (Zelani Barbosa – informação verbal)

De forma esclarecedora, Ricoeur (1994) fala sobre a experiência, destaca que ela é atemporal, não segue uma cronologia, tampouco é linear, pois “os paradoxos acompanham a tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal” (RICOEUR, 1994, p. 301).

Assim, é possível compreender que essas mulheres fazem uma reflexão interna de suas próprias histórias como um todo e narram seus fatos de acordo com

as experiências que consideram mais significativas, descartando de suas falas aquilo que entendem não ser válido contar, ou de pouca relevância.

Tia Val também demonstra com muita clareza como sua narrativa se situa no campo psicológico ou metafísico.

EB: Naquela época seus irmãos iam para o garimpo e a senhora ficava em casa?

VS: Sim, meus irmãos iam e eu ficava em casa com minha mãe, não era sempre, pois normalmente íamos com minha mãe também. Às vezes o garimpo era perto, ela fazia o almoço e a gente ia levar, e os irmãos iam mais à tarde, pois eles estudavam, ou quando estudava à tarde, ia pela manhã.

EB: A senhora lembra quando foi o último diamante que ele pegou?

VS: Assim precisamente não, mas assim, até 1980 ele ainda trabalhava no garimpo. (Valdelice Silva – informação verbal)

Questionada sobre datas, a entrevistada não soube dizer com clareza, mas os acontecimentos são descritos com riqueza de detalhes. O fato de não saber quando algo ocorreu é suprido pela forma como Tia Val se articula para recriar uma cena. A maneira como as narrativas são contadas pode levar o interlocutor para aquele ambiente, sem a necessidade de determinar o momento ocorrido, mas sim o episódio.

Como já dito, para essas mulheres, o tempo da narrativa funda-se no grau de importância dos fatos, a despeito de qualquer cronologia. Outro exemplo é Dona Neuza Pina, que conta histórias do garimpo nas cidades de Mucugê e Igatu. Ela diz que mora em Mucugê há muitos anos, porém, estabelece saltos na descrição das experiências vividas entre Mucugê e Igatu, mesmo que, há muito, tenha deixado de viver em Igatu. Isso deixa ainda mais claro que, para essas mulheres, o “quando” ocorreu não é tão importante quanto o “como” ou o “porquê” ocorreu.

EB: E o garimpo era próximo da casa?

NP: Ó, era próximo da casa porque, teve uma época que o garimpo era no quintal da minha casa. Tipo assim era lá que ela tirava o cascalho passava no ralo, tipo uma peneira grossa, tipo no formato de uma caixa. Despeja o balde de cascalho dentro e ia ralando. Fazia um negócio assim tipo de três pontas, pendurava o ralo e ia fazendo, fazendo assim. É isso, aí ia toda terra, e o que levava para a beira da água era só cascalho. Aí lavava. Muitas vezes foi momento de muita crise de passar até necessidade. E dia sim, de quando pegava o diamante era uma alegria imensa né porque sabia que tinha dinheiro, que tinha comida em casa. E assim que funcionava, a vida não é fácil para garimpeiras.

EB: e tinha mulheres além de sua mãe?

NP: tinham, tinham várias mulheres, inclusive em Igatu, tinha Dona Alzira que era uma mulher assim, bem muito trabalhadora, assim uma senhora de idade lavava cascalho, inclusive com bateia. E várias, as maiores, a maioria das mulheres eram garimpeiras também.

EB: Pela necessidade ou será que pelo sonho?

NP: pela necessidade. Porque a gente vivia disso. Tipo assim, a gente comprava fiado na venda que hoje é mercado, né, naquela época era venda. Vocês compraram fiado na venda esperando pegar o diamante para ir pagar e era assim que funcionava

EB: Então para mulher funcionava como para o homem né?

NP: Funcionava como um homem. Como para o homem, claro que o homem era o chefe, tipo assim, eu que tava na frente de tudo, tipo o garimpo era de meu pai, quando minha mãe podia ir trabalhar com ele, ir no garimpo mais ele, mais era ele que comandava. Agora assim, quando o garimpo era dela, dela mesmo, como eu tô dizendo a você, que ela trabalhou, ela comandava.

EB: Mas tinha mais gente trabalhando com vocês ou ela ia sozinha com você. Tinha gente trabalhando para ela?

NP: Não, não, era trabalhando para ela, era trabalhando parceria as duas. É tipo assim, o garimpo é meu e teu, nós dois se viram no garimpo e o que achava, que era vendido e dividido em partes iguais. (Neuza Pina – informação verbal)

A data não fica clara no relato de Dona Neuza, pois entre a morte de seu pai e de sua mãe há 10 (dez) anos de diferença, mas que se perdem em suas palavras, de modo que fica evidente que o que ela quer relatar é como funcionava o garimpo e como sua família vivenciou isto.

Conforme apontamos anteriormente, Dona Isabel nos trouxe pouco sobre a história; ela nos disse muito mais por meio do silêncio. Entretanto, quando falou, ela também não se ateu a datas.

IN: É mas eu não lembro muito não, que quando pai e mãe trabalhou eu era, só lembro disso aí, que eu ia lá e ela tava trabalhando, mas das coisas assim não [...].

EB: Dona Isabel, aproveitando a conversa, me fala um pouco sobre sua mãe ter encontrado 16 (dezesesseis) diamantes. Como foi? Com quem foi?

IN: Ela trabalhou garimpo com uma amiga, Júlia. Um dia elas foram lavar cascalho e achou 16 (dezesesseis) diamantes. Aí só alegria. [...]

EB: A senhora sabe mais ou menos o ano que isso aconteceu? A senhora já era nascida?

IN: Já. Só que eu não sei contar muito assim não, porque fui me embora. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Aqui, é possível vislumbrar que ela lembra muito pouco, ou muito pouco quer lembrar, mas certamente seu relato se guia por um viés temporal psicológico. Por mais importante que um fato tenha sido, ela não sabe dizer quando ocorreu, pois, para ela,

assim como para as demais entrevistadas, ficou bastante evidente que contar o “como” é muito mais importante do que o “quando”.

Independentemente de ter sido estabelecida uma data no enredo que foi narrado oralmente, é possível pressupor que esses relatos atravessam as gerações das nossas entrevistadas. Segundo Ricoeur, “o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de modo narrativo, ao mesmo tempo que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (1994, p. 85). Em suas narrativas, as mulheres de Mucugê-BA deixam clara essa relação pela forma como contam suas histórias, mantendo viva as lembranças de seus familiares e transportando o ouvinte para os momentos narrados.

O fluxo de pensamento demonstra que elas não estão apegadas a um objeto, à cronologia, mas, sim, objetivam contar sua história de acordo com a ordem de importância que os fatos possuem para si próprias. Conforme foi discutido, nota-se ainda o intuito de engrandecer o homem garimpeiro, nesse caso, os heróis de suas famílias, afinal, quem narra tem o poder de dar relevância aos fatos e personagens de acordo com suas próprias percepções.

3.5 As narradoras

Segundo Cândida Gancho, “o narrador é o elemento estruturador da história, pois, sem ele, não existe narrativa” (GANCHO, 2004, p. 16). Dito isso, iremos compreender de que forma nossas entrevistadas se apresentam enquanto contam suas histórias, levando em consideração as definições que estruturam esse elemento narrativo. Com isso, será possível apreender de que maneira elas se apresentam em suas narrativas sob a perspectiva de quem conta a história, mas que, de alguma forma, não se coloca enquanto parte essencial dela.

Segundo Gancho (2004), o narrador pode apresentar-se em duas modalidades, em primeira ou em terceira pessoa. O primeiro participa ativamente como um personagem, já o narrador em terceira pessoa está fora dos fatos narrados e geralmente é reconhecido enquanto observador, cujas características são a onisciência, que demonstra saber tudo sobre a história, e a onipresença, que mostra o narrador em todos os lugares da história (GANCHO, 2004).

O narrador observador onisciente narra com natural, simples, ele não tem conhecimento íntimo dos personagens, mas sabe tudo sobre a história; enquanto o

narrador onipresente é capaz de revelar sentimentos, pensamentos e segredos dos personagens, como se estivesse lá. O narrador tem tanta propriedade da história, sabe tanto sobre o enredo que, por vezes, narra em primeira pessoa e ainda surge como narrador protagonista (GANCHO, 2004).

Cândida Gancho traz ainda duas outras variantes para o narrador em terceira pessoa: o intruso “que fala com o leitor ou que julga diretamente o comportamento dos personagens (GANCHO, 2004, p. 17); e o parcial, “que se identifica com determinado personagem da história e, mesmo não defendendo explicitamente, permite que ele tenha mais espaço” (GANCHO, 2004, p.18)

Com base em Gancho, vejamos o enredo a seguir.

Ele já veio pra cá pra trabalhar. Ele nasceu aí na roça, em 1914 foi pra Mucugê trabalhar no garimpo, veio com o irmão dele, Alexandre, que também era cego. E ficou aqui, casou com minha mãe e ficou aqui. Então eu não me lembro quando foi o primeiro diamante, mas lembro que na década de 60, 70 foi quando mais ele encontrou diamante nessa região, num lugar ali chamado de cantinho. Também no Capão, nos Andrades, que ele, e aqui que hoje é rua.

Abriu né, foi feito um projeto de expansão da cidade, que a cidade era só uma rua, mas de 85 pra cá a cidade cresce e lá onde era o garimpo dele é a Avenida Tonito Pina Medrado. Que era garimpo dele, ali também ele encontrou bastante diamante, até hoje ainda deve ter muito lá. (Valdelice Silva – informação verbal)

Como visto, Tia Val narra em terceira pessoa, de forma onisciente, demonstrando saber tudo sobre a história que me apresentava. Ao entrevistá-la não busquei informações sobre a descendência de seu genitor, porém, seu enredo me apresentou esse personagem como protagonista, enfatizou sua vida de herói, realçando seus feitos, suas vivências e suas conquistas.

Agora, vejamos outro trecho da mesma entrevistada, Tia Val, em que é possível perceber sua onipresença no enredo:

[...] Ela achou outras pedras também. Um dia a gente estava vindo do garimpo, lá na estrada, a estrada não era asfaltada ainda não. Numa curva, ela viu uma coisa brilhou, uma coisa brilhou ela com uma trouxa de roupa na cabeça ela gritou assim, olha aqui olha debaixo do meu pé, do meu dedão, do meu pé aqui aí ele xingou de novo, né... Agora eu não sei que palavrão, ele achava que era mentira. Não vem aqui, vem aqui vê, que pode ser um diamante. Quando ele pega, não era um diamante? No cascalho, na estrada

E nesse dia também, vinha sem graça, tinha pegado muito cascalho e não tinha achado nada. E era assim, acontecia no momento necessário. (Valdelice Silva –informação verbal)

Quando Tia Val recorre às suas lembranças, geralmente ela se encontra na posição de narradora observadora, no entanto, no relato acima, quando conta sobre o achado da mãe, apresenta mais uma vez a característica da onipresença. Ela não só soube do fato, mas fez parte dele, esteve presente em todos os momentos da história, tornando-se uma narradora observadora onipresente.

Diante das poucas palavras de Dona Isabel e, ao negar ter lembrança sobre a época, ficou perceptível que, ali, haveria uma narradora em terceira pessoa, pois mesmo com o distanciamento ao narrar a história, ela preocupou-se em relatar como os personagens se sentiam, o que se passava com eles. Vejamos o que ela diz sobre garimpar:

E é uma coisa que ninguém guardou lá, né. É aventurando. E tem horas que tem umas aventuras que é pesada. É que nem aqueles negócio que o povo fica cavando pra tirar ouro, também é aventura. [...].

Mas é que nem que eu tô falando, dinheiro de diamante...

Aqui mesmo em Mucugê, tanta gente que trabalha no garimpo e nunca vi dizer que ninguém tem nada. Nunca vi dizer que ninguém enriquece do diamante. Meu tio mesmo trabalha e não enriquece, agora os compradores sim. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Aqui, percebemos a onisciência de Dona Isabel, pois, apesar de não estar presente no enredo, ela detém o conhecimento para revelar como seus personagens vivenciaram a época. Esse posicionamento se assemelha ao narrador intruso, que demonstra autonomia em determinar os sentimentos do personagem principal.

Citando o intruso, segundo Gancho (1991), há ainda duas variações do narrador em terceira pessoa: o intruso e o parcial. O primeiro deles julga diretamente o comportamento dos personagens, enquanto o segundo se identifica com algum personagem da história, dando mais espaço e destaque a ele (GANCHO, 1991). Vejamos a representação dessas duas classificações nas narrativas a seguir;

VS: Existia preconceito, várias não gostavam que os maridos frequentassem lá o ambiente, mas minha mãe já tinha essa diferença. Não eram todas, muitas ciavam, e queriam até matar os filhos que as meninas tinham com os maridos, queriam matar. A mesma coisa de hoje, né? Tem gente que aceita, outras não aceitam, mas minha

mãe aceitava numa boa, e foi bom porque minha mãe dizia, eu não sou a Dona do mundo.

EB: A senhora pensaria assim também, será?

VS: Sim.

EB: Então a senhora pegou muito dela, dessa relação.

VS: Sim, peguei muitas coisas dela tanto que hoje quando eu falo para a mulher, dou conselho a alguma amiga minha que fica com ciúmes, né. E isso não leva a nada. (Valdelice Silva – informação verbal)

Neste fragmento de lembrança de Tia Val, percebe-se a variação da condição de narradora. Inicialmente, ela julga alguns personagens da história, ao dizer que determinado comportamento das mulheres era diferente do de sua mãe. Em seguida manifesta apoio a ela, e destaca que aquela também seria sua conduta caso tivesse vivenciado a mesma situação. Nota-se a admiração pela conduta moral da matriarca, que foi apresentada como um ser superior frente ao que era vivenciado por outras esposas.

Quando o narrador é observador, geralmente está impregnado de julgamentos, assim como há a predisposição em analisar os fatos, afinal, ele está fora da cena. Tia Val é uma mulher que aparenta admirar sua mãe, respeita seus momentos, suas vivências. A genitora esteve presente nas ocasiões de dificuldades e de glórias da família e, com base em suas experiências, aconselhou suas amigas sobre como conduzir suas relações.

Voltemos agora ao narrador que participa ativamente do enredo, o narrador em primeira pessoa ou narrador personagem. Segundo Gancho (1991), ele tem uma visão limitada, não é onipresente e nem onisciente, pois está vivendo a situação em sua própria percepção. Apresenta duas variantes, o narrador testemunha e o narrador personagem. O primeiro narra os acontecimentos, está presente, mas não se destaca. Já o segundo é um narrador que também é o personagem central. Vejamos o relato de Dona Zelani:

Lembro, mas era moça ainda, né. Naquele tempo era um tempo ruim, que às vezes a gente, um dia estava rico, um dia estava pobre, meu pai mesmo era assim. [...]

Aí uma vez minha mãe, nós fomos pro garimpo, passamos a semana toda lá e ele tirando a terra lá mais os outros companheiros. Quando foi meio-dia minha mãe terminou de comer, aí foi lavar os pratos lá no córrego e eu fui também, aí ela ficou assim olhando... aí disse “vixe, um diamante”. Não lembro mais o tanto quanto deu o diamante, mas uma pedra, a coisa mais linda. Aí eu fiquei toda alegre né, é nosso, foi a gente que achou, né? Quando chegou, mostrou a ele, aí ele “mulher de garimpeiro não acha diamante”. Aí eu falei, ué, por que? Aí ele

falou: “não, eu trabalho na sociedade de oito, se eu achar um diamante e for vender, roubei dos companheiros”. Aí eu “se falar que foi a gente que achou?” Ele “Ninguém acredita, tem que vender e dividir para todo.” Aí vendeu e dividiu para todos. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Nesse trecho da narrativa Dona Zelani está presente, que, por sua vez, participa e inicia o enredo em primeira pessoa. Ela lembra, era moça, estava junto, porém, surge um sujeito da ação que se torna personagem principal, sua mãe. No desenrolar, Dona Zelani questiona o seu pai dentro da história, mas não se destaca, tornando-se assim uma narradora testemunha. Vejamos outra lembrança da jovem senhora.

Era só ele que tava trabalhando por conta dele. Aí nós fomos trabalhar e do cascalho lá, a gente foi lavar e não pegou nada, pois é. Ele “ih meu Deus, amanhã como é que eu faço a despesa”. E era sábado no outro dia. Vinha naquela tristeza, aí a gente tinha tomado café, panhei os copinhos e fui lavar assim, ali no córrego, cheguei lá, lavei os copinhos e fiquei futucando. Menina, achei uma pedra, não lembro mais o tanto assim, só sei que ele vendeu por... eu não tô lembrada pelo tanto que vendeu e quando cheguei que mostrei a ele, “meu Deus do céu, foi jogado do céu”. E foi mesmo porque a gente tava com uma precisão e aí ele vendeu. (Zelani Barbosa – informação verbal)

Nota-se que Dona Zelani não apenas participou da ação, mas foi a personagem que encontrou um diamante e “salvou” a família num momento de dificuldade. Ao fazer esse relato, ela utiliza o efeito narradora protagonista, em que é a personagem principal. Naquele momento ela foi a heroína, cutucando e garimpando em busca de algo no córrego do rio, sem perder a esperança.

Ainda sobre a narradora protagonista, precisamos falar sobre Dona Neuza Pina que, em alguns trechos, também se colocou no lugar de personagem principal por meio de suas experiências:

EB: E a senhora passou por algum risco no garimpo?

NP: Não, eu nunca passei por isso

EB: Aí era muito seguro, né?

NP: Era sempre. Os garimpos que eu fui, que eu já trabalhei era um garimpo seguro. Nunca fui em garimpo pra correr risco, esses negócio não.

EB: E seu marido?

NP: ele também, que eu me lembro, que eu sei, que eu saiba não, inclusive na época dos garimpos dos maquinários, ele trabalhava, ele tem uma máquina ali em João do Pulo, o condomínio ali de João do

Pulo; eu ia com ele, só que eu cozinhava para turma, só que tipo assim, eu quanto cozinheira, ganhava a mesma porcentagem que os peão que trabalhava no garimpo. Como o garimpo era dele, na época parece que era 3% que cada garimpeiro recebia aí eu cozinhava e eu também ganhava 3%, entendeu? E aí nas minhas horas de folga eu ia lavar a jaroba.

Jaroba é aquele cascalho que já foi lavado. Como em garimpo dá muito diamante, porque já deu muitos diamantes, quanto eles estão lavando, aqueles diamantes mais fino costuma passar e eu já peguei muito diamante assim.

EB: e a senhora tinha que entregar?

NP: não aquele era meu. Não porque a ali já era uma coisa como, como se fosse lixo, entendeu? Descartada. (Neuza Pina – informação verbal)

O trecho acima guarda muitas particularidades, pois Dona Neuza Pina não apenas conta a história, mas possui uma forma peculiar de contar. Ela participa de forma ativa e assume o papel principal, mesmo quando indagada sobre as experiências do marido quanto aos perigos enfrentados. Ela responde sobre ele, de forma rápida, mas imediatamente retorna para os momentos em que estava presente e para as ações que realizou.

3.6 A auto-representação das mulheres garimpeiras

Durante todo este trabalho, busquei apreender as narrativas das mulheres garimpeiras de Mucugê no ambiente comunicacional da oralidade. Quando estudamos as narrativas orais, temos a possibilidade de verificar se estamos em um ambiente predominante de oralidade primária, secundária ou mista e, a partir disso, relacionar com outras formas de análise.

Como visto no capítulo dois, nossas entrevistadas estão em um ambiente de oralidade mista, porém, em suas falas, carregam muitos traços característicos da oralidade primária. Um dos pontos principais é a tradição e o conservadorismo em suas vozes, em que o homem garimpeiro é representado como herói.

Com relação à Dona Isabel, suas narrativas mostram que o garimpo não foi apenas bom ou um conto de fadas divertido, pois sua voz exprime tristeza ao falar que foi uma época difícil, em que havia muito sofrimento. Também demonstra conhecer o espaço e todo o processo do garimpo, e opina sobre isso.

Nota-se uma certa mágoa da época, principalmente pelo fato de o diamante não ter proporcionado riqueza para a jovem senhora, seus familiares ou amigos, de

modo que as pedras preciosas significaram apenas sobrevivência. Apesar de conhecer o processo do garimpo, ela evita falar sobre o assunto, talvez por saudade ou, como já foi dito, por não lembrar muita coisa, porém, ao mesmo tempo, há em dona Isabel uma certeza: ainda há diamante para ser garimpado.

Dona Isabel é uma mulher que morou 32 anos em Brasília, conheceu outra realidade, outro ambiente, porém, em sua fala, nota-se o caráter homeostático da oralidade primária. Ela aparenta vivenciar apenas o presente ou o passado recente da cidade de Brasília, descartando os anos em que seus familiares trabalharam no garimpo.

Sua narrativa é sempre em terceira pessoa e não se insere nas lembranças que tem sobre a época, na verdade, ela nega tê-las. Fala pouco sobre as mulheres, enfatiza os garimpeiros como heróis, como personagens principais, pois eram homens que trabalhavam muito e ganhavam pouco e generaliza ao dizer que foi uma época de muito sofrimento.

Porém, quando Dona Isabel cita as mulheres no garimpo, há duas formas de apresentação. Inicialmente, ela faz questão de dizer que, quando a mãe e a amiga encontraram 16 diamantes, o pai ajudou lavando o cascalho: “estavam elas duas trabalhando sozinhas, agora para lavar o cascalho lá, foi meu pai, elas só juntaram. Elas só fizeram ajuntar, agora quem lavou foi meu pai”. Nesse relato, é possível perceber um ponto de desqualificação do trabalho feminino, pois as mulheres “só fizeram juntar”.

Já em outro trecho, pergunto o que ela acha sobre a mulher estar inserida no ambiente do garimpo e se sua mãe gostava, e ela me surpreende com suas afirmações:

IN: Naquela época ninguém importava com nada não, sou filha de garimpeira e de garimpeiro. [...] eu acho que era porque ela gostava, entusiasmava porque via meu pai trabalhando, né, acho que era por isso.

EB: mas a senhora acha que isso era bom, se fosse a senhora a senhora iria?

IN: bom pra ela? Era! Eu iria. (Isabel Nascimento – informação verbal)

Percebe-se que há uma questão pessoal da nossa entrevistada no que diz respeito à época do garimpo, pois ela tanto sugere ter sido muito sofrido, decepcionante, quanto também “entusiasmante”. Havia sofrimento mas mesmo assim

ela “iria”, talvez por ser tão destemida quanto sua mãe? Ou pelo fato de que a maioria das mulheres iam e certamente ela iria também? Ou será que, mesmo com a consciência dos apuros das serras, a tradição em torno do diamante provoca o desejo de garimpar?

Nota-se que Dona Isabel se auto-representa enquanto uma narradora observadora, que apresenta seus personagens em terceira pessoa, enfatiza o homem garimpeiro enquanto herói que sobreviveu a um ambiente hostil e perigoso, que não produziu riqueza, mas que esteve ali mesmo assim. Além disso, para ela, não havia diferença entre ser homem ou mulher garimpeira, tanto que afirmou: “sou filha de garimpeiro e garimpeira”.

Para Dona Neuza, atualmente, o garimpo é diversão, mas não se esquece que não foi apenas isso: “Eu costumo dizer: Júnior hoje nós somos ricos meu filho, em vista das dificuldades que eu e seu pai já passou”.

Ela está inserida no ambiente da oralidade mista, pois, além de ser técnica de enfermagem no hospital, faz parte das jovens senhoras que estão presentes até mesmo nas redes sociais. Em seus relatos, há traços do tradicionalismo relacionado aos costumes que foram vivenciados na época do garimpo. Dona Neuza não esteve preocupada em apenas contar suas histórias, mas em explicar com riqueza de detalhes sobre o que estava falando.

EB: E o garimpo era próximo da casa?

NP: Ó, era próximo da casa porque teve uma época que o garimpo era no quintal da minha casa. Tipo assim era lá que ela tirava o cascalho passava no ralo, tipo uma peneira grossa, tipo no formato de uma caixa. Despeja o balde de Cascalho dentro e ia ralando. Fazia um negócio assim tipo de três pontas, pendurava o ralo e ia fazendo, fazendo assim. É isso, aí ia toda terra, e o que levava para a beira da água era só cascalho. Aí lavava. Muitas vezes foi momento de muita crise de passar até necessidade. E dia sim, de quando pegava o diamante era uma alegria imensa né porque sabia que tinha dinheiro, que tinha comida em casa. E assim que funcionava, a vida não é fácil para garimpeiras. (Neuza Pina – entrevista verbal)

Dona Neuza buscou descrever como era feita a garimpagem, revelou as dificuldades enfrentadas pela família de forma muito próxima do cotidiano da época. Seu relato poderia tranquilamente ser inserido no livro *Cascalho* de Herberto Sales que, segundo ela, conta a história de seu avô Antônio Felix, um garimpeiro que pegou o maior carbonato na região.

Seus relatos revelam uma narradora em primeira pessoa, que está presente na maioria deles. Ela é onisciente e onipresente em todas as fases, desde as dificuldades até os momentos de glória quando encontrava o diamante, mandava o marido vendê-lo e colocava o dinheiro na poupança. Seus personagens têm variação, pois, em alguns momentos, ela sai do centro e apresenta outros protagonistas, como seu pai, sua mãe e até o marido, porém, há uma relação direta desses personagens com sua experiência.

Nota-se ainda que ela insere a mulher no ambiente do garimpo de “igual para igual”, assim como foi dito por ela, de modo que não havia diferença se quem estava no garimpo era homem ou mulher, pois o importante era conquistar o que desejavam quando subiam a serra: o diamante.

Durante a entrevista, Dona Zelani se mostrou apaixonada por suas vivências, sua história. Para a senhora, o garimpo era um ofício, como foi para seu pai, e ela, desde a infância, fez parte daquele processo e passou a ser sua parceira com satisfação, seriedade e jogo de cintura.

Dona Zelani estudou as séries iniciais e seu relato também revelou traços característicos da oralidade primária. Em suas narrativas, o tradicionalismo mostra-se no que concerne ao enredo sobre o garimpo e à predominância do homem. Apesar de tal característica, suas lembranças são carregadas de aventuras e momentos que viveu com o pai quando saíam para garimpar. Há também uma proximidade com o cotidiano da época. Quando, na entrevista, eu citava algo dito por outra entrevistada, havia concordância com o fato e logo surgia uma história parecida, levando esta pesquisadora a considerar que, para além da tradição, há um conservadorismo quanto à história local.

Para além desses fatos, a entrevista de Dona Zelani nos apresentou o maior traço de patriarcalismo que era imposto na época, pois foi ela que citou a frase “Mulher de garimpeiro não acha diamante”. Sua mãe havia encontrado um diamante enquanto lavava os pratos do almoço, porém, segundo seu pai, o diamante não era dela, pois ninguém acreditaria que ela pudesse tê-lo encontrado. Por isso, foi obrigada a ceder seu achado para que fosse vendido e dividido entre os trabalhadores do local. Esse fato remete a um aspecto que se mostrou recorrente nos relatos: as mulheres estavam ocultas, pois elas não estavam presentes como trabalhadoras do garimpo, mas, sim, como companheiras dos garimpeiros.

Apesar disso, em face de outros relatos, percebe-se que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, que eram “impedidas” de garimpar por normas sociais, ainda assim elas estavam inseridas e eram participantes ativas na ação tanto quanto eles. Só não estavam “autorizadas”.

Quanto aos personagens apresentados pela jovem senhora, o pai é seu herói, seu personagem principal em todas as ações. Dona Zelani demonstra admiração e saudade pelo tempo que viveu ao lado dele. Porém, por diversas vezes, também apresentou-se no papel de protagonista, mas, com muita modéstia, deixando que outros personagens também brilhassem e aparecessem na história.

Enquanto narradora, Dona Zelani se coloca em primeira pessoa em boa parte de suas narrativas e está presente na maior parte de seus enredos, por mais que haja outros protagonistas. Ainda que enfatize o pai como um grande garimpeiro, ela não se deixa ser esquecida, não se retira de cena. Dessa forma, enquanto auto-representação, Dona Zelani Barbosa é uma mulher garimpeira, participante ativa do garimpo de Mucugê.

Com relação à Tia Val, nota-se que ela buscou rememorar o que lhe parecia mais importante. Em certos trechos, pareceu que ela estava relatando fatos como se estivessem acontecendo no presente (por várias vezes percebi seus olhos marejados, o movimento de suas mãos e o sorriso para certos momentos que relembra).

Tia Val não apenas respondeu minhas perguntas ou apontou para a serra que fica próxima de sua casa. Com ela veio mais que relatos da época do garimpo: ali foi revelada a existência de uma mulher que observou a vida de sua mãe e das demais mulheres casadas com garimpeiros e fez dessa vivência uma forma de tornar-se conselheira das demais.

Tia Val é uma mulher letrada, foi professora, trabalhou na prefeitura. Porém, é no seu relato que encontramos a maior recorrência de tradicionalismo que, geralmente, caracteriza o ambiente da oralidade primária. Isso é visto sobretudo na relação entre seus pais. Apesar da genitora acompanhar o marido no garimpo, no lar a relação é machista e patriarcal. Enquanto ele sai para beber, some por dias, ela, a mãe, fica em casa preparando os melhores pratos para recebê-lo. E, quando ele volta, é tratado com todo carinho e atenção. Durante a entrevista, a jovem senhora fez questão de demonstrar admiração pela conduta da mãe e afirma que, sempre que possível, transmite suas experiências para as amigas.

Tia Val é uma narradora que está sempre em terceira pessoa. Ela atinge todos os níveis sendo por vezes onisciente, onipresente, intrusa ou parcial. Sabe tudo sobre a época, esteve presente em boa parte das histórias que contou e, principalmente, quando relata fatos da vida pessoal de seus pais, consegue julgar os demais personagens e demonstra ser mais propícia a ter as mesmas atitudes de sua genitora.

Por mais que Tia Val se coloque na maior parte dos relatos, ela não está presente enquanto personagem principal, mas, sim, como secundária, sem participação ativa nos fatos principais. Em seu enredo, o pai e a mãe dividem o papel de personagens principais: no primeiro momento o pai surge como um dos grandes garimpeiros da região, em seguida a mãe é apresentada como uma mulher à frente do seu tempo.

Pode-se dizer que ela revela a presença da mulher enquanto companheira do homem, não apenas no lar, mas nas serras também, porém, com um detalhe: aparentemente, sua mãe tinha sorte no garimpo, apesar de “não trabalhar”.

Meu pai, ele trabalhou em muitos garimpos e a minha mãe também ajudava no trabalho do garimpo, ela também encontrou diamante, não trabalhando, mas ajudando a ele, e achava e ela tinha muita sorte no garimpo, ela ia achar e achava. (Valdelice Silva – informação verbal)

Sobre a auto-representação, em determinado momento perguntei o que ela diria sobre o papel da mulher no garimpo. Inicialmente, ela respondeu que havia importância no companheirismo da mulher, de não deixar o homem sozinho. Em seguida, ela disse que a mulher merece ser lembrada enquanto garimpeira também, que deveria haver mérito, afinal, a mulher ficava em casa não apenas “cuidando”, mas “incentivando” também.

Num apanhado geral, poderia de imediato dizer que, na auto-representação das entrevistadas Dona Isabel e Tia Val, a mulher surge como personagem secundária nesta história. O garimpo era um ambiente masculinizado, onde o homem era o principal personagem, enquanto elas surgiam como companheiras de seus maridos, de seus pais, por vezes, eram as mulheres com sorte de achar diamante.

Ao mesmo tempo, se levamos em consideração as memórias de Dona Neuza e dona Zelani, a mulher surge como uma heroína enfrentando as dificuldades do dia a dia, adentrando cavernas ao lado do pai em busca da pedra preciosa, subindo serras, beirando os rios, lavando ou carregando a jarobá em busca do sustento de

cada dia, enfrentando todas as dificuldades, de igual para igual; percebemos que não há como negar que elas representam a si e a outras mulheres também como garimpeiras e, na atualidade, há sinais de que elas estão compreendendo seus espaços e que suas vozes, aos poucos, estão sendo ouvidas.

Há uma auto-representação por meio da descendência, da memória, da lembrança das filhas. Há a percepção de dona Neuza e dona Zelani de que elas são mulheres do garimpo e são parte da história daquele momento que, por sua vez, necessita ser percebida, revisitada e reverberada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo o que foi visto até aqui, é possível perceber a importância da época do garimpo para Mucugê, cujas informações podem ser acessadas por meio do Projeto Sempre Viva, do Museu Vivo do Garimpo e do Arquivo Público Municipal da cidade, responsáveis pela preservação cultural e histórica.

No decorrer deste trabalho, com base na bibliografia, discorreremos sobre o surgimento da cidade de Mucugê na Chapada Diamantina, sua transformação a partir do advento da exploração diamantífera e do diamante em si. Foi possível perceber como a exploração fez com que a região tivesse um largo crescimento populacional em seus tempos de auge, as consequências para as pessoas e para o próprio local em termos políticos e arquitetônicos.

Vislumbramos também, nesse momento inicial, quem foram as mulheres que fizeram parte, histórica e culturalmente, da cidade. Entendemos que a mulher garimpeira está e esteve lá, ela existe, é real, mas, ainda assim, é uma refém do sistema patriarcal histórico do Brasil. Segundo os relatos, por mais que a mulher estivesse naquele ambiente e encontrasse diamante no rio, “ela não achava”, afinal, mulher não podia encontrá-lo, pois não estava autorizada socialmente para isso, quiçá ser vista, de fato, como garimpeira. Uma realidade cruel que encontramos é esta: à mulher cabia o papel de subordinação, de ajudar e acompanhar o homem, seja ele seu pai, seu marido ou seu avô.

Findamos o primeiro capítulo trazendo uma vertente teórica sobre o gênero feminino. Discorreu-se sobre a visão da mulher pelos olhos do homem, seu papel, seus obstáculos e, também, sua capacidade de, mesmo com toda adversidade, construir seu espaço. Prova disso é a antiga substituição da palavra mulher por gênero e como hoje nos preocupamos em usar, de forma gritante, a palavra mulher.

No segundo capítulo, nos preocupamos em esclarecer parte do embasamento teórico utilizado na análise das narrativas. A oralidade, tema basilar deste trabalho, foi discutida pelos teóricos Walter Ong (1998) e Paul Zumthor (1993,1997). Por meio deles, foram apresentadas as categorias da oralidade que buscamos identificar no nosso trabalho.

Tudo o que foi dito sobre a oralidade primária serviu de base para a análise dos relatos coletados. Entretanto, ao abordarmos a oralidade secundária, também vimos alguns dos seus traços nas narrativas, mas de forma incipiente. Então, o que

trouxemos da oralidade mista nos deu clareza de compreensão, pois não se pode desconsiderar que a chegada da tecnologia escrita mudou a perspectiva da cidade de Mucugê e seus habitantes.

Ainda no segundo capítulo, discutimos as marcas da oralidade presentes nas narrativas das mulheres. De forma por vezes cristalina como um diamante, outras nem tanto, conseguimos identificar mais características de uma sociedade pautada na oralidade primária do que na secundária. E é aí que entendemos a presença de uma oralidade mista, que traz características da secundária de forma incipiente.

Conseguimos identificar que as narrativas se apresentam um tanto quanto aditivas, pois não possuem como aspecto primordial o estabelecimento de relação de causalidade, ainda que houvesse alguns trechos elaborados de forma mais subordinativa.

Algumas frases de impacto, tais como “os diamantes de Mucugê eram os maiores”, “havia muito diamante” ou “brotava do chão”, indicam admiração com relação à época e o desejo de fazer parte daquele momento, e são também vinculadas a uma forma de pensamento mais agregativa que analítica, assim como contribuem para a memorização, pois é mais fácil lembrar de uma cidade como a que “tinha mais diamantes” do que uma que tinha tanto quanto as demais.

Mostramos também a redundância presente nessas narrativas, uma das marcas da oralidade primária. Evidenciamos por meio dos teóricos abordados que uma das formas de “facilitar” a fixação de uma informação é exatamente a repetição e, conforme visto no decorrer do trabalho, nossas entrevistadas sempre repetiam aquilo que acreditavam ser importante, por exemplo, quando afirmavam que “aqui ainda tem muito diamante”, ou reiteravam de diversas formas que a mulher ia para o garimpo, mas só pra ajudar.

Também conseguimos vislumbrar que as narrativas se aproximam do cotidiano. Conforme já visto, uma das grandes preocupações de nossas entrevistadas era mostrar uma rotina, levar para o dia a dia daquela época, das vivências cotidianas.

Notamos também um tom agonístico em algumas narrativas. Quando relatam a ida ao garimpo, há uma forma quase padronizada de propor uma provocação, de desafiar o ouvinte – confesso que terminei as entrevistas quase colocando minha bota e indo para a trilha buscar diamantes. Essas narrativas foram um convite ao garimpo e essa é a sensação que ficou, pois houve, além do relato, uma forma de me levar para dentro dele.

Outro fator muito importante foi o tradicionalismo que há nas entrevistas coletadas. Percebemos falas extremamente conservadoras que tendem a colocar o homem em um papel diferente e sempre superior em relação à mulher. A ele cabia a garimpagem, a negociação, a venda do diamante e o direito de sair e se divertir com os amigos; à mulher cabia ser companheira, cuidar da família, ajudar quando solicitada e ser submissa ao que lhe era dito. Para a mulher daquela época, não havia a escolha de rebelar-se; ela podia até ser garimpeira, mas não poderia requerer tal título, afinal, como já vimos, ela não vendia os diamantes que encontrava.

Findamos o segundo capítulo com um terceiro item capaz de enquadrar quase que completamente uma das nossas entrevistadas, de modo que conseguimos ver aquilo que não pode ser visto. Aliás, melhor dizendo: ouvimos aquilo que não foi dito.

O “não dito”, quando uma de nossas entrevistadas disse não lembrar da época, foi ensurdecedor de tão alto que ecoou. Conforme já visto e, segundo Orlandi (2007), muitas vezes, o silêncio pode ser uma forma de evitar algo ou alguém, uma fuga. Dona Isabel, aquela que, mesmo sem palavras nos disse tanto, deixou claro que, para ela, o que importava era o presente, a vida que viveu e vive em Brasília, de modo a não querer se inserir nas lembranças locais. Quando relatou algo sobre a época não deixou de afirmar que o garimpo não enriquecia ninguém, só quem comprava e, além de tudo, era um trabalho perigoso. Ainda que tenha transparecido mágoa, raiva, tristeza ou falta de emoção, foi visto um pouco de orgulho por ter sido sua mãe a mulher que, junto com uma amiga, encontrou 16 diamantes de uma só vez. Porém, o silêncio de Dona Isabel “caiu por terra” nas poucas palavras que nos trouxe, pois, apesar de sua rejeição inicial, ela demonstrou saber muito sobre a época e aparentou nutrir o desejo de fazer parte daquele sistema.

No terceiro capítulo, verificamos que o espaço narrado se assemelha entre todas as entrevistadas. Ao falar sobre o garimpo, a descrição era quase a mesma: atravessar rios, subir serras, descansar e almoçar em lapas e, por vezes, entrar em grunas. Um espaço muito bem definido nos levou a “desenhar” um ambiente. Reiteramos ainda como a cidade, na atualidade, tenta preservar a ideia de que ela inteira era um garimpo – me arrisco a dizer que, se alguém for à praça principal, encontrará um diamante a olho nu –, afinal, foi isso que a definição do espaço trazido por nossas entrevistadas deixou, ou seja: que a cidade foi construída em cima de tantos diamantes que, a qualquer momento, durante uma obra, um olhar mais atento pode encontrar algum na praça ou embaixo da ponte.

Quanto ao enredo, aquele que diz respeito à história, à trama, nos preocupamos em realizar a análise dos objetos modais e de valor, conceitos mais trabalhados no segundo item do terceiro capítulo. Aqui, lembramos as falas de Tia Val, Dona Zelani e Dona Neuza, que vivenciaram as experiências de subir a serra, garimpar com os pais e ter um cotidiano que foi mantido pelo garimpo, seja nos “dias de rico”, como falou Tia Val, seja nos “dias de precisão”, como lembrou Dona Zelani.

Essas mulheres, conforme trouxemos no trabalho, demonstraram que o diamante exercia o papel narrativo de objeto modal, dada a função de proporcionar a riqueza; nessa transformação, o homem garimpeiro é investido do querer, saber e poder fazer a extração da pedra preciosa.

Entretanto, também conseguimos mostrar que, apesar das narrativas serem tendenciosas para a valorização do homem garimpeiro, as mulheres entrevistadas também mostraram, de forma sutil, a maneira como estavam inseridas dentro do mesmo espaço que o homem, desempenhando um papel importante, ainda que fizessem isso de forma parcial ou secundária, tal como se observa nas frases “minha mãe encontrou diamante” ou “eu fui com meu pai na gruna, achar diamante”, de Dona Zelani.

Em face dos relatos trazidos neste trabalho, percebemos que, mesmo diante das dificuldades encontradas pelas mulheres, ainda assim elas estavam inseridas e eram participantes ativas da ação de garimpar tanto quanto eles, só não estavam “autorizadas” para tal.

Quando falamos das personagens, observou-se que o herói das narrativas era o homem garimpeiro, normalmente, os pais. Também trouxemos as classificações do protagonista, do antagonista e do personagem secundário.

Verificamos que quem mais se aproximava do antagonista e se colocava como um dos obstáculos para a sonhada riqueza do herói era o capangueiro comprador, pois o homem garimpeiro estava sempre em dívida com ele e, portanto, o dinheiro obtido pelo diamante assegurava apenas alguns dias de sustento. Por sua vez, a mulher, ao lado do herói garimpeiro, estava sempre ajudando, ocupando um papel secundário.

Porém, também vimos como, algumas vezes, a mulher assumia o protagonismo da própria história. É importante pontuar a forma como as mulheres se auto-representam em suas narrativas orais, a forma como o fazem e como se enquadram enquanto personagens.

Dona Isabel mostrou que o homem era o garimpeiro, mas a mulher, entusiasmada, também tentava encontrar diamante, aliás, não apenas tentava, mas encontrava – inclusive, foi sua mãe que encontrou 16 (dezesesseis) diamantes de uma só vez. Ela é uma narradora em terceira pessoa, com a compreensão do que os personagens sentiam e passavam, mesmo que não se colocasse como parte da história. E ela enquanto personagem? Vimos que a ela não coube esse papel, ou não o desejou.

Tia Val, por sua vez, acredita que a mulher sempre esteve ao lado dos homens, ajudando na labuta, na casa, na comida, além disso, a mulher tinha sorte e encontrava diamante, entretanto, a elas não cabia o papel de personagem principal. Conforme vimos anteriormente, ela é uma narradora onipresente e observadora. Tia Val era uma personagem secundária na história, já enquanto narradora, nos transportou para lá. Ainda que soubéssemos para onde Tia Val nos transportava, o quando é mera suposição, pois o tempo psicológico prevaleceu em sua narrativa.

Dona Neuza nos trouxe um relato forte sobre a mulher no garimpo, pois, para ela, se tivesse oportunidade, a mulher trabalharia de igual para igual. Ou seja, quando a mulher não atuava nas empresas de extração mecânica, ela garimpava no fundo da casa ou juntava-se com a amiga e garimpava. Se havia o herói garimpeiro, na visão de Dona Neuza, podemos concluir que há heroínas garimpeiras também. Ela foi uma narradora protagonista, participando de forma ativa e assumindo seu lugar de personagem principal.

Dona Zelani nos trouxe uma narrativa muito rica e não passa despercebida a maneira como ela transita entre as narrações e os personagens. Ela se intitulou garimpeira desde o início, mas, por vezes, nos levou a pensar que o personagem principal era seu pai e, como vimos, talvez o fosse em dados momentos. Ela também se inseriu enquanto personagem principal e não determinou os papéis desempenhados, mas, sim, a relevância dos fatos acontecidos ao lado do pai, mediante o tempo metafísico, assim como as demais entrevistadas. Por vezes, sua narrativa seguia o rumo esperado, com o papel do homem herói e heroico, ao mesmo tempo, ela mesma se colocava na posição de protegê-lo, e foi assim quando salvou o pai e a si própria de morrerem na grana, ou, ainda, quando encontrou diamante num momento em que a família precisava muito. Ela nasceu e foi criada no garimpo e, quando ficou noiva, houve a promessa de sair das serras, porém, contrariou os planos e seguiu casada, com filhos e garimpando. E, se houver um convite para garimpar,

certamente ela irá e será a narradora-personagem que desempenhará o papel principal.

Ou seja, através destas quatro mulheres entrevistadas, percebemos que em as memórias apresentadas por elas, identificamos duas mulheres garimpeiras protagonistas de suas histórias e conscientes do seu papel enquanto trabalhadoras do garimpo, sendo elas dona Zelani e Dona Neuza Pina. Ambas não abandonam os traços de tradicionalismo e do conservadorismo da época, ou das dificuldades da mulher que viveu aquele ambiente, mas reforçam em suas narrativas que elas estavam ali, presentes, no mesmo ambiente em busca do diamante, e das oportunidades que ele proporcionava.

As outra duas, dona Isabel e tia Val, demonstram em suas narrativas que a mulher não era protagonista, mas sim companheiras dos garimpeiros, e por sê-las, estavam inseridas no ambiente que proporcionava encontrar um ou outro diamante. Como vimos, suas memórias apontam que não havia protagonismo feminino, mas sim apoio e resistência ao momento que estavam vivendo, quando era preciso ir para a serra elas iam, quando não, o papel se resumia a cuidar da casa e dos filhos.

Antes de findar este trabalho, é importante lembrar o que foi dito por José Luiz Fiorin (1990), de que não há apenas uma análise de discurso, pois ela é múltipla, plural. O que fizemos até aqui não visa esgotar a temática, pois ainda há ainda muito a se analisar.

Um longo caminho foi percorrido. Pode-se dizer que foram três anos subindo e descendo pedra, atravessando rios e lavando muita jaroba para, enfim, encontrar meu diamante. Foi muito difícil encontrá-lo, mas parece que achei minha banda de diamante de oito ou nove grãos, bem como o pai de Dona Zelani, e continuarei a buscar outra banda. Dessa forma, esta dissertação não esgota a análise das narrativas orais, mas, sim, inicia um caminho que busca ampliar a compreensão da auto-representação feminina dentro destes espaços históricos que estão tão imbricados no patriarcalismo.

Concluo, pois, com um convite para distribuir este diamante encontrado que, depois de lapidado, está pronto para atingir mais lugares e pessoas, fazendo com que as narrativas aqui discutidas ecoem pelo mundo e mostrem que o garimpo também é lugar de mulher. Com isso, espera-se que os relatos possam proporcionar mudanças de nossa visão para com as mulheres garimpeiras, que tanto viveram e fizeram e merecem ter seu valor reconhecido.

REFERÊNCIAS

ACAUÃ, B. M. S. Memória sobre os terrenos diamantinos da Província da Bahia; abril 1847. In: FERREIRA, F.I. **Dicionário geográfico das minas do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885. p. 209 – 2017.

AGUIAS, D. V. de. **Descrições práticas da Província da Bahia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Cátedra – MEX, 1979. 321 p. Primeira edição em 1888.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMARAL, F. D. A. A cidade e o vale: a paisagem cultural de Mucugê e o risco da perda de sua identidade. In: **Ciência & Desenvolvimento – Revista Eletrônica da FAINOR**. V.11, n.1, 2018. Disponível em: <<http://srv02.fainor.com.br/revista237/index.php/memorias/article/view/751>> Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

AMARAL, M. F. **Lugares de fala**: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. *Contracampo*, n. 12, p. 103-114, jan./jul., 2005.

AMORIM, E. S. de A. **Cascalho**: vozes de mulher na ficção de Herberto Sales. VII Encontro Local do PROLER. Ilhéus, 2009.

ANTUNES, R. L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

AUGUSTO, E. A. **Literatura e Documento**: Histórias e Mitos na primeira narrativa de Herberto Sales. São Paulo: Alfa-ômega, 2007.

BAHIA, J. B. **História da imprensa Brasileira**. V. 1. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

BOURDIEU, P. “Os três estados do capital cultural”. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.

BRAGA, J. L. **Lugar de fala**: como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: Encontro Nacional da COMPÓS 5. São Paulo. I: 19 p. 1997.

BRITO, C. M. de S. **Cidades históricas da Chapada Diamantina**: patrimônio baiano ou mineiro? Revista Especialidades [online]. 2013, v. 6, n. 5.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CHAPADA Diamantina. **Bahia Turismo**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/chapada-diamantina-2/>> Acesso em: 10 de outubro de 2021.

CHAVES, J.M.; HAGGE, R de C.F.; LIMA, C.C.U. de; ROCHA, W. de J.S.F. **Caracterização do relevo dos municípios de Abaíra e Rio de Contas para o conhecimento da diversidade de ambientes naturais da Chapada Diamantina – Bahia**. X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. 2003. Disponível em: <<https://www.cibergeo.org/XSBGFA/eixo3/3.4/290/290.htm>>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, 2002, p. 171-189.

CUNHA, B. M. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado**: perspectivas de combate à violência de gênero. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: < <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf> > Acesso em: 04 de janeiro de 2020.

DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

DURKHEIM, E. Sociologia e Filosofia. São Paulo: Editora Forense, 1970.

ENGELKE, A. Pureza e Poder: os paradoxos da política identitária. In: Revista Piauí, ed. 132, Setembro, 2017. p. 40 - 45

FERREIRA, M. de M. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *História e linguagens: texto, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. P. 195 – 203.

FIORIN, J. L. **Tendências da análise do Discurso**. In: Cad. Est. Ling., Campinas: jul/dez, 1990.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORESTA, N. **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**. Ed. Atualizada com Introdução, Notas e Posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. In: **Revista fatos e versões**. V. 1, n. 02, 2009.

FONSECA, R. M. G. S. da. **A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo; Ed.34, 2006, p. 38-47.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GARDINER, J. K. **On Female Identity and Writing by Women**. In.: **Critical Inquiry** vol. 8, 1981, p. 347-361.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAHNER, J E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.

HEILBORN, M. L. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Editora Rosa do Ventos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 93-126.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Monografia Municipais: Mucugê**. 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun_ne_ba_mucuge.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

JESUS, D. S. dos S de. “**Minas já não há. E agora José?**” Uma análise histórica do trabalho feminino nos garimpos de diamantes de Chique-Chique de Igatu/Andaraí-BA (1930-1950). In: CRUZ, M. H. S.; BORGES, J. L. de J. (Org). **Serviço Social e Gênero: interface com as políticas públicas e sociais**. Curitiba: Appris, 2019a. p. 177 – 194.

JESUS, D. S. dos S de. **Escravos do estômago: vida, trabalho e estratégias de sobrevivência numa vila garimpeira (1930 a 1950)**. In: TAPIOCA, E. RIBEIRO, D. (Org.). **Herberto Sales: a saga de um bamburrar literário**. Simões Filho: Editora Kalango, 2017. p. 167 – 195.

JESUS, D. S. dos S de. **Garimpo de silêncios: experiências do trabalho de mulheres nas lavras diamantinas (Igatu/Andaraí-BA, décadas de 1930 a 1970)**. Dissertação. Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Sergipe, 2019b.

JESUS, D. S. dos S de. **O garimpo também foi trabalho de mulher!** Uma análise sobre a inserção de mulheres na atividade garimpeira em Igatu-Andaraí-BA (1930 a 1950). In: Encontro Estadual de História, VII, 2016, Feira de Santana. Anais Eletrônicos. Feira de Santana, 2016. p. X aXX. Disponível em: <http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477701838_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Daniella-NovaVersao.pdf> Acesso em: 15 de março de 2019.

JESUS, D. S. dos S. de. **Na trilha do diamante que fugiu: condições de vida, trabalho e estratégias de sobrevivência nas serras de Chique-Chique de Igatu (1930-1950)**. Monografia apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: 2009.

KARAWEJCZYK, M. **As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2013.

KONDER, L. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAKATO, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 7 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Coleção TRANS, 1993.

LOURO, G. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. In: **Educação & Realidade**, v. 20(2), jul/dez, 1995, p. 101-132. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>> Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

MACHADO NETO, Z.; BRAGA, C. M. L. **Garimpos e Garimpeiros na Bahia**. UFBA – FFCH; Governo do Estado da Bahia – Secretaria de Minas e Energia –

Coordenação de Produção Mineral. Dissertação de mestrado em Ciências Humanas, 1974.

MARCHUSCHI, L. A. **De fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, M. L. **A crise da Mineração e os negócios do diamante no nordeste de Minas**, 1870-1910. In: XI Seminário sobre a Economia Mineira. Minas Gerais: UFMG, 2004.

MARTINS, R. de O. **“Vinha na fé de trabalhar em diamantes.”** Escravos e libertos em Lençóis, Chapada Diamantina-BA (1840-1888). 168 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2013.

MATOS, D. J.; et al. Mulheres nas Forças Armadas: Desenvolvimento Histórico Jurídico da Participação Feminina na Defesa Nacional. In: **História Militar**: Entre o debate local e o nacional. RODRIGUES, F. da S.; NETO, J. M. A. (Orgs.). São Paulo: 2019.

MATOS, J.S; SENNA, A. K. **História Oral como Fonte**: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MEDRADO, H. **Mucugê e sua história**. Salvador: Littera, 1998.

MOISÉS, M. **A Análise Literária**. 19a ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

MORAES, W. **Jagunços e Heróis**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1997.

MOREIRA, P. R.; COUTO, P. A. **Extração de Diamantes na Chapada Diamantina (BA) e seus reflexos no Meio Ambiente**. 38º Congresso Brasileiro de Geologia. Balneário Camboriú – SC, 1994.

MOTTA, L. G. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, set 2005.

NASCIMENTO, I. M. Entrevista. Entrevistadora: Edméa Barbosa dos Santos. Mucugê, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

NOGUEIRA, F. M. de S. **A representação de sítios históricos**: documentação arquitetônica digital. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2010.

NOLASCO, M. C. 2002. **Registros geológicos gerados pelo garimpo**: Lavras diamantinas – BA. Tese de Doutorado. 316P. Pós-Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007

PARAIZO, A. L.; ROCHA, C. **As biografias de Chiquinha Gonzaga: uma leitura crítica**. 2013. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com/wp/as-biografias-de-chiquinha-gonzaga-uma-leitura-critica/>> Acesso em: 28 de junho de 2019.

PASTORAL da Criança. **Entrevista com Zilda Arns Neumann**. Estudos Avançados. V. 17, n. 48. São Paulo: 2003.

PEREIRA, G. de A. **Memória histórica e descritiva do Município de São João do Paraguassu**. Bahia: Ltho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1907.

PIMENTEL, S. G. C. **“O Diamante é o Piolho da Terra”**: relações socioambientais no garimpo de draga da Chapada Diamantina, Bahia. 241 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós Graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: 2014.

PINA, M. C. D. **Santa Isabel do Paraguassú: cidade, garimpo e escrevidão nas Lavras Diamantinas, século XIX**. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2000.

PINA, N. M A. Entrevista. Entrevistadora: Edméa Barbosa dos Santos. Mucugê, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. In: **Ver. Sociol. Polít., Curitiba**, v. 18, n. 36, p. 15-23m jun, 2010.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social in: **Estudos Históricos**. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992. p. 200-2012.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, P. **Entre tempo e narrativa: concordância/discordância**. Kriterion, Belo Horizonte, nº 125, jun 2012, p.299-310.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. Porto: Rés-Editora, 1998.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

ROSA, D. L. **O mandonismo local na Chapada Diamantina**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1973.

SALES, F. **Memória de Mucugê**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1994.

SAMPAIO, T. **São Francisco e a Chapada Diamantina**. Salvador: Progresso, 1938.

SANTO, E. R. E. **O garimeprio e o ambiente no município de Mucugê, Bahia, Brasil: uma abordagem etnoecológica**. Dissertação. Mestrado em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

SANTOS, V. G. Entrevista. Entrevistadora: Edméa Barbosa dos Santos. Mucugê, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20(2), jul/dez, 1995, p. 17-99. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667> Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho**. Revista Tempo e Argumento, vol. 2, n.1, p. 3-20, jan./jun.-2010.

SERRA, R. **Mucugê por Mucugê**. Salvador. Empresa Gráfica da Bahia, 2022.

SILVA, G. G. B. da. **Homens com sonhos de riquezas inexauríveis: virilidade, ambição e violência nas minas de diamantes de lençóis (1850 – 1870)**. Dissertação de Mestrado, UEFS, 2012.

SILVA, M. K. **Uma introdução à história oral**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, v.9, p. 115-142,1998.

SILVA, V. G. da. Entrevista. Entrevistadora: Edméa Barbosa dos Santos. Mucugê, 2019. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

SOBRE a Chapada. Guia Turístico Chapada Diamantina. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.guiachapadadiamantina.com.br/sobre-a-chapada/parque-nacional/>> Acesso em: 06 de maio de 2021.

SOUTO, C. V. **Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa**. 2006. Disponível em:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_42.html> Acesso em: 28 de junho de 2019.

SPIVAK, G.C. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a mem6ria: quest6es sobre a rela76o entre a Hist6ria Oral e as mem6rias. In: **6tica e Hist6ria Oral**, V. 15, 1997.

TINOCO, D. **Descrita como hero6na, Dandara, mulher de Zumbi, tem biografia cercada de incertezas**. 15/11/2014. O Globo. Dispon6vel em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descrita-como-heroina-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996#ixzz3J9uYOglq>> Acesso em: 27 de junho de 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e relat6rios de pesquisa em administra76o**. 3 ed. S6o Paulo: Atlas, 2000.

WOODWARD, K. **Identidade e Diferen7a**. A perspectiva dos estudos culturais. Petr6polis: Editora Vozes, 2000.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a "literatura" medieval. Tradu76o: Am6lio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. S6o Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. **Introdu76o 6 poesia oral**. Tradu76o: Jerusa Pires Ferreira, Maria L6cia Diniz Pochat, Maria In6s de Almeida. S6o Paulo: Editora Hucitec, 1

GLOSSÁRIO

Alugado: Trabalhador que recebe por diárias. Em caso de encontrar diamante não tem direito ao mesmo.

Apuração: O mesmo que resumo, última etapa do processo da garimpagem.

Apurar: (igual resumir) Lavar cascalho na batéia, (igual resumir)

Arranjo da Manhã: Café da manhã improvisado.

Bambúrrio: Achado de diamante e/ou carbonato de grande valor.

Bateia: Gamela de madeira em forma de cone, utilizada para a lavagem do cascalho.

Capangueiro: Comerciante de diamantes e carbonatos. Tinha este nome pela capanga onde levava os picuá.

Carbonato: É um espécie diamantino de alto grau de dureza. É negro, opaco e geralmente poroso. Não se presta a lapidação. É empregado unicamente na indústria.

Carumbé: Recipiente de madeira, empregado no transporte do cascalho do paiol para as batéias.

Cata: O garimpeiro comumente chama catra. Escavação mais ou menos profunda, e esquadrejada, de acordo com a natureza do terreno.

Capangueiro: Grande comprador de diamantes e carbonatos.

Colchão de arrasto: esteiras, comumente utilizadas com colchão.

Correr a praça: Buscar o melhor preço do diamante ou mercadorias que o oferecido à primeira vista.

Curau: Garimpeiro iniciante, com pouca experiência.

Dono de Serra: Capangueiro dono de terrenos diamantíferos. Tinha direito a receber 20% pelas pedras extraídas em suas propriedades. Pelo código de 1940 esta percentagem cai para 10%.

Engrunado – vem de gruna, escavação que os garimpeiros fazem na terra ou na rocha em busca de pedra preciosa

Faiscar- Garimpar esporadicamente.

Fisqueira- Local das minas de diamantes; mesmo que cata e/ou cátreia.

Fornecedor: Aquele que “fornece” a alimentação e ferramentas para o garimpeiro em troca da “meia-praça”.

Fornecimento: Nome dado ao sistema de meia-praça e/ou a provisão de alimentos que recebe do fornecedor (saco).

Gruna: Escavação funda feita pelos garimpeiros em terrenos diamantíferos nas Larvas Diamantinas- Ba

Grupiara: Depósito diamantífero localizado nas barrancas altas do rio ou encosta dos morros.

Infusado: Garimpeiro que não encontra diamante a muito tempo, nunca o fez ou mesmo as pequenas pedras achadas não lhe renderam nada de substancial.

Infusado -Garimpeiro que não bamburra há muito tempo, nunca fez ou mesmo as pequenas pedras achadas não lhe rendem nada de substancial

JARÊ -região afro-brasileira, caracterizada como candomblé de caboclo, presente na região da chapada diamantina- Ba

Jaroba -é aquele cascalho que já foi lavado (Dona Neuza Pina)

Marrão: Martelo para quebrar pedras.

Meia-praça: Sociedade constituída pelo garimpeiro, e seu fornecedor, que tem um papel de sócio capitalista. Nome dado ao garimpeiro submetido a esse tipo de contrato de trabalho.

Monchão: Garimpo de terra firme em área afastada do rio.

Mosquitador: Pequeno comprador de diamantes, comumente intermediário entre o garimpeiro e o capangueiro. Comercializa com pouca quantidade de dinheiro, em geral fornecido pelo capangueiro.

Quinto: Ônus diamantífero, cobrado pelos donos da serra sobre produto extraído em suas propriedades, na base de 20%. Esta cobrança passou a ser de 10 % com o Código de Minas de 1940.

Paio! Local onde se amontoa cascalho.

Pedristra -Capangueiro de “gabinete” – Comprava diamante na mão do capangueiro e revendia

Picuá -Pequeno vaso feito de madeira, cocô de dendê ou chifre, onde se colocava o diamante para comercialização. Ou pode ser um tubo cilíndrico feito comumente de imbé.

Saco: Provisão de alimentos adiantada ao meia-praça como parte no contrato firmado com o fornecedor.

Serviço: Trabalho de garimpo em geral.

Sociedade: Ver meia-praça.

Sócio: Ver meia-praça

APÊNDICES

- APÊNDICE A -** Carta de informação sobre a pesquisa
- APÊNDICE B -** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- APÊNDICE C -** Transcrição das entrevistas

APÊNDICE A – Carta de informação sobre a pesquisa**CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA**

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “As mulheres e o garimpo na cidade de Mucugê/Ba: Uma análise da auto-representação feminina em suas narrativas orais” tendo como pesquisadora a Mestranda Edméa Barbosa dos santos, sob a orientação da Prof.^a Dr^a Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, do curso de Pós-Graduação em comunicação, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Esta pesquisa busca analisar de que forma as mulheres que viveram direta ou indiretamente a época do garimpo se auto representam em suas narrativas orais. Para alcançar estes objetivos, solicitamos a sua participação de forma voluntária, através de uma entrevista em não estruturada, que será um exercício de visitar suas memórias a partir de uma conversa que tem por intuito principal perceber sua participação no cotidiano da sua cidade e seus familiares em relação à época do garimpo.

Após esta pesquisa, um documento dissertativo demonstrará uma visão sobre o surgimento da cidade de Mucugê, o garimpo, as sociedades que se formaram a partir do surgimento do diamante e de que forma percebemos a oralidade quando revisitamos suas memórias. Como benefício, oferecemos a devolutiva de inserir a sua visão sobre a história local e principalmente as suas experiências enquanto mulher. Certamente, esta pesquisa poderá render uma vasta colaboração para a história, mas em uma versão diferente, a da sua vivência, utilizando a história oral como aporte teórico.

Caso aceite participar, será assinado um termo de consentimento livre e esclarecido, em caso de impossibilidade de assinar, será gravado o consentimento a partir da declaração de nome completo, data de nascimento e concordância com a gravação e uso da entrevista. Em caso de dúvidas ou esclarecimentos você poderá entrar em contato através das informações descritas abaixo.

Agradecemos sua colaboração.

Pesquisadora: Edméa Barbosa dos Santos

End.: Avenida Orlando Gomes, 2306 – casa 68

Tel.: (071) 99322-8603

E-mail: edmea.nea@gmail.com

Orientadora: Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

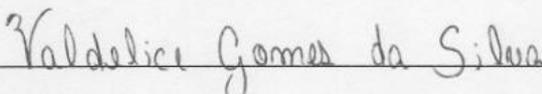
E-mail: regianemo@ufrb.edu.br

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, **VALDELICE Gomes da Silva**, participante da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação, ciente do que será solicitado, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que a participante pode, a qualquer momento, retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

Mucugê, 12 de outubro de 2019

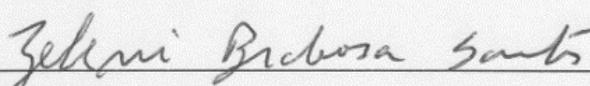

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, **Zelani Barbosa Santos**, participante da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação, ciente do que será solicitado, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que a participante pode, a qualquer momento, retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

Mucugê, 13 de outubro de 2019


Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, **Neuza Maria Alves Pina**, participante da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação, ciente do que será solicitado, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que a participante pode, a qualquer momento, retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

Mucugê, 14 de outubro de 2019

Neuza Maria Alves Pina

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, **Isabel Maria Nascimento**, participante da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação, ciente do que será solicitado, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que a participante pode, a qualquer momento, retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

Mucugê, 15 de outubro de 2019

Assinatura

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

APÊNDICE C.1 – Entrevista com Tia Val

Entrevistada: Valdelice Gomes da Silva – Tia Val**Data:** 12/10/2019**Local:** Casa da entrevistada, na cidade de Mucugê/BA**Legenda:****Pesquisadora:** EB**Entrevistada:** VS

Tia Val é uma contadora de histórias de 73 anos, ex-funcionária da prefeitura, foi secretária e professora na cidade de Mucugê e é referenciada como uma “Memória viva” na cidade. Tia Val como é conhecida, após uma cirurgia de catarata, perdeu a visão e na atualidade enxerga vultos em preto e branco, mas não consegue identificar fisionomias.

EB: Estamos aqui com Tia Val, antes de iniciar a entrevista gostaria que dissesse seu nome completo e idade, para fins de registro.

VS: Meu nome é Valdelice Gomes da Silva, 71 anos, sou bicho daqui. Nascida aqui, cria da terra.

EB: Tia Val, qual o envolvimento da senhora com o garimpo?

VS: Filha de garimpo, porque meu pai era garimpeiro e eu sempre vivi também um pouco dessa história do garimpo. Eu e minha mãe, principalmente a minha mãe, que ia quase sempre ao garimpo. Minha mãe ali, aquela foto ali – disse apontando – e ele é meu pai, Araújo. Então nós temos muitas histórias e estórias e mais histórias.

EB: E o seu pai, ele conseguiu ter o chamado diamante?

VS: Ele foi, ele colecionou muito diamante. Vendeu, encontrou, colecionou muito diamante. Ele encontrou muito diamante, meu pai, ele trabalhou em muitos garimpos e a minha mãe também ajudava no trabalho do garimpo; ela também encontrou diamante, não trabalhando, mas ajudando ele e achava e tinha muita sorte no garimpo, ela ia achar e achava. Certa feita nós fomos ao garimpo com meu pai e eu e minha mãe fomos lá porque ela foi lavar roupa e ele trabalhar no garimpo.

Ele trabalhou toda a semana, isso é linguagem do garimpeiro, ela fez um paiol enorme de cascalho, um monte, um monte de cascalho para lavar; lavando não encontrou nada, então ele ficou chateado lá do outro lado do rio e minha mãe lavando a roupa aqui disse assim “ah, o vento tá tirando a roupa, eu vou pegar uma pedra, uma pedrinha nessa para prender, para prender a roupa pra o vento não espalhar” – quando levanta a pedra, oh o que tinha embaixo da pedra: um diamante. Ela “meu Deus, Araújo, olha aqui”. Ele respondeu “mulher, é o que? É uma cobra que te mordeu?”; ela: “não. É um diamante”. Ele já chateado “só se for merda!”. Ela “não tô brincando não, é diamante mesmo”. Ele veio de lá correndo “Sim, é diamante!”, quando colocou na mão dele aqui, na palma da mão – *disse Tia Val apontando para o centro de sua mão* – ele “meu Deus, você achou onde, mulher?” “Ali embaixo daquela pedrinha ali” – disse Tia Val se referindo à fala da mãe – Meu pai ficou abismado, ele ainda disse assim “parece diamante mesmo”. Era um diamante raro, lindo, de 8 (oito) grãos (OU GRAUS?) o diamante e ele ficou muito feliz e mais feliz ficamos nós todos, porque ser filhos de garimpeiro, né, mulher de garimpeiro, quando encontrava diamante era a maior alegria porque sabia que íamos passar dias de rico com aquele dinheiro, porque podia comprar. Eu no outro dia já sonhava com meus, com o que ia comprar, roupas novas, sapato novo e minha mãe ficou muito feliz também, porque mesmo assim tinha aquele processo de... porque o diamante era vendido ao fornecedor, chamado de capangueiro comprador. Ele fornecia uma cesta básica, chamava saco, pra o garimpeiro para ir trabalhar e trazer o diamante e seria vendido.

O diamante foi sempre cotado pelo dólar, né? Naquela época, se o dólar estivesse em alta, o diamante também e se, quando caía a bolsa de valores, né? E era assim, pagava o quinto, se um diamante custava 100 (cem) reais, 20 (vinte) reais era do quinto, que é do Governo Federal, né? E os 80 (oitenta) seria dividido entre o patrão e o empregado. Quem é o empregado, no caso, o garimpeiro e o patrão, o fornecedor, que era o capangueiro, o comprador do diamante.

EB: Era uma injustiça, não era?

VS: Não, porque ele também fornecia a cesta básica e não cobrava nada. Se não encontrasse o diamante, se não trouxesse o diamante também não iria pagar a cesta, ficaria coisa por coisa, sabe?

EB: Sei.

VS: Então por isso não era injustiça. Era uma coisa, talvez, até justa.

EB: Sim, sim.

VS: Então não se pagava pelo saco, então se tinha aquele compromisso, aquele direito. Compromisso era assim. Agora podia também trazer toga aquela fonte, né... todo diamante, que seria também a mesma coisa, entende? Quanto mais, melhor, mais dinheiro. Meu pai mesmo, foi um homem que ele produziu muito no garimpo, trazia muito diamante, às vezes, me chamava para ajudar a colecionar. “Olha, esse aqui é agulha”, era o fininho; “esse aqui é branco”, “esse é o escuro”; “esse é amarelo”; “esse é...” – contou Tia Val gesticulando e lembrando como seu pai te explicava sobre os diamantes. Pelo tamanho também, porque o diamante ele sempre ele... sempre o peso do diamante, ele, ele é o menor peso, o menor é o ponto; 25 pontos é equivalente a um grão, um grão de diamante é 25 pontos, 4 um quilate, 4 quilates é uma oitava de diamante. Era assim, era pelo peso.

EB: Então o diamante tinha um peso muito grande né, porque esse pequeninhos já davam um valor – pontuei de modo a dar continuidade no assunto.

VS: É, porque aqui para nós mesmo, diamante não era grande, nunca chegou, nunca foi encontrado. Um dia mais de grande, esse que minha mãe encontrou de oito já era um diamante raro e grande, sabe, pela época. Mas o diamante era minúsculo.

EB: Sim.

VS: O diamante ele é minúsculo.

EB: E quando ela achou, aí ela passou a trabalhar junto com ele?

VS: Ela só era, era chamado de doméstica, ela só cuidava do lar e quando ia era assim, pra lavar roupa... lavar roupa e ajudar também. Às vezes ajudava, né, a carregar um pouco de cascalho de um lugar para o outro, porque às vezes era fora da água, então até chegar na água pra lavar o cascalho... porque tem o processo né?

A garimpagem é assim: tira o cascalho ali, depois carrega para um lugar, chamado bolinete, que era uma corrida de cascalho, de pedras, pra o cascalho reter o diamante ali na... no bolinete, que chamava. E aí minha mãe ajudava a levar esse cascalho até lá onde ia passar água, passa água, ia mexendo ali pra o diamante ficar. Porque o diamante sendo uma peça mais pesada, ela, a areia corria, e ele ficava retido ali. Depois lavava e ele ficava na bateia, que é uma gamela enorme de fundo assim – fez gesto com as mãos, dando sentido de profundidade no centro – era tirado do amago de uma árvore, né?

E o corumbé também, que é menor, mas essa palavra corumbé nunca achei no dicionário, viu? Mas é linguagem do garimpo. Então ficamos eu e minha mãe, então ela ajudava assim.

EB: Naquela época seus irmãos iram pro garimpo e a senhora ficava em casa?

VS: Sim, meus irmãos iam e eu ficava em casa com minha mãe, não era sempre, pois normalmente íamos com minha mãe também.

Às vezes o garimpo era perto, ela fazia o almoço e a gente ia levar, e os irmãos iam mais à tarde, pois eles estudavam, ou quando estudava à tarde, ia pela manhã.

EB: A senhora lembra quando foi o último diamante que ele pegou?

VS: Assim precisamente não. Mas, assim, até 1980 ele ainda trabalhava garimpando.

EB: E do primeiro, a senhora lembra?

VS: Não, porque ele já veio pra cá pra trabalhar. Ele nasceu ai na roça em 1914, foi para Mucugê trabalhar no garimpo, veio com o irmão dele, Alexandre, que também era cego, e ficou aqui. Ele ficou, casou com minha mãe e ficou aqui, então não me lembro quando foi o primeiro diamante. Mas me lembro que na década de 60, 70 foi quando mais ele encontrou diamante. Nessa região, num lugar ali chamado de cantinho. Também no Capão, nos Andrades, que ele, e aqui que hoje é rua.

Abriu né, foi feito um projeto para expansão da cidade, que a cidade era só uma rua, mas de 85 pra cá a cidade cresceu e lá onde era o garimpo dele é rua Avenida Tonito Pina Medrado. Que era o garimpo dele, ali também ele encontrou bastante diamante. Até hoje ainda deve ter muito lá, né.

EB: Existe uma lenda que ainda se pode achar muito diamante.

VS: Não, porque ele já veio pra cá pra trabalhar. Ele nasceu ai na roça em 1914, foi para Mucugê trabalhar no garimpo, veio com o irmão dele, Alexandre, que também era cego, e ficou aqui. Ele ficou, casou com minha mãe e ficou aqui, então não me lembro quando foi o primeiro diamante. Mas me lembro que na década de 60, 70 foi quando mais ele encontrou diamante. Nessa região, num lugar ali chamado de cantinho. Também no Capão, nos Andrades, que ele, e aqui que hoje é rua.

Abriu né, foi feito um projeto para expansão da cidade, que a cidade era só uma rua, mas de 85 pra cá a cidade cresceu e lá onde era o garimpo dele é rua Avenida Tonito Pina Medrado. Que era o garimpo dele, ali também ele encontrou bastante diamante. Até hoje ainda deve ter muito lá, né.

EB: A saúde dessas pessoas debilitava quando iam para o garimpo ou todo mundo ficava bem.

VS: Não, não. Que a alimentação era muito forte, era à base de rapadura, feijão, arroz, arroz vermelho, tipo integral. A carne era de charque, carne seca, a perna de boi, mocotó, tudo isso eles levavam pro garimpo, tocinho e aí ficavam fortes. E aí não queixavam não. E meu pai tomava uma cachaça, então levavam uma cachacinha.

EB: A senhora bebia? Sua mãe bebia?

VS: Não, meu pai já bebia por todos.

EB: Na sua época a senhora lembra de mulheres que iam pro garimpo, para a garimpagem?

VS: As mulheres dos garimpeiros sempre iam pro garimpo.

EB: Mas no desejo de achar ou apenas de acompanhar?

VS: De achar e de acompanhar também! Do sonho. Minhas mãe, às vezes, ela fornecia também.

EB: O que é que ela fazia?

VS: Ela contratava alguns garimpeiros, os mais fracos, que os grandes não queriam contratar. Ela dizia “você vem comer aqui, e vai trabalhar para nós”. Um dia o Chiquinho trouxe, trouxe um diamante e disse: “aqui Bé, aqui achei um” e ela “ô Chico que bom” é pequeno, mas já trouxe.

Foi bom, trouxe alegria, e muitas mulheres faziam isso, elas davam o que comer, na época que não tinha, bolsa família, aposentadoria, nada disso tinha, então uma pessoa de idade. Mas minha mãe ela sempre ajudava, do que cozinhava ela dava um pouco e dava cru também para levar pra casa.

Meu pai comprava tudo em fatura, ele não tinha pena de nada não. Ele comprava tudo em fatura.

EB: Era uma época feliz então...

VS: A gente era feliz e não sabia...

EB: Eles conseguiram se aposentar?

VS: Sim, meu pai se aposentou. Na época de aposentar, não havia aposentadoria, só para Funrural. Aí ele me pediu: “quero que escreva uma carta pro ai presidente Geisel, era Geisel na época. Você escreve?”⁹

Eu disse: “pai não sei escrever carta assim, pra presidente, mas o senhor tá pedindo, vamos fazer uma carta pra ele, do jeito da gente, a gente faz e ele deve aceitar”. Então

⁹ Ernesto Beckmann **Geisel** GColSE • GCollH (Bento Gonçalves, 3 de agosto de 1907 — Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1996) foi um político e militar brasileiro, que entre 1974 e 1979 foi o 29º **Presidente** do Brasil, sendo o quarto na ditadura militar brasileira.

a gente escreveu a carta pedindo uma gleba de terra pra ele trabalhar a fim de adquirir num futuro a aposentadoria. Mas Geisel mandou resposta, fique certo, não sei mais dizer os dizeres do presidente, mas, o senhor vai ser aposentado pelo Funrural, o garimpeiro vai ter o mesmo direito do lavrador e logo logo veio. Ele logo logo veio, ele compareceu ao Inanpes, e ai ele se aposentou.

EB: E sua mãe não?

VS: Não, minha mãe não, pois eles eram casados no civil, mesmo depois de morto ela não adquiriu.

EB: Mas aí vocês já estavam crescidos e era os davam suporte?

VS: Era, a gente que dava suporte. Eu já trabalhava. Eu trabalhei muito tempo. Eu trabalhei muito tempo.

EB: E a senhora trabalhou com o que?

VS: Trabalhei na Prefeitura?

EB: Na Prefeitura de Mucugê?

VS: Fui funcionária municipal.

EB: E não foi prefeita por que?

VS: (risos) Quem sou eu?

EB: Com a fama que a senhora tem...

VS: Muita gente me fazia essa proposta. Aí eu dizia assim “formiga quando quer se perder cria asas e voa”. Muito boa essa frase. Não nasci pra isso não, viu? Podia até fazer algum trabalho se fosse assim, se fosse no caso de trabalhar, faria um trabalho comunitário, sabe?

EB: Sim...

VS: De benefício, assim, pras pessoas, né? Se eu tivesse condição financeira, poderia abrir uma creche, um abrigo, coisa assim. Uma entidade de caráter, de outro caráter, sabe?

EB: Do social mesmo, né?

VS: Do social, voltado para o social.

EB: Na atualidade a senhora acredita que existam mulheres que trabalham com o garimpo?

VS: Trabalham sim, e, e hoje isso é muito importante. Aqui também tinha, tem, houve mulher famosa assim no garimpo, sabe? Como a Inácia.

EB: Aquela que a toca dela era onde hoje é o Museu Vivo do Garimpo?

VG: É ali, era ali que ela morava

EB: Sá Inácia era garimpeira mesmo?

VS: Era garimpeira mesmo, eu não conheci não, mas meu pai conheceu, meus irmãos... Conheceram ela lá, morando aqui, naquele lugar. Foi Lá, não é?

EB: Sim, várias vezes.

VS: O Edmundo deve contar a história dela.

EB: E Rebeca Serra, a senhora teve contato com ela?

VS: Muito. Minha amiga, grande amiga, Rebeca Serra Gazi.

EB: Ela é uma pessoa muito importante, o pouco que já li sobre o trabalho dela, é muito rico. A memória de vocês precisa ser cada vez mais firmada. Essa história do garimpo na Bahia precisa ser contada como no Mato Grosso, como em Minas Gerais, como já se fala em outras localidades. Para essa história se firmar, é necessário que a gente conte e que outras pessoas comentem, que outras pessoas venham e procurem quem é Tia Val, quem é Sá Inácia, que vá no museu e se interesse mesmo pela história, porque isso é muito importante, principalmente na visão que traz a mulher para este cenário.

VS: É muito importante, assim esse conhecimento não vai morrer, né? não vai acabar aqui, é continuar. E não foi este o propósito de Rebeca? Foi esse! Ela disse, como que, se não resgatar essa história, no futuro, como que vamos dizer, se já tem muita coisa, viu, que passou despercebida. Porque, olha, dizem que no museu do Rio de Janeiro tem mais coisa nossa do que nós aqui temos.

EB: E a senhora sabe, assim, alguém falou em que museu?

VS: Museu Nacional do Rio

EB: Pois eu vou buscar mais sobre isso

VS: Dizem que tem coisa nossa do que aqui, porque, porque aqui no Mucugê, não se importou com de preservar a história, né?

EB: E hoje a gente só tem a história oral, que é a senhora, a história contada, que foi exatamente o que Rebeca Serra fez, o depoimento da senhora e de outras pessoas, só que o livro dela ainda não saiu. Então a gente precisa recontar essa história, fazer o resgate do dela e um novo resgate. Escrever outras visões, né?

VS: Conhece alguma coisa sobre Helena Medrado?

EB: Sim

VS: Ela tem um livro, Mucugê e sua história, mas ela pesquisou no arquivo, em Rio de Contas também, pois Mucugê foi desmembrada de lá.

EB: Eu me encantei pela história daqui, de Sá Inácia, que foi a primeira história que ouvi só que quando fui procurar a história da mulher no garimpo, não existia nada aqui de Mucugê. Existem relatos do garimpo, mas não do papel da mulher nesse garimpo. É como se a mulher não estivesse lá, como se apenas homens fossem pro garimpo, como se apenas homens fossem garimpeiros.

E como se eles fossem pessoas, até numa grande parte, sem família. Porque, tem alguns relatos, não sei se a senhora me confirma isso, existem alguns relatos em que os garimpeiros saiam do garimpo, iam atrás da pessoa para vender, dos chamados patrões, e quando eles recebiam o dinheiro, as vezes eles iam para a casa de prostituição, gastavam tudo, e ai depois eles ficavam sem dinheiro nenhum.

VS: é, mas era assim mesmo, meu pai ai, meu pai passava três dias fora de casa, porque ele, eu ainda criança, mas eu me lembro. Tem muita história, viu... se for falar tudo. Meu pai, ele saia sexta feira. Sexta feira a noite, né, e chegava domingo à noite. Nesse intervalo ele vinha em casa como os amigos, mas pra comer. Minha mãe fazia moqueca, fazia feijoada, fazia lombo. Tudo que ele gostava. Minha mãe sabia cozinhar bem, e ele levava os amigos pra tomar cachaça e comer. E a maior parte do tempo era na rua, nos cabarés. Gastando o dinheirinho com as mulheres de lá.

EB: E neste caso a sua mãe ficava como, ele deixava um dinheiro em casa, também?

VS: Não, ele deixava tudo em casa, os porquinhos já estavam em casa.

EB: ah, sim, ela já deixava a parte separada

VS: Tudo, tudo ali. E ele mandava as meninas, as meninas lá do cabaré vir em casa buscar alguma coisa pra elas, pra comer, né?

Minha mãe fazia a sacola de coisas pras meninas. Comprava daquele peixe seco, sabe? E minha mãe fazia peixe, carne, e tocinho, de tudo que tinha em casa e dava pra elas. E elas iam carregando.

EB: E ela dava de bom coração?

VS: De bom coração.

EB: De bom coração?

VS: De bom coração.

EB: Mesmo sabendo que ele estava lá?

VS: mesmo sabendo que ele estava lá, no cabaré. E depois alguém chegava e falava, "Isabel, seu marido está lá no cabaré". "Você é minha amiga?" – "SOU", "então não me conta não, que eu quero viver e criar meus filhos".

EB: Ah, ela sabia o que estava fazendo, né?

VS: Quero viver e criar meus filhos. Ele chegava bêbado, sabe? Exaltado e, ela: “cala boca, seu pai chegando ai bêbado, viu”! E ele chegava, deitava. Ela tirava meia, tirava sapato, passava limão, dava um caldinho de carne na boca. Isso é exemplo de minha mãe, viu... Dava um caldinho de carne pra ele, um cafezinho sem açúcar.

EB: Cuidava.

VS: Cuidava dele! Não conversa, não. Deixa ele dormir.

EB: Era um amor mesmo, de cuidado, né?

VS: Mas ela fazia tudo isso porque ela precisava, ele era bom, e também ele era uma pessoa assim, o dia que tinha uma festa, um casamento, um baile, ele comprava a roupa mais bonita pra ela, ele dava, quando ele tinha dinheiro, quando não tinha também, levava a vida de pobre que a gente sempre foi pobre. Ele levava ela pra festa toda arruma e ela ele chamava o homem mais velho pra dançar com minha mãe; “Dança aqui com minha patroa”.

EB: Por que ele não dançava?

VS: Ele dançava também, mas ele queria ver ela dançando com outros né? Mas que eram pessoas de respeito, um velho. Eu lembro até da música que minha mãe dançou no casamento de Beca, Beca casou com Alice, e ele. E aí eu fui também. Minha mãe, meu pai dançando lá e ele chamou seu Juvelino, um homem já de idade, cê sabe como é, cheio de gravata, ali como é o terno, era assim e ai foi dançar com minha mãe. Falei, meu Deus, a música era assim... (cantarola taram... ta ta ta, na ranham... O que saudade eu tenho da Bahia do meu pai da minha mãe, meus irmãos...).

EB: E a senhora também é da área de música, não é?

VS: então era assim a história era essa, e esse cabaré é famoso não sei se já ouviram contar, a história do cabaré do fecha nunca. Já leu o livro de Lindolfo Rocha?

EB: Sim,

VS: Maria Dusá? E era aqui, Maria Dusá ela morou aqui e também no garimpo Coisa Boa, lá perto de Andaraí.

EB: Reza a lenda que ela era a dona do garimpo, né?

VS: Ela comandava o garimpo, e ela dançou aqui também, dançava ai, ela morou aqui na Tapera, numa fazenda aqui chamada Tapera, a Maria Dusá, tornou-se novela na década de 80, Maria Maria.

EB: e a senhora sabe dizer se dessas mulheres que realmente garimpeiras se ainda tem alguma viva aqui em Mucugê?

VS: Olha, acredito não viu, que eu saiba não, mulher de garimpeiro, né? Tem Dona Zelani, que o marido dela acho que garimpou, Tem Valda Rocha, o marido dela também foi garimpeiro. Na minha lembrança assim, essas.

EB: E a senhora, nunca achou uma pedrinha, não?

VS: Não, nunca achei, ganhei uma que meu pai me deu, mas eu perdi. Depois o meu amigo também, o Massariol, ele era gerente, trabalhava no banco do Brasil, ele me deu também uma pedrinha, mas todas eu perdi.

EB: A coleção que seu pai tinha, ele queria manter para colecionar mesmo ou era para juntar e vender?

VS: Não, era pra vender. Ele vendia para Marcolino Pina. Esse daí foi o grande comprador de diamante daqui, Marcolino Pina. E Marcolino, ele levava isso tudo para Europa. Ele ia, era um mês de viagem de Salvador para Europa. Ele levava também pros Estados Unidos, mas naquele tempo não ia de avião como hoje

EB: Hoje é rapidinho, né?

VS: É, tem o avião à jato, mas naquela época era um mês à bordo de navio até chegar lá.

EB: Voltando a uma pergunta bem genérica, se a senhora fosse escrever uma carta, como a senhora escreveu para o presidente. Se a senhora necessitasse falar da importância da mulher no garimpo, o que a senhora diria?

VS: Nem sei, viu o que diria, a importância da mulher no garimpo, sim, o papel da mulher. O companheirismo, né?

Não deixar o marido sozinho, isso já é uma coisa boa. E, Também demonstrar que a mulher hoje, o papel dela, até à lua a mulher vai hoje, né?

Então, a mulher ela está em tudo, então não é só o papel do homem garimpeiro, mas a mulher também. Como naquela época e a mulher ajudava

EB: Mas ela nunca teve seu nome, viu seu nome figurar entre garimpeiros, né?

VS: Eu diria isso da mulher, e que como ela participava de um modo, merece ser lembrada também.

EB: Claro, merece ser vista.

VS: Ser vista!

EB: A senhora acha no caso, que de certa forma a mulher ficou injustiçada na "contação" da história do garimpo?

VS: Sim, é! Que houve essa omissão, né? Não sei por que, não sei se houve algum preconceito ou qualquer coisa desse tipo.

EB: Como se apenas o homem estivesse ali, como se apenas dele fosse o mérito.

VS: Sim, e não é só do homem, é da mulher também. E quem sabe até mais da mulher, viu... Porque, como minha mãe ali, ela ficava em casa cuidando, e incentivando...

EB: E achou aquela pedra.

VS: E fora essa, ela achou mais. Ela achou outras pedras também. Um dia a gente estava vindo do garimpo, lá na estrada, a estrada não era asfaltada ainda não. Numa curva, ela viu uma coisa brilhou, uma coisa brilhou ela com uma trouxa de roupa na cabeça ela gritou assim, olha aqui olha debaixo do meu pé, do meu dedão, do meu pé aqui aí ele xingou de novo, né... Agora eu não sei que palavrão, ele achava que era mentira. Não vem aqui, vem aqui vê, que pode ser um diamante. Quando ele pega, não era um diamante? No cascalho, na estrada. E nesse dia também, vinha sem graça, tinha pegado muito cascalho e não tinha achado nada. E era assim, acontecia no momento necessário.

EB: Ela tinha sorte, ne?

VS: Ela tinha sorte, quando o feijão que a gente levava pra comer queimava, já sabia a sorte, vai vir diamante.

EB: Olha, vou deixar queimar o feijão...

VS: É uma lenda isso aí, mas é verdade, toda vez que o feijão queimava vinha diamante.

EB: Então quando sentia o cheiro de queimado, já ficava todo mundo feliz?

VS: Mas isso é superstição, né? -Mas tem o ditado né, o feijão queimou, vai virar diamante.

EB: Existe isso?

VS: Existe, ditado popular.

Muitas histórias. Meu pai ele trabalhou muito com gringos, sabe? E gringos aqui eles compravam muitos diamantes, os Árabes que viveram aqui. Esse pessoal que vinha só mesmo para comprar o diamante e levar pra lá, que nós hoje não temos nada.

EB: A senhora falou uma coisa que me causou curiosidade, quando as meninas do cabaré vinham para pegar alimento, aqui com sua mãe, com Dona Isabel. Percebi que a senhora fala com muita tranquilidade das meninas do cabaré e da relação de Dona Isabel. A senhora acha que essa era a reação geral na cidade, das mulheres com as meninas do cabaré, era normal ou existia um preconceito?

VS: Existia preconceito, várias não gostavam que os maridos frequentassem lá o ambiente, mas minha mãe já tinha essa diferença. Não eram todas, muitas ciumavam, e queriam até matar os filhos que as meninas tinham com os maridos, queriam matar. A mesma coisa de hoje, né? Tem gente que aceita, outras não aceitam, mas minha mãe aceitava numa boa, e foi bom porque minha mãe dizia, eu não sou a dona do mundo.

EB: A senhora pensaria assim também, será?

VS: Sim.

EB: Então a senhora pegou muito dela, dessa relação.

VS: Sim, peguei muitas coisas dela tanto que hoje quando eu falo pra mulher, dou conselho a alguma amiga minha que fica com ciúmes, né. E isso não leva a nada. Ah, eu tenho medo de aids, hoje tem aids, naquele tempo não tinha. Meu pai falava de outras doenças, gonorreia... sífilis. Eu fui sífilítica, nasci portadora dessas coisas, minha herança de sífilis hereditária. Mas tinha um homem muito bom aqui, não era médico, mas ele cuidava com a formula dele mesmo, ele fez um remédio que hoje eu não tenho mais negócio de na pele...Mas fui sífilítica na infância. Lacta Gil, foi o remédio que o, ele era o que? - Não era médico, mas estudava um pouco de química. Ele sabia.

EB: Ele sabia o que estava fazendo.

VS: Ele preparava os medicamentos, mas eu dava conselhos as minhas amigas por isso, eu digo olha; ninguém é de ninguém nessa vida, ninguém é de ninguém.

Li num livro de sabedoria, sabe, já saltando de uma coisa para outra, só um parêntese viu... pra poder falar:

“Você que é noiva ou mulher, não pense que casamento é loteria, porque não é

Você que é noiva ou mulher, não pense que casamento é loteria.

A sorte grande no casamento está com você, entender a alma do seu parceiro, nunca lhe pergunte aonde esteve, nem com quem esteve.

Nunca lhe peça nada daquilo que ele não tiver pra lhe dar.

Dê-lhe muito amor e carinho e veja que a sorte grande do casamento está com você mulher”

EB: Nossa que forte, muito forte isso, né? Mas é difícil, não é?

VS: É um trabalho diário de você ficar ali...

EB: E eu acho que na atualidade também, não é Tia Val? como as pessoas estão muito possessivas. E como as relações estão assim, muito liquidadas. Não se tem mais

aquela coisa do pra sempre, do vai durar pra sempre, então quando uma pessoa está ali com outra, cobrando, cobrando justamente por esse medo, né?

VS: E eu acho que não vale a pena trocar, de marido e nem de mulher sabe por quê? Tudo é farinha do mesmo saco...

EB: Só muda o endereço.

VS: É, e outra pensa assim que trocando, vai ser vantagem? Não é, não é não gente, não é! Vamos segurar as pontas e nós mulheres temos que ser mais inteligentes, porque o bicho homem ele só tem, ele não tem o sentimento que a mulher, né? Ele é polígamo por natureza, isso a gente deve saber. Uma vez eu fui falar isso na escola e foi uma crítica muito grande, mas o homem é polígamo por natureza. Não é?

EB: É verdade. Agora você querendo saber a verdade é pior, e hoje nós temos a coisa do uso do celular.

VS: O celular, pra que viver cogitando coisa que não interessa pra a gente? E outra coisa, cada um é dono de si. A mulher também tem o mesmo direito, se não pratica é porque do amor próprio, pudor que a mulher tem, né, se não faz alguma coisa errada porque também não quer! Mas porque vai proibir os outros de fazer...

EB: É uma sabedoria muito grande, e a senhora foi casada ou é casada?

VS: Não, não fui não, fiquei viúva sem casar. Não, não tive não. Com o exemplo de minha mãe, ai, eu tinha muito medo de casar. Nunca casei não. Tive uma pessoa do meu lado que viveu. Tem um mês e pouco que ele faleceu. Mas não do meu lado, foi junto com a família dele, porque ele adoeceu, eu também fiquei cega, não pude cuidar dele, né? Mas ele tinha liberdade, pra fazer o que quisesse.

EB: Então a senhora tem uma causa, tem uma vivência nisso. A senhora sabe o que é isso. A vida de outra pessoa e a gente conseguir viver ao lado dessa pessoa, respeitando os espaços.

VS: Sim é só entender, né? Entender a outra pessoa e dedicar. E o que é isso? Amor Porque se levar por outro interesse nada prende, não tem elo.

EB: É verdade.

VS: Agora voltando a falar de garimpo...é isso, tem muitas histórias.

APÊNDICE C.2 – Entrevista com Dona Zelani

Entrevistada: Zelani Barbosa Santos

Data: 13/10/2019

Local: Casa da entrevistada, na cidade de Mucugê/BA

Legenda:

Pesquisadora: EB

Entrevistada: ZB

Dona Zelani, é uma senhora magra, alta, de cor negra, cabelos brancos cacheados. Vestia uma longa saia, uma blusa florida e um blazer. Me recebeu com sorriso no rosto e de forma muito carinhosa. A jovem senhora demonstrou uma memória invejável. Aos 88 anos de vida, fez questão de falar da própria família, contar sobre sua linhagem ao mostrar as fotografias expostas na parede da sala e ainda apontar com de forma orgulhosa o neto que estava na cozinha.

EB: Pode me dizer o nome completo da senhora e quando a senhora nasceu?

ZB: nasci em 1931 meu nome é Zelani Barbosa Santos, meu pai

EB: A senhora nasceu em Mucugê?

ZB: Nasci, me casei e quero morrer aqui

EB: A senhora teve quantos filhos

ZB: Tive 4 filhos, um morreu, eu tenho três joias, sabe o que é três joia boa?

EB: sim, três 3 diamantes

ZB: É três diamantes, tem, tem uma moça aqui que vem sempre aqui, que esqueci o nome dela agora, ela sempre vem aqui, eu já contei as histórias de garimpo, e tudo, ontem mesmo eu recebi lembrança dela, mas esqueci o nome agora, uma morenona muito simpática. Igual a você mesmo, ela me chama, meu diamante.

Eu falo, tenho três diamantes também. Eu tenho três filhos e quatro netos

EB: Eles moram aqui também?

ZB: Não, só mora aqui uma filha, dois moram em Brasília, um rapaz e uma moça mora em Brasília.

EB: Qual a relação da senhora com o garimpo, a senhora era garimpeira?

ZB: Eu era, meu pai era garimpeiro, eu nasci no garimpo, me criei no garimpo, depois que eu fiquei noiva, casei com.... Meu marido não era garimpeiro, trabalhava, mas não era garimpeiro, era comerciante. Agora meu pai trabalhou garimpo até 84 anos. Depois que eu casei, meu marido foi e tirou ele do garimpo

EB: Tirou seu pai, e tirou a senhora também?

ZB: Também, eu também. Não, antes de eu casar eu sai do garimpo, né? Ia as vezes com meu pai. Deixa eu contar porque eu sai. Eu fui, ele tinha um companheiro que ia sempre mais ele no garimpo, trabalhar, ai lá encontraram uma gruna e nessa gruna, encontraram um cascalho, assim aquele bolo de cascalho, eles pegaram um pouco e pegaram 4 diamantes. Ai vieram de lá, pegaram esses 4 diamantes, e ai ficaram de voltar, o moço não quis voltar mais, ficou, eu vou hoje, vou amanhã... vou amanhã... Ai ele falou, eu vou sozinho

Eu falei, sozinho você não vai não, vou também, isso eu era moça ainda, eu fui com ele.

Chegando lá, tinham duas, duas candeia de azeite, cê até ignora o nome, azeite é o que deita na candeia pra entrar em gruna, né?

Ai ele ficou com uma e eu com outra, entramos nessa gruna para caçar esse tal cascalho que ele deixou lá e rodamos que foi de dia.

A gente rodou e não encontrou. Entrava num canto e saia no outro.

É porque você não conhece Mucugê

Aqui subindo aqui na igreja, nós entramos ali e, e fomos sair no rio, onde tem uma ponte lá embaixo, por debaixo do chão.

EB: Nossa, tem uma gruna ali, é?

ZB Entramos debaixo do chão, saímos lá no rio.

Tinha lugares que eu chegava e tava um salão, chegava lá adiante, fechado. Eu já ia com as costas raspadas de entrar num buraco pra sair caçando saída, né?

Ai eu falei, eu morro em pé. Eu morro em pé, com a candeia acesa, né...?

Eu fui com ele até pra matar a cobra. Porque quando entra na gruna, disse que tem cobra lá dentro que vem em cima, ele segura no pescoço da cobra e eu ia com o facão, morrendo de medo. Mas fui, pra livrar ele né?

E quando, ai ele falou vamos sentar pra morrer que nós não consegue mais sair. Eu falei, morro em pé. Sai andando, assim debaixo, caçando, caçando. Ai eu vi um negócio parecendo uma lâmpada deitada em cima, no chão...

Aí eu falei, meu pai, tão caçando a gente, tem uma lâmpada aqui. Aí ele falou, quem é que vai vir aqui, ninguém sabe onde a gente tá, então é o sol. O sol já ia entrando, não sabe? Fez assim aquele negócio, parecendo outra boca de gruna e um pé de pau nasceu lá em cima, e a claridade foi lá. Aí eu falei com ele, tem gente procurando Aí ele falou, ah não, se tiver aí é o sol.

Ele correu, quando chegou lá tinha o pé de pau. Ele subiu no pé de pau, pra livrar lá em cima, pra mim poder sair também. Ai, saímos. Quando saímos o sol foi acabando de entrar. Foi deus, que senão, se a gente ficasse lá à noite com fome, deixamos a comida em cima, onde a gente entrou. Ficamos o dia todo com fome. Ai eu falei com ele se voltar a pensar em garimpo aqui, eu vou me embora pra São Paulo O dia todo, e ai quando já foi de tarde, meu pai falou assim, é, a gente vai sentar pra morrer. Eu não consigo mais sair. Aí ele não pensou mais em ir e eu também nunca mais quis saber de trabalhar garimpo.

EB: Então essa foi a última vez?

ZB: Não, essa foi a última vez que eu entrei gruna, mas no alto assim a gente trabalhava, a gente ia em lugares abertos.

EB: Mas essa gruna que a senhora foi com ele já iam, já tinham ido.

ZB Ele já tinha ido com outra pessoa.

EB: Que foi onde pegou os 4 os não é?

ZB: Ele já tinha ido agora eu fui a 1ª vez pra não deixar ele sozinho

EB: aí se perderam lá dentro.

ZB: Ele disse que quando ele entrava com outro pessoal, não aqui já em outro lugar que ele trabalhou, em outro, ele levava um novelo de linha. disse que amarra ali fora e vai entrando e puxando. Mas ele esqueceu de levar, que nós entramos lá assim mesmo como quis.

EB: Na confiança de voltar né?

ZB: Mas foi aí eu falei assim; nunca mais, nunca mais eu entro numa gruna. Um dia um cara me falou, você sabe fazer? falei sei onde é e não vou lá mais nunca, nem mostrar a ninguém. E nem aguentei mais lá também.

EB: É arriscado para pessoa querer ir pra lá e se perder

ZB: É, é. Mas trabalhando eles acho muito diamante, porque eles pegaram esses 4 então lá tem mais no resto que ficou foi outras pessoas que abriram, que amontoaram cascalho e certamente morreram. De vez em quando vinha alguns trabalhar aqui na roça, nesses cantos. Aí ia trabalhar e chegava lá como que ia fazer outra coisa e não

voltava. Então quem sabe se não foi eles. Se foi não foi um deles, outras pessoas que fez, né?

EB: E a senhora lembra da 1ª vez que a senhora encontrou um diamante?

ZB: Lembro, mas eu era moça ainda, né. Naquele tempo era um tempo ruim que às vezes a gente, um dia estava rico um dia estava pobre, meu pai mesmo era assim.

Ele pegava diamante, tinha hora que ele tomava conta de 8 pessoas de seu Aldo, Aldo Medrado. Aí ele trazia despesa para ele e eu levava as outras pessoas pro garimpo e aí pegava diamante, não botava no picamor, botava no lenço, ele batia assim com o lenço, aquela porção de diamante. EU sei que era moça, falava assim, tira um pra mim, ele dizia ah, não. Eu tinha vontade de pegar, tirar um pra mim Ai uma vez minha mãe, nós fomos pro garimpo, passamos a semana toda lá e ele tirando a terra lá mais os outros companheiros. Quando foi meio-dia minha mãe terminou de comer, ai foi lavar os pratos lá no córrego ai eu fui também, ai ela ficou assim olhando... Ai disse, vixe um diamante.

Não lembro mais o tanto quanto deu o diamante, mas uma pedra, a coisa mais linda Ai eu fiquei toda alegre, é nosso, foi a gente que achou, né?

Quando chegou, mostrou a ele, ai ele, mulher de garimpeiro não acha diamante. Ai eu falei, ué, porque? Ai ele falou: não, eu trabalho na sociedade de oito, se eu achar um diamante e for vender, roubei dos companheiros. Ai, se falar que foi a gente que achou? Ninguém acredita, tem que vender e dividir pra todos. Tem que vender dividir para todos. Vendeu e dividiu para todos

EB: Ou seja a mulher não tinha, ia ajudar, mas ela não podia achar.

ZB: Não podia achar, não podia achar. Se achasse...

EB: Então quer dizer que as mulheres podiam trabalhar e não podiam ganhar.

EB: Me conte uma coisa, então não tinha essa produção do sonho de achar. A senhora enquanto mulher não sonhava em ir pra serra encontrar diamante?

ZB: Não, quando, no caso, já achei e já trabalhei também, ai ele não tinha ninguém, né? Era só ele que tava trabalhando, por conta dele. Ai nós fomos trabalhar e do cascalho lá, a gente foi lavar ai não pegou nada, pois é. Ele ih meu Deus amanhã como é que eu faço a despesa, e era sábado no outro dia. Vinha naquela tristeza Ai a gente tinha tomado café, panhei os copinhos e fui lavar assim, ali no córrego, cheguei lá, lavei os copinhos e, e fiquei futucando.

Menina, achei uma pedra, não lembro mais o tanto assim, so sei que ele vendeu por eu não to lembrada pelo tanto que vendeu e quando cheguei que mostrei a ele. Meu

deus do céu, foi jogado do céu. E foi mesmo porque a gente tava com uma precisão. Ai ele vendeu.

EB: E o último, a senhora lembra do último?

ZB: Do último diamante, que eu peguei?

Não, o último eu já peguei mais ele, eu trabalhando mais ele, ele tirava o cascalho, eu carregava mais ele, pra botar na beira do rio pra lavar, ai o último foi, a época né? Eu sei que o último, foram 5 diamantes e um carbonato, então daí pra cá, não. Eu ia sempre mais ele, mas não achava.

EB: E como é que vocês sabiam identificar o que era diamante? No início alguém ensinou?

ZB: Não, quando eu nasci já encontrei ele trabalhando, né?

EB: Então o pai passou.

ZB: É, encontrei meu pai trabalhando, foi o homem que pegou o diamante maior da cidade, pegou uma banda com 90 grão. E essa outra banda ninguém nunca achou.

EB: Então ele pagou o maior da região. Qual era o nome dele?

ZB: Era Rodolfo.

EB: Então o homem era dono de Mucugê

ZB: Pois é, que pegou uma banda só, e essa banda. Ele já morreu com 84 anos... E procurando a outra.

EB: Quantos anos de casada?

ZB: Vivemos 35 anos. Pensa num homem bom.

EB: Só de ter tirado do garimpo, de ter tido a preocupação com o bem estar de vocês, do seu pai. E o pai da senhora, com relação a senhora trabalhar no garimpo, por ser mulher, como era, ele achava tranquilo?

ZB: Achava, olha, ele fazia a despesa, a gente ia dormir lá, e morar lá, mas ele mas eu não trabalhava assim, pra dizer assim; é obrigada a trabalhar, era que queria, a hora que queria.

EB: Mas também não falava, tem que ficar em casa, cuidando...

ZB: É, ia porque queria, não era. Minha mãe cuidava da comida, lá no garimpo. Era lapa, aquela lapona, que a gente morava embaixo de pedra. Só vinha aqui pra cidade na sexta feira e voltava no domingo.

EB: Então era o trabalho da família inteira lá. E quando seus filhos nasceram, tiveram curiosidade de conhecer?

ZB: Não, ninguém. Não, porque o meu marido não era garimpeiro, era comerciante, então os filhos, ninguém teve curiosidade de conhecer, nem nada.

EB: A senhora teve irmãos?

ZB: Eu tive uma irmã, a primeira morreu. Eu sou a filha única.

EB: então ia só os três lá pra cima.

ZB: Só os três.

EB: E a senhora encontrava com outras mulheres lá no garimpo?

ZB: Encontrava. Mas todo mundo assim, ajudando marido, ajudando pai?

EB: A senhora lembra de algum nome?

ZB: Eu lembro de Maria Pritinha, a mulher de seu Vicente, tinha Naninha a mulher de Zé modelo. Tinha, sempre tinha.

EB: Mulher solteira que tava começando a vida, que queriam melhorar de vida, não tinha, só as acompanhadas com homens?

ZB: Não. Tinha as que iam acompanhar os maridos, mas era assim, uma no canto, outras em outro. A gente não tinha contato, tinha umas que moravam até perto da gente, mas a gente não encontrava.

EB: Todo garimpeiro tinha uma mulher que levava pro garimpo?

ZB: Umas trabalhavam, outras eram preguiçosas, faziam renda.

EB: A senhora gostava mesmo do garimpo, né? Era divertido.

ZB: Vixe, era ótimo, pulando naquelas pedras.

EB: semana que vem eu volto aqui pra vê como é.

ZB: Subir no garimpo? Cadê as pernas?

EB: Também não tenho não, estou procurando.

ZB: Eu ando ainda, vou na beira do rio, mas pra tá subindo em serra, não dá não. Não tem uma serra dessa aqui que eu não conheça. Depois de garimpo veio a sempre viva. Ai eu ia pra essa sempre viva, ai meu marido resolveu a comprar também. Ele era negociante, ai começou a comprar sempre viva, e eu dei de ir pro mato com os meninos, e ele achava ruim eu ir pro mato mais os meninos. E eu dizia, não eu vou, mas de tarde eu volto. Oxe eu conheço essas serras todas aí pegando sempre viva.

EB: então a senhora gostava da folia.

ZB: Eu gostava da folia.

EB: Então além de ser garimpeira, a senhora colhia sempre viva.

ZB: Vixe colhi muito sempre viva, comprava mais ele e arrumava pra os caminhão de Joinville levar, tinha um cara de Joinville que comprava na mão dele enchia esse jardim aqui de sempre viva para secar e levava.

EB: Da época do garimpo, a senhora lembra de muita dificuldade ou de muita fartura?

ZB: Olha, tinha tempo de muita fartura e tinha tempo de muita ruindade. Não passava fome, porque meu pai era, era aquele, ele trabalhava garimpo e a gente tinha um quintal em casa, ele rancava um pé de aipim e plantava 10 com a manilha, né. Ele dizia, aqui, quando não tiver o que comer, tem aipim pra comer, e plantava milho, plantava feijão. Fome a gente nunca passou. Mas tinha a necessidade de falta das coisas. E minha mãe criava muita galinha, eu quando era menina, achava uma beleza o dia que meu pai não pegava diamante pra fazer despesa pra comprar carne e tudo, falava não peguei diamante, tem que vê aqui o que vai fazer. Batia pão pra comer pirão de galinha, ai ela matava galinha a semana toda.

EB: ai a senhora gostava.

ZB: Gostava, a inocência, né? Depois que eu cresci, qual é, bater palma para comer galinha.

EB: Verdade. Dizem, o que os livros retratam também, é de uma época de muito sangue, de muita briga no garimpo, pretendo trazer esse outro lado, divertido, mas na época da senhora, a senhora via que era mesmo assim, essa coisa sanguinária...

ZB: Eu tô contando aqui do meu pai, mas não era meu pai. O pai que eu conheci, você chegou a esse ponto de perguntar, esse eu, eu tô falando que é meu pai, ele criou meu pai e me criou. Meu pai, mataram meu pai. Eu, a minha mãe tinha três meses de grávida de mim, depois de seis meses foi que eu nasci.

EB: Então o pai biológico a senhora não conheceu.

ZB: Não conheci, então eu falo pai, mas o pai, quem cria que é o pai, né? É ele.

EB: Era tipo seu avô?

ZB: Era tipo, porque ele criou meu pai, e me criou, é meu pai mesmo era, ele trabalhava garimpo mais outros, fora desse pai, do meu avô, né? Ai um dia um cara lá matou uma cascavel, e tirou o couro, e a faca caiu no pé dele, ai com o veneno da cobra ficou na faca, ele ficou lá, o cara, não foi meu pai. Ficou lá uma semana lá, sem poder vir. Ai meu pai vinha aqui no comercio buscar comida pra ele, levava e as coisas, remédio e tudo. Quando foi no dia que ele sarou que veio pro comercio, bebeu uma cachaça e matou ele. Por um, naquele tempo era uma tristeza.

Era uma tristeza esse negócio de morte. Disse que ele tinha uma mulher que ele sempre bebia na casa dessa tal mulher, ai meu pai chegou, disse que bebeu lá e perguntou, cadê zé não apareceu aqui não? Ai ela falou, não.

Ai disse que ele falou assim, aquele safado ficou no garimpo a semana toda doente, agora que sarou não apareceu na rua. Quando o outro chegou, ela contou que ele falou isso, que ele chamou de safado. Mas ele falou na brincadeira, e ele fez esse benefício e quando foi de noite, ele foi pra casa e ele atirou nele e matou. Mas foi, é uma história muito triste.

EB: Mas a gente vai esquecer essa parte ai.

ZB: Meu tio morava em, esqueci o nome do lugar, quando soube que ele, matou o irmão, veio aqui pra matar o cara. O cara matou e foi embora, né, fugiu

Ai ele foi na casa dele, do cara que matou e chamou na porta, já era acostumado a trabalhar junto também, antes de meu tio sair daqui, ai chegou lá e falou com ele. Bateu na porta. Quando ele saiu que viu, disse que assustou. Ai ele falou, não assusta não pode ficar quieto que eu quero dar uma prozinha mais você, você despede da sua mulher, das filhas, que eu vim pra te matar, cê matou meu irmão, eu vim pra te matar. Ai ele falou, não moço, deixa disso. Deixa disso não, você tirou a vida dele sem precisão, agora eu vim tirar a sua com precisão.

Ai disse que esse homem falava, a mulher chegou, desmaiou, a fia chegou desmaiou, e ele falou, não liga pra ninguém. cês fica quieto ai os três, senão eu mato os três. O meu tio era a natureza não muito boa não, viu. Ai ficou prozando com ele, se eles se lembrava dos garimpo que eles trabalhou junto, quando ele terminou a praza, ele atirou nele e saiu. Ai ele tinha uma madrinha que era desses medrados ai, tava com um carro perto, ai ele entrou no carro e foi embora, pro rio de janeiro. Sentou praça lá, morreu lá como tenente do exército.

EB: Essa é a história pesada. Ai voltando agora para parte divertida. Disse que tinha um tal cabaré aqui, que a galera gastava o dinheiro todo, não era?

ZB: Fecha nunca de Loia. Era aqui nessa esquina aqui. Os garimpeiros vinham sexta feira do garimpo, iam tudo pra esse lugar dançar, e dançavam nu.

EB: Nu?

ZB: Era, no lugar, e a vizinha, dona desse sobrado ai era da turma, de dançar nu. Ela contava, e contava a meu marido que ele também já dançou lá nu. Quando ele era rapaz, dançou muito mais ela lá. E tinha as modinhas que cantavam que eu não posso nem cantar no meio de vocês como elas cantavam lá pra dançar.

EB: É brincadeira...

ZB: Mas, disse que tinha um lugar de colocar a roupa de homem e de mulher. E todo mundo dançava nu. E todo mundo dançava nu, aquela porcaria que não vale uma baguinha de jóia.

EB: E a diversão das mulheres tidas como normais, tidas como mulher de família, porque o homem quando achava o diamante ele ia pro cabaré, e a mulher fazia o que?

ZB: Nada, ficava em casa, esperando ele chegar.

EB: E a diversão da mulher?

ZB: Não tinha, naquele tempo não. Só assim, no tempo de reis, muito bonito e tudo, não sei, não tinha outra diversão não.

EB: Tia Val disse que a única diversão eram as roupa, já pensava em comprar. Ela garantiu que o que importava era deixar tudo certinho em casa, o que ele fazia na rua, não interessava.

ZB: Era, comprar roupa, era mesmo. Minha mae, quando ele pegava um diamante, chegava, dava uma parte de dinheiro, eu era menina, ela mandava, eu já mocinha, ela dizia, vai lá onde ta seu Juvêncio, diga a ele que me mande cinco metros de chita, ou cinco metro de madrastra, cinco metro de fazer lençol, era só no que ela pensava, era em lençol. Aí eu vinha, pegava, depois ela vinha pagar.

EB: É a gente so pensa mais na casa mesmo, né?

ZB: É, a gente pensa so na casa, meu pai dizia, ele era engraçado, quando ele pegava um diamante ele comprava coisa pra casa, era maquina, era as coisas tudo, tudo de dentro de casa, né. E quando as coisas arruinava, vendia.

EB: Claro.

ZB: Aí ele falava assim, eita diacho, já comecei a comer, maquina, alavanca, enxada, já comecei a comer. Vendia, né.

EB: Ele parecia falar sempre com muito humor, né?

ZB: Vixe, era uma pessoa, era um santo de bom também. Foi a pessoa com mais sorte no mundo, que meu pai, meu pai não, esse que eu conheci e me criou.

EB: Seu pai...

ZB: Então, meu pai era um santo de bom, eu nunca apanhei. Nunca me reclamou. A única vez que ele me reclamou, não reclamou. Tinha uma vizinha que o marido pegou o diamante lá, ai compraram requeijão e convidou ele, vamos tomar um café lá em casa hoje com requeijão. Ai nós fomos. Ai a dona era assim escura, ela botava uma lata de farinha assim e botava o requeijão lá dentro, né. Ai ela foi panhar o requeijão,

botou café lá e foi panhar o requeijão. Ai eu fui atrás ver onde ela botava o requeijão. E ele viu, ele me passou um olho que não teve quem me fizesse comer o requeijão. Só o olho, passou o olho assim.... Ele adulou, eu falei; não como, que eu não expiei, só olhei a lata, ai não comi o requeijão. Também, nunca mais. Quando eu fiquei noiva, ele falou com o noivo, que o noivo pediu em casamento, ele falou assim: eu vou te pedir uma coisa cê não dá a ela uma bala lá de sua venda, que é pra você não ter direito de carregar ela daqui pra passear, não quero que vc dê a ela uma bala, depois que você casar você dá tudo, mas antes de casar não quero uma bala. E nem quero que dá nada pro casamento.

EB: Era um homem que tinha uma honra a zelar...

ZB: Ai ele falou comigo vou te pedir uma coisa, eu falei, se eu puder. Não faz eu passar vergonha. Leva o véu e a grinalda. Falei, levo. Te garanto menina, quando eu tava noiva, tinha uma vontade de saltar fora, mas acabava lembrando.

EB: A promessa.

ZB: A promessa que eu fiz ao veio, leva o véu e a grinalda, eu levei.

EB: Muito bem.

ZB: Ele ficou satisfeito comigo.

EB: É pelo jeito que a senhora conta, a parceria que tinha com ele, era uma parceria que valia a pena. Além da relação de pai e filha, uma relação de amizade muito grande.

ZB: Ele passou vergonha com uma das irmãs, em Lençóis, o pai dele morreu, a mãe morreu e ele ficou com duas irmãs, ai ele foi pra lençóis trabalhar garimpo lá em Lençóis também. E aí quando ele voltou uma fugiu com um homem ai ele foi buscar e fez casar. Aí ele chegou e me pediu isso. Eu garanti ele, uma pessoa boa demais. A gente tem que.

EB: Então o garimpo pra senhora foi algo muito bom, não é?

ZB: Muito, fui criada com o garimpo.

EB: A história mais marcante do garimpo?

ZB: A alegria era quando pegava. A gente morava numa lapa, já não era aquela lá, era outra e todo dia meio dia, batia um trem no chão, marreta, parecia uma marreta, ai batia no chão meio dia. 12 horas. Ai minha mãe falou, tô cismada com esse negócio batendo ai, todo dia 12 horas, ai, eu também tinha medo, mas menino, já tinha uns dez anos já, eu falei, ai tem uma cobra, ou qualquer coisa tem ai. Ai quando meu pai

chegou pra comer, ela falou. oh, ainda não lhe contei, mas tem um negócio, todo dia meio dia bate aí. Aí ele falou, você sabe o lugar? Sei, bate aqui, mostrou o lugar.

Ele falou, amanhã venho antes de meio dia pra vê se isso é verdade. Ai quando deu 11 horas ele chegou. Com pouca, quando deu 12 lá começou bater, ele chegou olhou e falou, amanhã te pego. Ele falou com quem tava batendo. Aí eu fiquei naquela alegria pra pegar quem tava batendo, sem saber o que era. Ai ele chamou mais um companheiro dele que chamava Ambrosio, ai Ambrosio, amanhã nós vamos pegar um negócio que tá batendo lá dentro de casa. Ai ele falou, é jiboia? Ai ele falou, não sei, vamos ver Quando foi no outro dia, ele chegou, chegaram e meteram a ferramenta pra dentro e tiraram o cascalho ai pegaram 3 diamantes enorme, a coisa mais linda.

EB: Nesse lugar?

ZB: Nesse lugar, menina, pra mim foi uma alegria maior do mundo vê esses trem batendo lá e ser diamante. Nunca mais bateu. Eu tinha, tenho até hoje, uma casa ai de vez em quando a gente saia no quintal, tinha um trem batendo lá, no quintal. Eu tinha medo, aí o marido “Isso é coisa besta” Tem uma coisa batendo. Ai um dia ele levou um amigo lá, abre uma cata pra vê se pega diamante ai, ai o cara pegou um fininho, mas ele escondeu o dele, depois a gente soube que ele pegou um grosso e vendeu. Ele escondeu o dele, daí pra cá, nunca mais bateu lá no quintal. E dentro da casa tem um mistério também que que ninguém pode descobrir o que é o mistério, ai eu acho que é diamante.

EB: Faz barulho também?

ZB: Oxente, já vi derrubar o telhado. Eu tava com um dos meninos dormindo e ele veio aqui, pra venda, a venda era aqui, vizinha. Ai com pouca, caiu o telhado, desabou.... vixe matou o menino... cheguei no quarto não tinha uma telha no chão, nada, nada caído. Falei, meu deus do céu ai fiquei com medo. Aí panhei as coisas e vim embora pra aqui. Ele falou que não era nada “né nada não”.

Ai ficou, a gente ficou dormindo aqui, aqui só tinha esse cômodo, que a venda era aqui, onde é o quarto hoje, falei. Vou dormir aqui, vou ficar aqui. Aí fiquei aqui mais ele, quando foi no outro dia chegou um cara ai, no outro dia não, no mesmo dia de noite. Ô seu Nenem, vai lá que a casa tem gente, derrubaram um armário lá que não ficou um prato. Nós tava lá na porta de seu belo e viu o zuadão lá. Ai ele falou, ai meu deus do céu, será que é verdade que a mulher ta falando? Ai ficou.

Ai a gente foi, ele foi. O vizinho panhou logo um revolver, quando abriu a porta o armário no cantinho que tava, não tinha nada caído. e desse dia pra cá, quietou.

Ai nunca mais a gente viu lá, não sei se porque a gente falou qualquer coisa, quietou, eu tenho a casa lá. Agora mesmo eu aluguei ela e vão consertar ela lá. o povo vai achar esse diamante.

EB: Vai que o povo acha diamante lá.

ZB: E o quintal meu marido suspendeu, não deixou ninguém mais trabalhar garimpo, lá. O cara chegou vendeu, mostrou um pequenininho e o grande ele vendeu e nem falou. Ai ele suspendeu.

Esse terreno aqui, esse do rio pra cima, ali tinha muito diamante. Ai tem, o cara que comprou o terreno ai nessa época, comprou baratinho e ai largou. Ele veio trabalhar e trouxe as máquinas, diz ele que pegou 3 litros de diamante da primeira lavada, do cascalho. O João do pulo, já ouviu falar do rio do pulo? É aqui, o que tem o condomínio, agora que ele vai ter mais ainda.

É, não que o povo não deixa ele trabalhar, ele agora tá vendendo ai os lotes. O garimpo artesanal ainda faz, oculto mas faz. tem muito por ai. Eu tenho um terreno, tinha, mas vendi. Eu tinha um terreno ali no fundo também, perto do Joao do pulo, o dele é do lado de lá. O meu do lado de cá ai umas mulher pegou e começou trabalhando, tirando a capa, vizinho do meu quintal, mas não entra lá não, chegou bem na cerca, disse que pegaram um diamante com 3º grão. Ai foi aquele alvoroço, aquele povo, todo querendo trabalhar garimpo, mas o final deu lá no meu quintal, mas meu marido não deixou, não deixou seguir. Porque ele criava gado, ai ele não deixou não, ele falou, não, no meu ninguém bole. Esqueceram tudo, ai agora eu vendi, agora não, já tem uns três anos que eu vendi o quintal, mas a questão, não era pra deixar nem o homem nem fazer casa, foi proibido até fazer casa quanto mais tirar garimpo.

EB: É na realidade é por conta do meio ambiente mesmo, que está sendo muito explorado. Se tem que pensar que pegar em um local errado, pode gerar pequenos desabamentos, também.

ZB: Igual ao que contei a vocês, ai na gruta é tudo ocado do pessoal.

EB: A terra da gruta é da senhora?

ZB: Não é não, é ai do pessoal.

EB: De repente é uma gruta que se pode explorar para turismo.

ZB: É, porque você entra ali e vai sair lá no rio. Naquela ponte lá. É quase duas léguas de chão, por dentro. Você entra em um lugar que é um salão, entra em outro lugar que raspa as costas. Deixa eu contar um relato, aqui nessa serra desse cemitério, disse que é bem de frente com a igreja, a gruna que um cara, dois cara de fora

começou trabalhar, ai disse que pegaram uma quantidade de diamante, ai saíram e botaram uma pedra na boca que eles entravam e foi embora. Quando chegou lá um deu uma febre e morreu, ai ficou o outro, ai o outro disse que vinha pra tirar essa pedra, que era bem de frente da igreja. A pedra que ele colocou, ai depois o outro não sei o que foi que teve, nunca mais veio, e ninguém nunca descobriu essa pedra.

Ai eu falei assim, as vezes quando eu era nova, saia ai no morro ai expiando pra vê se eu achava a pedra, mas disse que ele tirou foi muito diamante e deixou muito cascalho, lá com diamante e ninguém nunca descobriu.

EB: Qual é a pedra, qual é a entrada, pra a gente combinar e ir...

ZB: E quem é que sabe? Se eu soubesse mesmo onde era a pedra, eu ia raspando.

Observação da pesquisadora: Brinco ao dizer que temos duas opções, a gruna e a pedra na serra. Dona Zelani afirma que se encontrar a gruna, é preciso levar o novelo, para não se perder. Que hoje tem celular, mas que é sujeito não pegar. A memória é necessária, e importante falar hoje sobre, pois é possível perceber uma comunicação e uma demarcação no território. O novelo de linha seria uma comunicação para entrada e saída, a pedra fechando a caverna está demarcando um espaço.

ZB: É, ele pegou uma laje e colocou. Essa laje, com certeza já caiu terra e nasceu assim uma plantinha e ninguém sabe onde é.

EB: Por detrás do cemitério também era local de garimpo?

ZB: Era, a gente vai beirando o rio aqui e sobe o rio e entra e sai lá na usina, eu já entrei muitas vezes. Agora mesmo um menino meu falou, ê mãe, cê não aguenta mais ir lá. Ah, não aguento não, lá tem Mucugê, uma fruta. Vamo lá nos pé de Mucugê. Quem disse que eu aguento mais?

EB: Mas também, já foi tanto.

ZB: Não tá vendo eu dizer que conheço essas terras todas daqui, pedra por pedra eu conheço.

EB: Uma coisa que a gente não comentou. Seu pai bebia?

ZB: Não, ele era evangélico...

EB: A senhora também era evangélica?

ZB: Não, não sou. O meu marido não era e tudo, mas a chegada a ...

EB: Católica?

ZB: Não, eu não falo porque minha filha é bem católica, agora mesmo vai para Itália no mês de agosto.

Curiosidade: A filha de Dona Zelani quis deixar a escola para ir pro convento, na adolescência. Mas a mãe impediu, queria que ela formasse no colegial. A filha formou, namorou, casou-se e após se separar, voltou a se dedicar à igreja; “Cê forma num dia, no outro você vai”.

APÊNDICE C.3 – Entrevista com Dona Neuza

Entrevistada: Neuza Maria Alves Santos Pina

Data: 14/10/2019.

Local: Casa da entrevistada, na cidade de Mucugê/BA

Legenda:

Pesquisadora: EB

Entrevistada: NP

Dona Neuza é descendente de garimpeiros, casada, mãe de dois filhos, um deles Junior Pina, conhecido como referência no setor turístico da cidade. A jovem senhora é técnica de enfermagem, mas foi garimpeira por necessidade, função que hoje só executa por prazer.

EB: Dona Neuza Qual a relação da senhora com o garimpo, de pais, da mãe?

NP: Minha relação é porque vem de pais para filhos porque assim meu avô era garimpeiro e o meu avô foi um grande garimpeiro na região em Igatú que era Antônio Félix. Só que na época do meu avô o carbonato tinha mais valor do que o diamante hoje então inclusive no livro cascalho tem falando do carbonato que ele pegou que foi o maior carbonato já pego na região.

E aí o meu pai também era garimpeiro meu pai era Sergipano veio do Sergipe pra Bahia E aí conheceu minha mãe por aqui e por aqui se casou e garimpeiro.

Aí Como funcionava ele ia para o garimpo todo dia levantava cedo ia para o garimpo e minha mãe ficava cuidando dos serviços da casa ou quando ela ia para o garimpo com ele quando as crianças era pequena ou antes dela deles terem filhos e ela ia com ele e ajudar trabalhar com ele também no garimpo. E ela ia fazer comida levava comida fazia e quando terminar vai ajudar ele, tipo assim quando eu ia pegar os cascalho pegar o barro de cascalho entendeu, então ela fazia a mesma coisa fazia a mesma coisa e minha mãe também ela foi garimpeira, professora leiga de Iगतu e assim nas férias quando ela podia e meu pai morreu também muito cedo quando meu pai morreu eu tinha 10 anos e depois depois de mim só mais seis irmãos aí ela se virava como podia para criar a gente né aí ela também garimpava ela limpava tirava o Cascalho ralava passava no ralo grande assim que eles faziam ralava saía toda

terra e ficava só o cascalho e pegava esse cascalho para a beira da água onde tinha água e lavava com a peneira e assim que ela criou a gente fazendo essa batalha toda.

EB: E vocês iam também para o garimpo junto com ela?

NP: Íamos várias vezes eu e meus irmãos não é que somos 10 irmãos a gente ia com ela geralmente ficava as mais velhas para olhar os mais novos e quem podia sempre ia com ela e aí e a gente ajudava colaborava como podia com ela.

EB: Nessa época vocês moravam em Igatú?

NP: Igatú.

EB: E o garimpo era próximo da casa?

NP: Ó, era próximo da casa porque Teve uma época que o garimpo era no quintal da minha casa. Tipo assim era lá que ela tirava o cascalho passava no ralo, tipo uma peneira Grossa, tipo no formato de uma caixa. Despeja o balde de Cascalho dentro e ia ralando. Fazia um negócio assim tipo de três pontas, pendurava o ralo e ia fazendo, fazendo assim. É isso, aí ia toda terra, e o que levava para a beira da água era só cascalho. Aí lavava. Muitas vezes foi momento de muita crise de passar até necessidade. E dia sim, de quando pegava o diamante era uma alegria imensa né porque sabia que tinha dinheiro, que tinha comida em casa, E assim que funcionava, a vida não é fácil para garimpeiras.

EB: E tinha mulheres além de sua mãe?

NP: Tinham, tinham várias mulheres, inclusive em Iगतu tinha Dona Alzira que era uma mulher assim, bem muito trabalhadora, assim uma senhora de idade lavava cascalho, inclusive com bateia. E várias, as maiores, a maioria das mulheres eram garimpeiras também.

EB: Pela necessidade ou será que pelo sonho

NP: Pela necessidade. Por que a gente vivia disso. Tipo assim, a gente comprava fiado na venda que hoje é mercado, né, naquela época era venda. Vocês compraram fiado na venda esperando pegar o diamante para ir pagar e era assim que funcionava

EB: Então para mulher funcionava como para o homem né?

NP: Funcionava como um homem. Como para o homem, claro que o homem era o chefe, tipo assim, tipo assim, eu que tava na frente de tudo, tipo o garimpo era de meu pai, quando minha mãe podia ir trabalhar com ele, ir no garimpo mais ele, mais era ele que comandava. Agora assim, quando o garimpo era dela, dela mesmo, como eu tô dizendo a você, que ela trabalhou, ela comandava.

EB: Mas tinha mais gente trabalhando com vocês ou ela ia sozinha com vocês. Tipo tinha gente trabalhando para ela?

NP: Não, não, era trabalhando para ela, era trabalhando parceria as duas. É tipo assim, o garimpo é meu e teu, nós dois se viram no garimpo e eu que achava, que era vendido e dividido em partes iguais.

EB: As mulheres no caso elas eram contratadas.

NP: Não.

EB: Então sempre era algo por conta própria.

NP: É o garimpo era por conta própria, só vi um garimpo, eu vi um garimpo por contratação quando tinha os maquinários que teve esses garimpos de Dália, que teve mulheres que trabalhavam nesses garimpos como cozinheira. Elas viam, tinha turma que trabalhavam no garimpo e elas iam como cozinheira. Mas trabalhar dentro do garimpo dentro do da Catra não. Agora esse garimpo manual a maioria das mulheres aquelas mulheres mais antigas.

EB: É porque se conta muito da história daqui, de que homem se juntavam mas sempre tinha alguém por fora, alguém que ajudava...

NP: É porque tipo assim, antigamente tinha muito isso, tipo assim, você fazia seu garimpo e eu te bancava no garimpo. Tipo assim, é porque eu não, eu esqueci a palavrinha que falava, que fala agora. Aí eu te dava feira para você ir para o garimpo, todo direitinho. Sim, tudo que você pegava no garimpo era dividido para mim e você.

EB: Seria o sócio, não?

NP: É não, porque eu me esqueci, eu me esqueci. É um nome pequeno, mas que eu não me recordo agora.

Eles foram nesse, uma pessoa te dava comida, você fazendo garimpo para ele, chega em casa nesse garimpo, bancava; Sim dava comida, era que dava a quem trabalhava, a quem se virava. Um lugarzinho para você, quando você pegava, era dividido para mim e você, entendeu? Tinha muito isso, geralmente quando era assim as mulheres não entravam. Geralmente as mulheres colaboraram com os maridos, quando eles dois...

Eu já trabalhei. Eu por exemplo, já trabalhei garimpo, eu trabalhei garimpo aqui com meu marido. Quando a gente, quando a gente veio morar aqui em Mucugê, eu não tinha emprego, quando a gente veio para cá, há 27 anos atrás, Júnior era pequenininho. Ele ia para o garimpo, e eu ia com ele ajudar, ajudar ele no garimpo, pau a pau, nós dois ali no garimpo.

EB: E a senhora fazia as mesmas coisas?

NP: Fazia. Ajudava, tirava pedra assim de dentro do garimpo, ajudava, dava balde de cascalho para ir lavar. Quando ia lavar o cascalho era pau a pau, nessas serras aí. A gente fazia uma farinha botar uma sacolinha e ir se mandava, de de manhã até de tarde.

EB: E a senhora chegou a pegar?

NP: Algumas vezes, muitas vezes era só frustração. A gente trabalhava demais, naquela expectativa de pegar um diamante para, para pagar as despesas e pagar as coisas e não pegava nada. Que garimpeira é isso né. Principalmente é incrível, quando você vai, quando você tá muito na necessidade, necessitada velho, é incrível, você nunca consegue pegar um diamante sabia? É mais fácil você ir para curtição, por esporte. Ah, vou trabalhar no garimpo hoje, mas quando você vai naquela expectativa de que eu tô precisando, poxa eu tô, é um negócio assim incrível mesmo.

EB: Parece que afasta, né?

NP: É parece que afasta. Aí uma vez eu tava no garimpo com ele e aí a gente andando assim, ele andando assim olhando por córrego, quando bate, quando eu olhei assim para o córrego um diamante grande. Aquele brilho sabe, aquela, aquela necessidade da época que a gente estava.

Eu costumo dizer; Júnior hoje nós somos ricos meu filho, em vista as dificuldades que eu e seu pai já passei. Quando eu fui com toda vontade para pegar o diamante ele sumiu, porque tinha muito sentada que mistério, né. Diamante é uma coisa misteriosa. Menina, a gente na necessidade de uma dama assim no Rio no córrego ele tava bem afastado em mim que eu olho só vi aquele brilho, foi com a mão contudo para pegar, ele sumiu eu procurei, ele procurou e nada não teve quem fizesse. A gente consegue aquele dia mais e mais.

EB: E a senhora passou por algum risco no garimpo?

NP: Não eu nunca passei a risco nenhum.

EB: Tipo de ficar na serra por dia e dias.

NP: Não, não eu nunca passei por isso.

EB: Aí era muito seguro né.

NP: Era sempre, os garimpos que eu fui, que eu já trabalhei era um garimpo Seguro. Nunca fui em garimpo para, para correr risco, esses negócio não

EB: E o seu marido?

NP: Ele também, que eu me lembro, que eu sei, que eu saiba não, inclusive na época dos garimpos dos maquinários, ele trabalhava, ele tem uma máquina ali em João do Pulo, o condomínio ali de João do Pulo; eu ia com ele, só que eu cozinhava para turma, só que tipo assim, eu quanto cozinheira, ganhava a mesma porcentagem que os peão que trabalhava no garimpo. Como o garimpo era dele, na época parece que era 3% que cada garimpeiro recebia aí eu cozinhava e eu também ganhava 3%, entendeu? E aí nós minhas horas de folga eu ia lavar a jaroba. Jaroba é aquele cascalho que já foi lavado. Como em garimpo dá muito diamante, porque já deu muitos diamantes, quanto eles estão lavando, aqueles diamantes mais finos costuma passar e eu já peguei muito diamante assim.

EB: E a senhora tinha que entregar?

NP: Não aquele era meu. Não porque a ali já era uma coisa como como se fosse lixo, entendeu? Descartada. E era o cascalho que ele já tinha descartado, e a gente chamava jaroba, era aquele cascalho já lavado e aí eu ia, eu e meu irmão. E aí eu e Marcos lavava esse cascalho e a gente pegou várias vezes. A gente pegou o diamante e na época nem eu nem meu irmão sabia lavar o cascalho que tinha, que saber sem saber manusear as peneiras, né? Aí eu ficava Doida atrás de meu marido, de Edmar, para ir lavar para me ajudar, para ir lavar, lava geral para eu por que a gente não sabia, uma novela as peneiras.

EB: Mão de obra extra.

NP: Mas era bom, fez um barraco para gente na época Júnior e Gisele era pequena. Eu tenho dois filhos; Juninho e Gisele. Eles eram pequenos, e levava para o garimpo. A gente passava a semana inteira no garimpo, e a gente só vinha para casa final de semana.

EB: E era divertido?

NP: Era divertido, era bom. São coisas assim que eu já passei na vida, eu falo, hoje a gente não tem nenhuma necessidade disso; eu tenho um emprego, eu tenho minha profissão, mas saiba que eu sinto saudade. Tipo assim, pegar a lenha, por exemplo, eu já peguei tanta lenha na cabeça, que hoje eu não tenho necessidade de fazer isso. Mas a gente tem uma roça e quando a gente vai para a roça a coisa que eu mais adoro é pega a lenha, sabe? Como assim, andar na serra, mexer com nas Pedrinhas como se tivesse trabalhando garimpo. São coisas que a gente hoje faz por esporte e eu gosto. Porque tem gente que cria um trauma, né? Ah, já fiz muito isso na minha infância, hoje não. Eu não, para mim...

EB: Qual a profissão da senhora hoje.

NP: Eu sou técnica de enfermagem.

EB: Misericórdia ainda foi estudar?

NP: Fui.

EB: E a senhora tem quanto anos?

NP: eu tenho 47 anos.

EB: Novíssima e viveu muito. Então a senhora casou cedo bem cedinho.

NP: Eu me casei com 19 anos.

EB: E aí já começou ir para o garimpo?

NP: Já estava grávida de Júnior, aí eu completei 19 anos em maio, quando foi em novembro Júnior nasceu. Eu sei que sempre tem muita história, né?

NP: Foi muito garimpo, foi muito garimpo, com meu marido, porque tipo assim, tipo assim, porque a gente é de uma família, o meu avô era um cara bem requisitado em Igatú. Era capangueiro como eles chamavam antigamente, capangueiro e comprador de Diamante, além de ser comprador de Diamante, era garimpeiro. E naquela época tava muito diamante, só que meu avô morreu cedo ele era muito valioso na época e ele foi para Salvador para uma cirurgia e lá em Salvador ele morreu na cirurgia e aí o que que aconteceu; minha mãe era pequena, eu era criança, naquela época as mulheres não tinha cabeça, avisando que tem hoje que que aconteceu, a minha avó começou a vender tudo que meu avô tinha para poder criar minha mãe e meu tio e naquela época vendia tipo assim. te dava tipo assim, trocar alguma coisa de valor com você pelo quilo de feijão e assim ela foi acabando com que meu avô tinha. Então minha mãe já veio de uma fase bem ruim e a gente veio também e agente também.

Que a gente tinha nosso pai, a nossa mãe, mas ela é assim aquela vida sofrida de garimpeiro de ir para Serra de Sabiá. Costumo dizer naquela época a gente se comia feijão com osso, né? Então é porque ela é feijão com osso. Fazia xique-xique, picadinho de xique-xique, aquele cacto palma, e essa comida pesada, a gente comer à noite meio dia, lá em casa minha mãe fazia uma farofinha, um arrozinho com carne para a gente comer quando, quando tinha carne, né? Porque o feijão é comida mais pesada, era para noite. Porque quando meu pai chegava do garimpo então meu pai passava o dia todo no garimpo, tipo assim dava 5:30, 6 horas, já tava todo mundo jantando porque meu pai chegava do garimpo ia tomar banho, meu pai também ele dizia que era enfermeiro.

Na época eu era criança não sei mas meu pai era considerado o médico de Igatú, porque ele quem aplicava injeção em todo mundo, eles fraturava, ele passava o medicamento, porque lá naquela época Igatú, hoje tá no céu, mas naquela época era muito difícil.

EB: Isso.

NP: Eu tinha aquela vilazinha ali, né? Aqueles casarões que você chega lá e ver hoje, não tinha nada daquilo. Era um lugar que você não achava nada para fazer para ganhar dinheiro, um centavo à não ser o garimpo.

EB: Porque na verdade todo mundo tinha mesmo necessidade, né?

NP: A mesma necessidade, então tipo assim, meu pai já curou muitas pessoas em Igatú, aí ele chegava do garimpo tomava banho dele e ia para as casas fazer a injeção em um, fazer injeção em outro. Tanto é que eu me lembro, que teve um dia que, meu pai tava no garimpo chegou uma mulher, uma senhora com tanta dor, tanta dor, desesperada que fez minha mãe aplicar uma injeção nela, minha mãe que nunca tinha feito uma injeção na época, de tanta dor que ela estava, ela foi procurar meu pai e só sei que minha mãe fez essa injeção e deu certo, né. Não, não atingiu nada.

As dificuldades que antigamente, e tipo assim, meu pai ele é considerado o médico da cidade, porque ela quer fazer isso tudo, era para tu que tivesse necessidade nessa área de saúde. Ele ajudava além de serem. Pera aí, depois que ele ia na rua, que ele tinha já as pessoas certas, tipo assim, você passou no médico, o médico ele passou seis injeções para você tomar uma por dia, ele chegava sair ia na casa da pessoa porque essa injeção e aí quando ele voltava era que ia para casa jantar, que essa janta era assim 5, 6 horas e Era feijão com osso, canela de boi, toucinho, comida pesada. Muito pesada, né? Que a gente ia a gente evita durante a noite.

EB: E no caso ela chegou a vir para cá também, para Mucugê?

NP: Meu pai, ele vinha muito aqui para Mucugê, porque ele tinha um médico aqui da cidade, que ele é muito amigo dele, do José Guimarães é o nome desse médico ele era médico e ele era espírita. E ele esse José Guimarães, ele tinha uma casa ali na capa bode, na trilha que desce para Igatú, ele tem uma casa e meu pai trabalhava com ele. Meu pai passava a semana inteira no capa bode, era no Capa Bode e aqui em Mucugê. Mas a nossa moradia mesmo era em Igatú.

EB: E a casa de Igatú, você ainda tem?

NP: Você sabe onde é o Centro Cultural de Igatú? Aquele casarão, eu já morei em várias casas em Igatú, já morei naquela casa, e a casa nossa mesmo, é a que é da

minha irmã Nívea, professora de Igatú. Nívea que é minha irmã, a casa que ela mora hoje era a casa da minha mãe, que a casa caiu fez que aconteceu, caiu. E aí era ruína, e aí minha irmã depois que casou, depois um tempo atrás, ela construiu a casa dela lá. Aí a gente morava naquela casa, Júnio ainda chegou a nascer naquela casa que hoje é o Centro Cultural de Igatú, de parto normal, com Parteira contudo. Depois que Junior nasceu foi que a gente veio morar em Mucugê, que a família do meu marido é daqui.

EB: E a senhora que é da área da Saúde, hoje como a senhora vê essa época, essas histórias, as parteiras, no caso de seu pai ser um suposto médico?

NP: Eu achava bem bacana, porque cuidar é muito bom. Você faz uma coisa por alguém, ser útil, você tá precisando de mim, e fazer uma coisa por você, tanto que é muito bom. Tanto que aparece volta e meia aparece uma pessoa dizendo Neusa Você pode me aplicar uma injeção? – posso! Quanto é? -nada não. Porque meu pai fazia isso, por nada, só por amizade. Ele nunca ganhou um centavo por isso que ele fazia.

EB: Então pode ter vindo dele, né?

NP: É, eu amo minha profissão, sabe. É uma coisa que desde criança, nas minhas brincadeiras de criança eu falava; eu sou enfermeira fulana. Só que aí eu casei muito cedo, tive filho, não pude sair para estudar mais.

EB: Mas chegou, né? Ainda nova.

NP: e eu vou fazer 20 anos, já de profissão.

EB: Então daqui a pouco a senhora se aposenta como técnica e volta para o garimpo?

NP: Não, esses dias eu tava aí falando, falando com meu marido, a gente falando com ele que a gente qualquer dia desse vai sair com as peneiras para dar umas garimpadas por aí. A gente tava conversando isso essa semana. Hoje é gostoso porque você vai, você não está preocupado em comprar o feijão e comprar o arroz, você vai para o esport. Já pensou achar diamante.

EB: E ele vai?

NP: Vai, de vez em quando a gente faz isso. Mês de julho, o irmão dele mora em São Paulo, estava aqui, a gente foi para Serra só uma, com monte de comida fizemos piquenique, levamos peneira. Naquela época a gente ia para comer mesmo, por necessidade.

EB: Aqui na proximidade ou mais longe esse lugar que a senhora vai quando vai assim nessa brincadeira?

NP: A gente vai assim, na cumbuca que nessa ponte aqui embaixo, nas piabas nessa perto daqui a gente vai.

EB: Por que dá para tomar banho, né, nessa ponte?

NP: Dá. Também já trabalhei garimpo aqui com uma amiga minha, nós duas, na época ela numa necessidade da zorra: bora Neusa trabalhar no garimpo? Umbora, a gente foi do outro lado do rio, o que é o rio hoje. Aí a gente foi bem naquela serra, lá em cima a gente fez esse esquema, a gente tirou o cascalho passou no ralo para tirar a terra e carregamos ele para bem perto do rio, para poder lavar. Imagine tu descer a serra com balde pesado de Cascalho na cabeça.

EB: Aí a senhora achou alguma coisa?

NP: Não, demos um duro da zorra, não temos, não achamos um diamante, acredita?

EB: E quando a senhora achava quem vendia, a senhora ou seu marido?

NP: Era meu, meu marido, que eu não entendo esse negócio de diamante eu não de peso, disso tudo.

EB: E ele te dava o dinheiro todo?

NP: Dava, entregava tudo, lembra que naquela época que tu colocava dinheiro na poupança, aumentava? Oxe, naquela época minha filha, tive um dinheiro da zorra, dinheiro pego de garimpo, lavado na Jaroba, ele que, que, eu lavava, ele vendia, e meu dinheiro ia para poupança, Aí depois que fechou os garimpos, né, que era garimpo do maquinário aí a gente ia usando o que tinha, usando que tinha.

EB: Então ele não é aquele homem preconceituoso não, que acha que a mulher não deve trabalhar, que não pode fazer. Como ele, como ele no caso, como eles homens, enxergaram vocês mulheres tipo a senhora sua mãe, não era lugar de mulher?

NP: Não, não, era tranquilo. Ele nunca, a gente nunca teve esse tipo de problema não, tava junto e pronto. Assim a minha mãe não costuma vir muito para o garimpo com meu pai porque minha mãe pariu muito, nós éramos dez irmãos, 10 pessoas, ela teve 10 filhos.

EB: O velho comia e ia procurar gaiatice, não tinha televisão.

NP: Exatamente, ela pariu um atrás do outro, depois de mim tem uma outra irmã minha. Na aula de Nalva para cá era todo ano, aí tinha que cuidar das crianças não tinha tempo de ir no garimpo e ela além disso ela era professora, como eu te falei essa é a vida. O velho trabalhava aí no capa bode chegava doido em casa para dar um cheiro e aí menino para dentro.

E como é que ela, é porque não ouviu nem falar em camisinha, nem no anticoncepcional que hoje, eu me admiro muito ver essas meninas novas so tarem tudo engravidando, que está tudo muito fácil hoje, você tem de graça Diu, você tem de graça anticoncepcional, você tem de graça camisinha, então a pessoa engravida hoje porque quer, naquela época não, naquela época não se ouvia falar de anticoncepcional, camisinha, essas coisas.

EB: E já passava o resguardo e já, já saía da cama preña.

NP: Porque que ele, povo antigo, tinha aquele resguardo depois que paria, era três dias em cima da cama tomando banho de leite, me lembro que não podia levantar; e tem umas senhoras que falava que naquela época só podia lavar o cabelo depois de 6 meses; agora imagine depois de seis meses de parida. Naquele povo antigo era resguardo mesmo.

EB: Aí já tava perto de ter a outra criança e já passava seis meses sem lavar de novo.

NP: Era a criança mamando e a mulher já estava preña; o negócio era brabo e com toda essa dificuldade que eu tô te falando. Agora sim, quando pegar o diamante também saia da miséria, né. Porque você é minha melhor, porque você podia fazer uma compra bem, você pagava que tava devendo e era assim que funcionava; a gente comprava fiado nas venda quando pegava o diamante ia pagar.

EB: Dava muito dinheiro, né? Pelo que as pessoas falam...

NP: depende, porque eles chamavam bamburrar. Falava assim o nome do meu pai é José, falava assim, Zé bamburrou no garimpo. Bamburrar quando pegava um diamante, era esse linguajar que eles usavam, e não vai fazer tanto feliz assim.

EB: E será que ele ia para o cabaré que todo mundo fala aqui?

NP: Não, não, essa época não era época do meu pai aqui em Mucugê. A época dele aqui foi depois que ele conheceu esse médico, Doutor José, que era muito amigo que os dois trabalhavam juntos e inclusive na época Doutor José queria que meu pai viesse trabalhar no postinho de saúde aqui com ele; porque na época aqui não tinha Hospital era os posto de saúde que hoje é PSF (Posto de Saúde da Família), né. E tinha uma clínica particular aqui na cidade e então o cabaré não foi da época do meu pai. Que como meu pai era garimpeiro ele ia muito, ele trabalhava com escafandria, ia trabalhar no São Francisco que era mergulhando para pegar o cascalho lá embaixo essas coisas todas e nessa época minha mãe ia com ele. Só que tipo assim ela não ia limpar com ele, e ia ficar nos barracos cozinhava porque no monte de homens que ia pro mais pesado. É né mas é mais pesado era um mergulho mesmo essas coisas

EB: Então era mais novas pessoas, né? Da nova formação as pessoas que chegavam porque era a professora da época e não faz tanto tempo assim, né?

NP: minha mãe morreu cedo morreu com 48 anos teve um AVC, e na época o socorro difícil na época em que Igatú só tinha um carro na cidade, que era Guina que que tem um barzinho ali na praça; só ele tinha um carro, que tinha um carro que era uma Rural, que na época quando passou aquela novela de Tieta primeira vez eu chamava o carro dele a princesinha do Agreste. Não, ela não era o nome daquele carro de Jairo que era o único carro da cidade, todo mundo que adoce é só ir atrás de Guina. Inclusive esse, minha mãe teve três avc, esse último que ela teve, foi exatamente no dia que o pai de Guina tinha se perdido na serra, que Guina tava na serra, procurando o pai e aí não tinha como levar minha mãe, para mandar, aí a gente teve que mandar atrás de um carro e mandar aí para vir buscar ela em Igatú. Então teve esse tempo todo, porque era o único carro que tinha em Igatú era esse.

EB: É, naquela época as pessoas morreram mesmo de AVC, né? Sendo que era uma doença que dava para dar socorro.

NP: E minha mãe era hipertensa crônica, era aquela hipertensa que tomava os medicamentos mais nada abaixa a pressão dela. Tinha hora da pressão dela está assim 26, 28 por 14 e ela tá de boa sem sentir nada.

EB: E nenhum dos filhos vieram ficar com essa herança genética?

NP: Assim hoje eu tenho duas irmãs que são hipertensas. Mas aquela coisa, mas eu quero a hipertensa controlada que nunca chegou a um valor desse, é aquela hipertensão de 16 pra baixo, nunca ao 18 aos 20.

EB: É, e hoje se tem uma gama de medicamentos muito grande, né que controla, manda o organismo se adaptar.

Dona Neuza – não, tem! E naquela época você não tinha, me lembro como se fosse hoje, minha mãe tomava furosemida, e hoje a gente usa mais como diurético.

EB: E aí morreu o pai morreu cedo logo depois da mãe, né?

Meu pai morreu com 68. Quando minha mãe casou com meu pai, minha mãe tinha 17, meu pai já tinha 30 e alguma coisa ele morreu com 68 anos. Depois de meu pai minha mãe viveu mais um tempo, né ela criou a gente. Quando meu pai morreu eu tinha 10 anos quando minha mãe morreu eu tinha 19.

EB: Aí você casou e ficaram outros irmãos.

NP: E ficaram outros irmãos.

EB: E desses irmãos algum trabalha só no garimpo?

NP: hoje não, o único que trabalha no garimpo hoje Abraão, que você deve conhecer. Meu irmão de Iगतú que tem um barzinho, lá também em Iगतu, Barzinho arco-íri. Um todo baixinho.

EB: É porque meu negócio é mais Mucugê então não conheço.

NP: Então hoje da minha família só quem trabalha em garimpo é só esse mesmo, porque depois que meu pai morreu com as dificuldades de Iगतu meu irmão mais velho foi para São Paulo, foi morar em São Paulo, e Abraão que é apaixonado pelo garimpo vive lá, tem um barzinho daí ele vai para o garimpo.

EB: Me responde uma coisa, como é que a senhora vê, a sua visão mesmo, a história das mulheres no garimpo, como a senhora enxerga isso, a senhora vê como pessoas que querem realizar um sonho ou que querem algo de necessidade ou só brincadeira?

NP: hoje, hoje nos dias de hoje, eu te diria como que é como o esporte agora naquela época era como necessidade. Era para comer você ia trabalhar para tirar o seu sustento ali do solo achar o diamante mesmo para comprar comida para comer, nada de encanto. É claro que a gente tem que gostar de tudo que faz, eu mesmo ia com prazer, mas eu ia sabendo daquela necessidade, naquela expectativa de pegar um diamante porque era para, para comer, para mim pagar o mercado, entendeu? Então naquela época, era é por conta disso que o povo trabalhava, necessidade de comer mesmo, hoje não hoje é massa a gente vai por curtição, brincadeira. Porque se não achar, não tem aquela questão, não tem questão nenhuma, né? Eu vou mas eu não tenho conta para pagar, não tenho comida para comprar, para pôr em casa, então você pegar, pegou; se não pegar paciência.

Mas a gente voltava triste, viu? Quando a gente ia para o garimpo tinha cabeceira, preparar o garimpo todo, fazer a cabeceira, que era a maneira que você faz para para correr o cascalho, né? E isso é onde tem água, onde não tem água, como te disse você rala, passa na Peneira e leva na beira da água para lavar e esse aí não dá nem para onde tem água você faz a cabeceira corre seu garimpo todo direitinho e sai a terra toda fica cascalho. E você só vai assinar no reggae, hoje passo cascalho, enche os baldes e passa para lavar. Ele leva para lavar, a gente voltava muito triste, sabe? Sabe aquele dia que tava precisando de comida em casa, a gente tava precisando das coisas, e você ia lavar seu garimpo naquela expectativa de pegar um diamante e não pegava nada? Velho, a gente voltava arrasada.

EB: E doía, voltava com o corpo dolorido?

NP: Não, não, não, porque a gente era acostumado. Nós já era acostumada de a garimpar, você nem sentia muito, mais eu doía mesmo era na alma, de saber que você tava ali na necessidade, necessitado de dinheiro e você não pegava um diamante.

EB: Não tinha outra coisa para fazer?

NP: Não, não, tinha tanta coisa para fazer. Você não achava nada para fazer nada. Era garimpo e garimpo.

EB: Só que essa válvula de escape mesmo.

NP: só. Aí comprava nas vendas quando demorava de pegar, às vezes você via, que você percebia que o dono da venda já te olhava meio assim, como quem não queria te vender mais e tal, e assim a gente vai levando a vida.

EB: Foi uma época é difícil.

NP: Foi no dia que ele se sente sozinho não tinha nada. Quem tinha seu emprego tinha, né? Na escola, no postinho de saúde. Quem não tinha não tinha.

EB: Mas tinham também, né?

NP: Tinha o povo, no interior é muito povo, muito solidário, é um povo que ele pode, pode até te xingar, pode até falar mal de você, mas na hora que você tá precisando tá todo mundo ali, todo mundo chega junto, entendeu? Naquela época a gente usava muito; vai na casa de Maria pega um copo de açúcar emprestado para mim, naquela época isso era normal, cavava mesmo, salva ali na casa de fulana: pega um pouquinho de sal emprestado, então, tipo assim, ajudava todo mundo.

Eu achava muito maneiro na época de semana santa, e no ano passado eu fui passar a semana santa com a minha irmã, eu tava até comentando isso com ela, na época de semana santa todo mundo queria compartilhar com todo mundo, então eu tenho, umbora mandar um pedacinho de abóbora para você e aquelas pessoas já mandava uma coisa, já mandava outra coisa para outra pessoa, então, tipo assim, acabava que toda aquela vilazinha de Igatú todo mundo mandava coisinha para todo mundo na semana santa e era aquela fartura de comida, todo mundo comia na casa de todo mundo.

EB: Uma coisa que eu queria saber se tem, fugindo da realidade, você fala de alguns contos, algumas fantasias, por exemplo, Dona Zelani conta que ouviram barulho, como se ao algo na casa das pessoas, ela sabia que ia achar um diamante. Tia Val fala do feijão, quando o feijão queimava, podia achar diamante. Na família da senhora tinha esses contos?

NP: É o povo fala muito essas questões mesmo, de ver uma luz. Meu pai fala muito que viu uma luz, aquele ali é brilho de diamante, vou pegar um diamante, quem realmente acredita nessas coisas.

EB: A senhora não tinha nada que já soubesse, não?

NP: Não, não, não, eu nunca tive isso, assim isso, né? Isso são as coisas de garimpeiro, são histórias que conta os contos, as lendas por aí. De dizer assim, eu vi um brilho ali, de dizer tem alguma coisa batendo, ou... Eu vi a mãe do meu pai fala assim, que eles viam muito uma, uma visagem em casa, isso é diamante. Agora assim, o meu marido ele já sonhou com muita coisa assim de ir para o garimpo e achar diamante sonhava antes de ir várias vezes.

EB: E o pessoal que comprava não eram pessoas ruins? Ou tinha grandes problemas com o comprador, né? Tem gente que conta história de comprador que não era bom.

NP: Não porque assim, você sabe que a pessoa que sempre quer tirar vantagem, muitas vezes as pessoas compravam o diamante com preço bem menos do que o valor que realmente, do que ele valeria. Mas só que tipo assim eu não tinha nem oportunidade de sair procurando quem desse valor melhor, porque você já tava doído para vender para poder pagar suas contas e comprar comida, então tipo assim, você ia procurar um jeito de vender logo.

EB: E nesse caso aí então que entra o papel dos homens, né? Independente da mulher pegar entregava para ele?

NP: Sim, sempre eles que vende, porque eles que entendem, sabem negociar, né. A gente mulher já não sabe muito negociar, esse, esse negócio de diamante. Eu mesmo não sei, não entendo esse negócio de peso, de quilate, de quantos pontos tem um diamante, de quantos quilates tem. Meu marido sabe isso tudo, mas eu não, geralmente o homem é que negocia. A gente quem tem marido, que antigamente tinha muita mulher viúva que era garimpeira, ela então, elas mesmo resolvia os negócio dela, ela que tinha que se virar, tinha que aprender. A gente aprende na raça, se quando, quando você não tem quem faz por você. Isso era naquela época, que se hoje eu tenho meus diamantes, eu mesmo sem entender vou negociar

EB: A senhora já sabe?

NP: Sei. Hoje se eu pego um diamante eu mesmo sei vender, hoje você vai no diamante e você negocia se encontra ele custa gosta de vender ele. o que se aprende para peneirar de fazer certo.

EB: Pois, é que aprende a pior parte, a peneirar. Porque a venda e hoje a senhora não tem a pressa de vender, né? Hoje o fornecedor chega aqui batendo para comprar a senhora pode ir escolher.

NP: Geralmente, hoje a gente não tem em casa, mas geralmente a gente tem e fica aí quando aparece um comprador bom, com preço que você ver que vale a pena a gente vende. Naquela época não, as pessoas ficavam loucas para poder vender, para poder pagar.

EB: E eles iam buscar na serra ainda, né?

NP: É! É que eram chamados de capangueiros, como eu te disse que meu avô fazia, os compradores do diamante. Que ali eles tinha balança, tinha tudo para poder pesar, se diamante eles tinham maquinário e todo.

EB: E a questão de mulheres no garimpo, sozinhas, por exemplo, tá no garimpo sozinha perto de homens emprestando a violência.

NP: Não, não, naquela época não se usava isso não, de estupro, de violência nessas coisas. Hoje que a gente vê, mais eu por exemplo nunca soube de nenhum, já teve várias pessoas de morrer em Garimpo por acidente, tipo assim você tá trabalhando em uma Gruta, né? aquele que tu tá entrando e aí desabava, morria, como eu já tive um tio que morreu assim, um tio que era marido da tia de minha mãe que a gente considerava como tio. Que eu também não conhecia, que eu nem era nascida na época, mas são essas histórias que a gente ouve, e ele no garimpo, o garimpo desabou e ele morreu preso dentro da gruna.

EB: Mas questão de violência não tinha?

NP: Não que eu saiba, não.

EB: Até porque a senhora é nova, né? E a senhora sabe que essa coisa da violência é reconhecida hoje, né?

NP: É isso, que tinha também tinha os pedófilos da vila e tudo, e a gente não sabe muitas vezes, você não levava por mal uma piadinha. Aqui as pessoas te dissessem, mas assim eu não sei.

EB: Tem mesmo, porque as questões de abuso que hoje se vê são identificados e vistas de forma como ela aí Justamente que existem uma mídia que propagou isso e antigamente não se tinha...

NP: E hoje em dia minha filha a gente vive no mundo, aqui tem umas mocinhas aí dois dias para a gente falar alguma coisinha dela, para, para elas colocarem na justiça porque elas querem ganhar dinheiro em cima. Tem muito isso também, a gente sabe

que tem aquela pessoa que é ruim mesmo, que fazem, mas a gente sabe que tem muita mulher que, que a gente sabe.

EB: E naquela época pode até ter existido, e a gente não sabe identificar, aquilo ali foi abuso, os homens que protejam suas mulheres e suas filhas.

NP: Naquela época tinha as histórias do cabaré, né? Que mulheres de família não passava nem perto, tinha essa coisa toda naquela época, né.

EB: Nesses lugares voltados para o garimpo, para retirada de madeira com homens, sempre vai ter né um cabaré, né?

NP: E naquela época os homenzinho iam para o garimpo. Porque hoje o dia é muito tava mais difícil, mas naquela época você tirava a Diamante, no pé de, no pé de esqueci o nome agora, mas você levantava o pé e você achava diamante em baixo, naquela época era diamante demais. Mas hoje é mais difícil tem muito diamante aí tem lugar que é rico que você não sabe onde é, a gente nunca sabe, meu diamante tá lá, a gente vai arriscar se eu for tocar isso aqui eu tô arriscando pode dar ou não.

EB: E naquela época tinha os cabarés, assim pelo que eu já li, tinha lugar que não era nem especificamente para sexo, era mais voltado à diversão mesmo, né? Porém muitas vezes as noites terminava nos quartos. Muitas vezes terminava no ato, né?

NP: Sim era mais dança, a bebedeira, esse negócio de casa de show.

EB: Acha que se tivesse um diamante aqui, se houvesse uma extração em massa sem bombas mais com algumas coisas da tecnologia, a senhora acha que seria possível fazer uma extração, se isso seria bom para Mucugê ou a senhora acha que não?

NP: Menina é bem relativo, eu acho que seria interessante, seria interessante tipo assim, a gente sabe que hoje em Mucugê já tem muitas coisas que não tinha antigamente e a gente sabe que o progresso chega e as coisas não chegam juntos, é a mesma coisa se de repente chega um garimpo. Que é bom para, vai ter melhorias muitas. Mas vai chegar muito coisa ruim para sociedade. Por que vão querer vir pessoas de outras localidades garimpar e a gente sabe que naquela época os garimpos aconteceram assassinatos as mortes, briga essas coisas, né? Mas seria interessante e eu tava lá no meio da serra.

EB: Já vi que a senhora vai aposentar e aí vai para a serra.

NP: É claro, por esporte agora.

EB: Seu marido já tá aposentado agora?

NP: Não, não meu marido é autônomo. Mas ele sempre foi autônomo, sempre trabalhou para ele.

EB: Mas ele ainda vai no garimpo, independente da senhora?

NP: De vez em quando, também por esporte.

EB: A senhora como técnica de enfermagem, percebe que tem mulheres trabalhando que estão contentes com isso, que se sentem bem trabalhando?

NP: Sim até porque hoje a gente trabalha, a gente escolhe vir trabalhar, né? A pessoa que não, que trabalha com o que não gosta é um profissional frustrado. Por mais que a gente ganha um pouquinho a gente faz com amor, porque a gente faz o que a gente gosta.

EB: Então de certa forma cidade está muito melhor.

NP: Tá porque tem mais empregos, tem essas fazendas que emprega muita gente, muitas pessoas é dona do seu próprio comércio.

EB: E que não tem mais essa diferença, se vai contratar uma mulher, né? Não tem o bom é isso hoje tem muitas profissões que eu vejo que eles dão mais prioridade para mulher, né?

NP: Nós mulheres estamos comandando aí minha filha, já era essa questão de mulher não pode isso, não pode aquilo, comigo isso nunca rolou, para mim os direitos são iguais se é para pegar no pesado, umbora.

EB: É, mas a senhora já vem de uma família estruturada para isso, né? Será que na época do seu avô, será na época da sua mãe e o seu do seu pai, então já tem uma, um ensinamento, uma condição. É diferente, é diferente, por exemplo, se eu fosse criada numa casa em que minha mãe fosse colocada de lado que ela não podia fazer certas coisas, né. Naquela que ela vivência dela iria estar em mim também, eu acho que talvez por isso que não tem que hoje em dia ter tantas mulheres que não tem a noção. A senhora acha que é a base da senhora, foi muito importante e hoje ela tá aí novinha daqui a 5 anos se aposenta??????

NP: Será com essa reforma.

EB: Tomara, tomara que alguém chegue e disfarça essa reforma para senhora poder se aposentar bem nova.

NP: Eu quero me apresentar me aposentar nova, aproveitar forte ainda. Não adianta a gente aposentar já caquético, já morrendo, né. Porque é isso que o governo quer né, é que a gente só aposente depois de velho caquético que a gente não aguenta mais nada.

APÊNDICE C.4 – Entrevista com Dona Isabel

Entrevistada: Isabel Maria Nascimento

Data: 15/10/2019

Local: Calçada na frente da casa de Tia Val (primeira entrevistada)

Legenda:

Pesquisadora: EB

Entrevistada: I

Valdelice Gomes da Silva (Tia Val): VS

Letícia Silva Vilarim de Oliveira (Dona Letícia, funcionária do Arquivo Público Municipal): L

Isabel Maria Nascimento, ano de nascimento 1950

Dona Isabel é uma dona de casa, que se divide entre Mucugê e Brasília. Tinha concordado em dar a entrevista, pois assim como as demais, tem ligação com a época do garimpo. Porém, no momento agendado, ao iniciar a entrevista com seu nome e ano de nascimento, após uma pausa em silêncio, resolveu que não queria mais dar a entrevista. Sua vizinha Tia Val, preocupada em manter a história viva, tentou a todo custo convencer a senhora a manter a conversa, desta forma, ali mesmo, no batente de ambas as casas, com a presença de Dona Letícia do arquivo Municipal de Mucugê, iniciamos uma visita às suas lembranças.

Após Dona Isabel dizer que não lembrava de nada, Tia Val deu início a uma lembrança sobre a época, incentivando uma coletiva conversa da qual Isabel decidiu assim participar.

VS: Minha mãe contou que meu pai trabalhava com o sobrinho dele Neco, certa vez eles foram lavar um cascalho, ela, ela sonhou com boi e que o boi dizia assim, Bé, o nome da minha mãe é Isabel. Bé, fale com Neco que não me mata não. No outro dia, um enorme diamante do tamanho de um boi. Diamante grande, alvo, igual ao boi que ela sonhou, e foi Neco quem encontrou. Essa era uma das lendas.

IN: É mas eu não lembro muito não, que quando pai e mãe trabalhou eu era pequena, só lembro disso aí, que eu ia lá e ela tava trabalhando, mas das coisas assim não.

VS: O garimpo era isso, muita coisa que eles viam, acreditavam naquilo, e depois não era verdade. Era diamante.

LO: Era tristeza grande, né Tia Val? Eu lembro que pai dizia que ia ali pegar um diamante e quando ele não pegava ficava numa tristeza bem grande.

IN: Mas também quando pega, é uma alegria grande. Era a semana todinha sem dinheiro quando não achava e aí torna a ir pro garimpo.

VS: Alegria de garimpeiro, alegria de filho de garimpeiro era achar diamante.

IN: Mas também quando não tem ele fica triste, a semana todinha sem dinheiro, aí torna ir de novo pro garimpo.

LO: É um trabalho também que machuca, né Bel, que machuca as pessoas. É, é uma coisa que ninguém guardou lá né.

IN: E é uma coisa que ninguém guardou lá, né. É aventurando. E tem horas que tem umas aventuras que é pesada. É que nem aqueles negócios que o povo fica cavando pra tirar ouro, também é aventura.

LO: Mas também não tem vitória sem luta, né.

IN: Mas é que nem que eu tô falando, dinheiro de diamante... Aqui mesmo em Mucugê, tanta gente que trabalha garimpo e nunca vi dizer que ninguém tem nada. Nunca vi dizer que ninguém enriquece do diamante. Meu tio mesmo trabalha e não enriquece, agora os compradores sim.

VS: Mas os compradores sim, esses enriquecem. Eles compravam e levavam pro exterior porque lá era que tinha, ele tinha o valor bom.

IN: Zazá mesmo tem, ele compra sempre, ele sempre me mostra, sempre o pessoal vai lá comprar. Ele trabalhou muito também, mas agora ele faz é comprar. Compra e revende... Meu marido era doidinho para mandar fazer um brilhante para mim, mas eu dizia que não queria não, depois eu não poder usar, com medo de sumir ou o ladrão querer pegar, sumir. Pra que ter um brilhante e não poder ir para Salvador, se for e alguém cortar meu dedo...

EB: Dona Isabel, aproveitando a conversa, me fala um pouco sobre sua mãe ter encontrado 16 diamantes. Como foi? Com quem foi?

IN: Ela trabalhou garimpo com uma amiga, Julia. Um dia elas foram lavar cascalho e achou 16 diamantes. Aí só alegria.

VS: Ficaram tudo alegre, 16 diamantes de uma vez só, era muito diamante.

IN: Os diamantes não eram grandes, eram pequenos, mas pegou 16 diamantes

EB: Elas estavam sozinhas?

IN: Estavam elas duas trabalhando sozinhas, agora para lavar o cascalho lá, foi meu pai, elas só juntaram. Elas só fizeram ajuntar, agora quem lavou foi meu pai.

EB: Então ela dividiram.

IN: Foi, agora naquela época o diamante era, não tinha valor não. Hoje tem mais.

VS: Hoje tem mais.

EB: E era muito diamante que tinha nessa época aqui, né?

IN: Era, e elas dividiram, no caso 8 diamante para cada uma. Mas no caso ai elas venderam e dividiram o dinheiro.

IN: Bem ali onde é Joao do pulo ali, naquela casona que tem, a primeira casa, por ali.

EB: Sim, logo depois do rio, né?

IN: É.

EB: E a senhora lembra o nome dessa pessoa?

IN: Julia, é!

EB: A senhora sabe mais ou menos o ano que isso aconteceu? A senhora já era nascida?

IN: Já. Só que eu não sei contar muito assim não, porque eu fui me embora

EB: a senhora aproveitou o dinheiro do diamante e foi gastar.

IN: Não, eu casei fui embora e ela ficou ai, eu fiquei 32 anos em Brasília. Ai eu não sei se elas continuaram. Ficou muito tempo também como fiscal na rua, só que quando ela trabalhou eu estava aqui.

EB: A senhora acha que essa época do diamante, para sua mãe particularmente era uma época boa.

IN: Era.

EB: De diversão?

IN: De diversão, e a alegria delas porque sendo mulher e pegou esses diamantes, né?

EB: E era para elas, né? Não era pra ninguém.

IN: É era pra elas.

EB: E no caso, o que o pai da senhora achava quanto a sua mãe ir trabalhar no garimpo com outra mulher, ele achava normal?

IN: É, era normal.

EB: Não tinha problema? Então, por exemplo, hoje tem homem que não gosta que a mulher trabalhe.

IN: Mas naquela época ninguém importava com nada não, sou filha de garimpeira e de garimpeiro.

EB: E fugiu daqui?!

IN: É porque eu casei e fui embora pra Brasília, fiquei 32 anos e eles ficaram aqui. Quando meu pai morreu eu nem tava aqui, já minha mãe eu tava aqui.

EB: A senhora gosta de estar aqui agora ou gostaria de estar em Brasília?

IN: Eu sou dividida, viu. Que eu gosto de lá e gosto daqui

EB: A senhora tem irmãos, irmãs?

IN: Tem uma que mora lá, e tá lá por causa de mim. Ai eu vim me embora e a turma que foi pra lá, tá lá.

EB: E nenhuma das filhas quis seguir o rumo do diamante, Dona Elsa tinha o talento e ninguém quis ir.

VS: Mas ela fica emocionada de ver a mãe, das pessoas valorizando a mãe, isso os filhos não tem nem palavras para agradecer, né bel?

LO: Eu conheci a mãe dela, ela trabalhou como fiscal aqui em Mucugê.

EB: A senhora e sua irmã chegaram a ir alguma vez pro garimpo com sua mãe?

IN: Eu fui só ver, eu era pequena, ia só brincar.

VS: Ela disse também que ia levar comida para o pai.

IN: É levava comida, meu pai trabalhou aqui e naquela pedrona lá, lá do outro lado do rio. Ia lá levar comida para ele, lá em cima na serra.

EB: Então isso aqui tudo, aqui bem próximo tinha diamante.

IN: E até hoje tem, é porque não tem é gente para trabalhar. Só trabalham pouco, e Val de Bezinha, que pega e tem hora que pega, pega, pega direto...É porque o pessoal tem outros meios agora de ganhar dinheiro, ai não quer saber de garimpo não.

VS: O artesanal que hoje ainda, ainda pode ser feito.

EB: Mas é pesado, né gente? O trabalho é pesado...

VS: É.

IN: É pesado.

LO: Você juntar aquele monte de cascalho e você vir para lavar para achar um diamante, aventurar se você vai achar, aventurar. Não sabe se você vai encontrar

IN: A gente alimentava por causa desse dinheiro, do garimpo. Era boa a época do garimpo.

VS: O que falta é gente para garimpar, e os que tem querem saber de outras coisas...

IN: A estimativa é disso daí ou menos, 30 ou menos.

EB: Agora em compensação, quem quer tirar são os empresários cheios de máquina, e acabar com o solo.

VS: E aí o Ibama entra, e já fizeram isso aqui com dragas e estragou o rio todinho.

EB: Dona Isabel, o que a senhora acha, como a senhora enxerga as mulheres no garimpo, lembrando que sua mãe já foi garimpeira, era conhecida pela história da cidade, que que a senhora pensa, se isso era bom ou não, ou como a mulher era vista. A senhora acha que isso iria prejudicar a mulher ou achava que fazia parte da construção da mulher mesmo?

IN: Eu acho que era porque ela gostava, entusiasmava porque via meu pai trabalhando, né, acho que era por isso.

EB: Mas a senhora acha que isso era bom, se fosse a senhora a senhora iria?

IN: Bom pra ela? Era! Eu iria.

EB: Então pra a senhora o garimpo sendo visto também como um local de trabalho de mulher é normal.

IN: É normal, é.

LO: Só não era esse difícil, mas como elas fizeram aqui, aí não era tão difícil, não

IN: Ela só não ia assim para serra, mas assim fácil elas iam

LO: Meu pai entrava naquelas assim, gruna e aquela água correndo lá, aí foi por isso que ele adoeceu.

IN: Só é uma coisa, a pessoa com dinheiro de diamante não fica rico não.

EB: Não?

IN: Não, acaba na mesma hora.

VS: É uma riqueza momentânea, passageira.

IN: Olha minha mãe trabalhou, meu pai meu irmão, meu marido trabalhou e o que é que tem de garimpo? NADA!

EB: E a senhora tem alguma superstição com o garimpo?

IN: Meu pai quando chegava ele dizia assim, eita diacho hoje não deu pra farinha. E quando ele pegava também ele vinha alegre, porque sabia que ia pagar a meia praça.

VS: O quinto, é o quinto.

IN: Quando ele pegava vinha alegre.